

UNIVERSIDADE DE LISBOA

**FACULDADE DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA**



**A AQUISIÇÃO DO ARTIGO EM PORTUGUÊS L2 POR FALANTES
DE L1 RUSSO**

Dissertação de Mestrado em Linguística

Nailia Rafikovna Baldé

Lisboa, 2011

A AQUISIÇÃO DO ARTIGO EM PORTUGUÊS L2 POR FALANTES DE L1 RUSSO

Dissertação apresentada em cumprimento dos requisitos para o grau de Mestre em Linguística da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa por Nailia Rafikovna Baldé sob a orientação da Professora Doutora Inês Duarte e da Professora Doutora Ana Lúcia Santos.

Faculdade de Letras
Universidade de Lisboa
Lisboa, Portugal

Lisboa, 2011

*À minha família,
pelo apoio constante e incondicional*

DECLARAÇÃO

Declaro que esta dissertação nunca foi apresentada, na sua essência, para obtenção de qualquer grau e que ela constitui o resultado da minha investigação pessoal, estando indicadas no texto e na bibliografia as fontes utilizadas.

Resumo

Ao observar os dados de falantes não nativos inglês (L2), foi verificado que, em geral, os falantes L2 cometem dois tipos de erros: a) a omissão de artigos; b) a substituição de artigos. Também foi detectado que essa substituição não é aleatória, mas pode ocorrer em contextos em que *Noun Phrase* (NP) tem determinado tipo de interpretação.

O presente estudo tem por base o trabalho de Ionin, Ko & Wexler (2004), que testam a Hipótese de Flutuação (*Fluctuation Hypothesis*), proposta por Ionin (2003), de acordo com a qual os falantes de L2 cuja língua materna (L1) não tenha artigos oscilam entre aquilo que a autora define como duas opções paramétricas: a associação do artigo à codificação de definitude ou a associação à codificação de especificidade.

A questão central neste trabalho é saber se os falantes de L2 português e L1 russo conseguem aceder a todos os valores do parâmetro proposto por Ionin (2003), o Parâmetro de Escolha do Artigo (*The Article Choice Parameter*). *I.e.*, a verdadeira questão é saber se a aquisição de uma L2 conta com o acesso aos diferentes valores paramétricos, portanto se conta com o acesso à Gramática Universal (GU). Os dados recolhidos permitem, de facto, confirmar essa hipótese.

Palavras-chave: aquisição de L2, Gramática Universal, artigos, flutuação.

Abstract

The data from English non-native speakers (L2) show that, in general, L2 speakers commit two types of errors: a) article omission; b) article replacement. It was also shown that replacement is not random, but it might occur in certain contexts where a Noun Phrase (NP) has a certain type of interpretation.

The present study was done along the lines of Ionin, Ko and Wexler (2004), who tested the Fluctuation Hypothesis, put forward by Ionin (2003). According to this hypothesis, L2 speakers whose L1 does not have articles fluctuate between what the author defines as two parametric options: the association of the articles to definiteness and the association of the article to specificity.

This study aims at determining whether Portuguese L2 speakers whose L1 is Russian can access all the values of the Article Choice Parameter. In other words, we want to know if the acquisition of a L2 language involves access to the different parametric values and thus involves access to the Universal Grammar (GU). Our results confirm this hypothesis.

Keywords: L2 acquisition, Universal Grammar, articles, fluctuation.

Índice

Resumo	i
Abstract	ii
Lista de Tabelas	vii
Lista de Figuras e Gráficos	viii
Lista de Abreviaturas e Convenções	ix
Agradecimentos	x
Introdução	1
1. Enquadramento teórico	3
1.1. Gramática Universal na aquisição de L2	3
1.1.1. O estágio inicial e o acesso à GU	4
1.1.1.1. Acesso total à GU	4
1.1.1.2. Acesso parcial à GU	6
1.1.2. <i>Transfer</i>	6
1.1.3. Opcionalidade	7
1.1.4. Hipótese de Flutuação (Ionin 2003)	8
1.1.5. <i>Input</i>	9
1.1.6. Sumário	10
1.2. Aquisição de artigos	11
1.2.1. Definitude e Especificidade	12
1.2.2. Codificação de definitude e de especificidade	13
1.2.2.1. Codificação de definitude e de especificidade através dos artigos	14
1.2.2.2. Codificação de definitude e de especificidade em russo	20
1.2.3. Parâmetro de Escolha do Artigo	22
1.2.4. Hipótese de Flutuação na aquisição de artigos por falantes de inglês L2	24
1.2.5. Desenho experimental de Ionin, Ko & Wexler (2004)	26
1.2.5.1. Condições Principais	27
1.2.5.2. Condições Adicionais	29
1.2.5.3. Resultados	30
1.2.6. Outros estudos que testam a FH	33
2. Estudo de aquisição do artigo em português L2 por falantes de L1 russo	37

2.1. Participantes -----	37
2.2. Tarefa -----	38
2.2.1. Teste de nível (TN) -----	38
2.2.1.1. Composição do teste -----	39
2.2.1.2. Resultados -----	40
2.3. Teste de ocorrência de artigos (TOA) -----	40
2.3.1. Formato do teste -----	40
2.3.2. Descrição das condições -----	41
2.3.3. Predição -----	45
2.3.4. Procedimentos de aplicação dos testes -----	46
2.3.5. Resultados -----	47
2.3.5.1. Resultados do grupo de controlo -----	47
2.3.5.2. Resultados dos falantes de português L2 -----	49
2.3.5.3. Distribuição de artigos em todos os contextos -----	57
2.3.5.4. Comparação de falantes de L2 definidos em função do nível de língua -----	60
2.3.5.5. Resultados individuais -----	62
2.3.6. Sumário -----	67
2.3.6.1. Contextos principais -----	67
2.3.6.2. Contextos adicionais -----	67
3. Conclusão -----	68
3.1. Acesso à GU e a Hipótese de Flutuação -----	68
3.2. <i>Input</i> -----	70
3.3. <i>Transfer</i> -----	71
Bibliografia -----	73
Anexo 1. Perfil de falantes de L2 português -----	79
Anexo 2. Os contextos organizados por condições -----	83
Anexo 3. Teste de ocorrência de artigos -----	95
Anexo 4. Teste para atribuição de nível -----	107
Anexo 5. Dados dos falantes de L2 português excluídos -----	111

Lista de Tabelas

Tabela 1. Parâmetro de Escolha do Artigo.	23
Tabela 2 Área de conflito.....	25
Tabela 3. Definitude vs. Especificidade: Contextos Intensionais.	31
Tabela 4. Definitude vs. Especificidade: Contextos Extensionais.	31
Tabela 5. Definido simples e Indefinido simples.....	32
Tabela 6. Dados comparativos dos contextos definidos.	32
Tabela 7. Contextos intensionais.	47
Tabela 8. Contextos extensionais.....	48
Tabela 9. Outros contextos.....	49
Tabela 10. Contextos intensionais.....	50
Tabela 11. Contextos extensionais.....	51
Tabela 12. Condição: Cadeia referencial.	53
Tabela 13. Escolha de artigo em predicativo do sujeito.	55
Tabela 14. Condição: Predicativo do sujeito definido.	55
Tabela 15. Condição: Predicativo do sujeito indefinido.	55
Tabela 16. Condição: Possessivo Nulo.	56
Tabela 17. Médias de desempenho nas diferentes condições por grupos.....	60
Tabela 18. Dados individuais de contextos principais divididos em padrões.....	64
Tabela 19. Percentagem de sujeitos de L2 português / L1 russo com uso semelhante aos sujeitos de L1 português.	66

Lista de Figuras e Gráficos

Figura 1. Modelo de Aquisição de L1 (White, 2003: 3).	3
Figura 2. Hipótese <i>Full Transfer Full Access</i> (White, 2003: 61).....	5
Figura 3. <i>Hipótese Full Access (without Transfer)</i> (White, 2003: 90).....	5
Gráfico 1. O uso do artigo definido <i>a/o</i> em contextos intensionais e extensionais.	51
Gráfico 2. O uso do artigo definido <i>the</i> em contextos intensionais e extensionais em inglês (Ionin, Ko & Wexler, 2004).	52
Gráfico 3. O uso do artigo indefinido <i>um/uma</i> em contextos intensionais e extensionais.	52
Gráfico 4. O uso do artigo indefinido <i>a</i> em contextos intensionais e extensionais em inglês (Ionin, Ko & Wexler, 2004).....	53
Gráfico 5. Ocorrência do artigo definido em todos os contextos definidos.....	57
Gráfico 6. Ocorrência do artigo definido em todos os contextos indefinidos.....	57
Gráfico 7. Ocorrência do artigo indefinido em todos os contextos definidos.....	58
Gráfico 8. Ocorrência do artigo indefinido em todos os contextos indefinidos....	58
Gráfico 9. Ocorrência de NPs simples em todos os contextos definidos.....	59
Gráfico 10. Ocorrência de NP simples em todos os contextos indefinidos.	59
Gráfico 11. Dados de ocorrência do artigo definido em todos os contextos com a divisão de sujeitos L2 por nível.	61
Gráfico 12. Dados de ocorrência do artigo indefinido em todos os contextos com a divisão de sujeitos L2 por nível.	62
Gráfico 13. Dados individuais de contextos principais divididos em padrões.	65
Gráfico 14. Dados de um falante de L2 semelhantes aos dados de falantes de L1.	65

Lista de Abreviaturas e Convenções

NP	<i>Noun Phrase</i> /Sintagma Nominal
<i>bare</i>	NP simples
L1	Língua Materna/Língua Primeira
L2	Língua Não-Materna / Língua Segunda
GU	Gramática Universal/ <i>Universal Grammar</i>
FH	<i>Fluctuation Hypothesis</i> / Hipótese de Flutuação
PEA	Parâmetro de Escolha do Artigo / <i>The Article Choice Parameter</i>
S₀	Estádio inicial na aquisição de uma língua
S_s	Estádio final na aquisição de uma língua
G	Gramática
PLD	<i>Primary Linguistic Data</i>
ILG	Interlíngua/ <i>interlanguage</i>
D	Determinante
DP	<i>Determiner Phrase</i> / Sintagma de Determinante
S	Sujeito
V	Verbo
O	Objecto Directo
ART.	Artigo
Sg.	Singular
Pl.	Plural
Sp.	Traço específico
Nsp.	Traço não específico
GEN.	Caso Genitivo
LOC.	Caso Locativo
NOM.	Caso Nominativo
ACC.	Caso Acusativo
NEG.	Negação
M.	Género Masculino
N.	Género Neutro
TN	Teste de Nível
TOA	Teste de Ocorrência de Artigos

Agradecimentos

É difícil de pôr em palavras tudo aquilo que eu sinto a apresentar esta dissertação. Pois, não se trata apenas de extensas horas de estudo e reflexão, mas significa também a chegada a uma meta que há alguns anos parecia inatingível e, contudo, tornou-se real graças a várias pessoas que, directa ou indirectamente, estiveram envolvidos neste trabalho.

As minhas primeiras palavras de agradecimento vão para os mais próximos que têm sido mais prejudicados com a realização desta dissertação que são o meu marido e o meu filho. Nhima, Mário, meus queridos, muito obrigada. Sem a vossa ajuda (e paciência) o presente trabalho nunca chegava a concretizar-se. Perdoem-me a falta de atenção, jantares frios e, por vezes, intolerância. *Mea culpa*.

À minha família que está tão longe mas está sempre dentro do meu coração, pelo amor incondicional, carinho e fé. Um muito obrigada à minha mãe que me incentivou nesta caminhada e que ainda não acredita que a mesma tem chegado ao fim.

Agradeço a Professora Doutora Ana Lúcia Santos e a Professora Doutora Inês Duarte, minhas orientadoras, pela confiança no trabalho proposto, apoio durante a elaboração da tese, saber partilhado e rigor exigido.

A todos os professores que tive no meu percurso académico, a Professora Maria José Grosso, a Professora Inocência Mata, a Professora Catarina Gaspar, a Professora Júlia Ferreira, a Professora Lídia Campos Rodrigues, pois, foram elas a inspirar em mim a sede de saber e a vontade de continuar. Um obrigada especial ao Professor António Avelar pela ajuda tão valiosa na elaboração de materiais necessários para esta tese.

Aos meus amigos, Cátia Severino, que é pura força de natureza, Viktoria e Nikolai Gakman, o meu porto seguro, Olga Simendeeva, Sónia Sousa, Svetlana Stupnikova, as ouvintes pacientes, que estavam sempre presentes, nos bons e nos maus momentos, e que nunca duvidaram das minhas capacidades, apesar de eu própria, por vezes, ter as posto em questão.

Às colegas, Raquel Ruiz, Silvana Abalada, Marisa Cruz, pela ajuda preciosa, palavras acolhedoras e segurança incutida na altura em que mais precisava.

À CLUL, pelo apoio financeiro e à Casa da Rússia, especialmente a Igor Khachin, Presidente da associação, pelo apoio logístico.

Aos meus informantes que abdicaram de vários dias de praia para poderem participar no estudo. Na verdade, sem eles o trabalho não existiria.

A todos que, directa ou indirectamente, contribuíram para a realização desta tese, o meu sincero obrigada.

Introdução

É o artigo uma palavra pequenina, de aparência insignificante. (...) Até poderíamos fazer dele um só capítulo, dada a abundância do material.

M. Rodrigues Lapa, *Estilística da Língua Portuguesa*.

Existem vários estudos na área da aquisição de artigos que mostram que alguns falantes cuja língua materna não tem artigos têm uma dificuldade particular na aquisição dos mesmos (Ionin 2003, Ionin, Ko & Wexler 2004, Huebner 1983, Lu 2001, White 2003, Snape 2006, Snape, Leung & Ting 2009, Zdorenko & Paradis 2008, entre outros). Mesmo os falantes de níveis avançados evidenciam desvios no uso de artigos. Ionin & Wexler (2003) sugerem que em inglês, em particular, “learners often use articles inappropriately – i.e., they do not appear to have mastered the semantics of English articles”. Ao observar os dados de falantes de L2 inglês, foi verificado que, em geral, os falantes de L2 cometem dois tipos de erros: a) a omissão de artigos; b) a substituição de artigos. Também foi detectado que essa substituição não é aleatória, mas pode ocorrer em contextos em que o NP tem determinado tipo de interpretação. O presente estudo não tem por objectivo analisar todos os valores possíveis dos artigos, mas fixa a sua atenção nos valores de definitude e de especificidade.

O presente estudo inspira-se no trabalho de Ionin, Ko & Wexler (2004), que testam uma hipótese, denominada Hipótese de Flutuação (*Fluctuation Hypothesis*), proposta por Ionin (2003), de acordo com a qual os falantes de L2 cuja L1 não tenha artigos oscilam entre aquilo que definem como duas opções paramétricas: a associação do artigo à codificação de definitude ou à codificação de especificidade.

A questão posta é se os falantes de L2 cuja L1 não tem artigos conseguem aceder a todos os valores do parâmetro proposto por Ionin (2003), o Parâmetro de Escolha do Artigo (*The Article Choice Parameter*), quer eles sejam relevantes para a língua em aquisição quer não, ou apenas ao valor relevante, ou não acedem a nenhum valor. *I.e.*, a verdadeira questão é saber se a aquisição de uma L2 conta

com o acesso aos diferentes valores paramétricos, portanto se conta com o acesso à GU.

Sendo o português uma língua que possui um sistema de artigos completo semelhante ao sistema do inglês, *i.e.*, tem uma categoria que codifica definitude expressa por categorias morfológicas *o(s)*, *a(s)*; *um(uns)*, *uma(s)*, é pertinente ver se os sujeitos falantes de L2 português cuja L1 não tenha artigos terão comportamento desviante quanto ao uso dos mesmos e se os dados obtidos corroboram a hipótese colocada por Ionin (2003).

No âmbito do presente estudo, foi adaptado ao português e alargado o teste de Ionin, Ko & Wexler (2004). Participaram 40 informantes de L1 russo (alguns deles bilíngues de russo e de ucraniano) e L2 português. Todos os participantes têm um nível de proficiência elementar ou médio-baixo.

A primeira parte do presente trabalho faz uma breve abordagem dos estudos realizados na área de aquisição de L2, em geral, e na área de aquisição do artigo, em particular, detendo-se mais pormenorizadamente na proposta de Ionin, Ko & Wexler (2004), dado que os autores testam um parâmetro semântico novo, o Parâmetro de Escolha do Artigo, e a Hipótese de Flutuação.

Pretende-se observar a natureza dos valores semânticos em questão, para determinar o tipo de operações que estes valores codificam em línguas aqui discutidas, o português e o russo.

A segunda parte do estudo descreve a metodologia aplicada e apresenta os resultados observados globalmente e analisados, em seguida, individualmente.

Na terceira parte, a parte final, são comentados os resultados obtidos, tendo em conta o papel do *transfer* e do *input* na aquisição dos artigos.

Com a presente investigação pretende-se contribuir para a discussão de problemas relevantes na área da aquisição de L2, tais como: (i) acesso à Gramática Universal no processo de aquisição de uma L2; (ii) existência de valores de parâmetros assumidos por defeito; (iii) natureza dos factos linguísticos que, no *input*, podem funcionar como gatilhos (*trigger*) para a aquisição.

1. Enquadramento teórico

Apesar de existirem vários estudos na área de aquisição de L2, assumindo o modelo da Princípios e Parâmetros (Chomsky, 1981), o tema de acesso à Gramática Universal (GU) e de fixação de parâmetros continua a estar na mira de investigadores. A questão posta é como é que os falantes de uma segunda língua (L2) adquirem essa língua, em particular como adquirem os valores paramétricos de uma língua não existentes na língua materna (L1). Várias hipóteses que surgem à volta desta questão relacionam-se com a possibilidade de acesso à GU na aquisição de uma L2.

1.1. Gramática Universal na aquisição de L2

Segundo a teoria chomskyana, as crianças têm uma predisposição inata para a aquisição de línguas, cujo desenvolvimento é muito semelhante, por exemplo, à capacidade de andar. Desde que o ambiente que rodeia a criança seja propício à aprendizagem, *i.e.*, desde que o ambiente forneça *input*, ela não necessitará de mais estímulos externos. Ou seja, a faculdade da linguagem é equiparada a um órgão que é activado sempre que existe *input* linguístico. A aquisição de uma L1 passa por vários estádios, partindo do S_0 , o estádio inicial, e terminando no S_s , o estádio final, que corresponde à gramática adulta (ver Figura1).

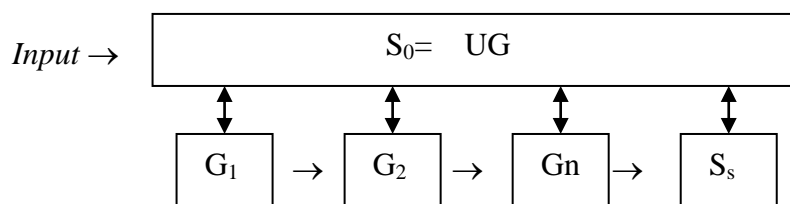


Figura 1. Modelo de Aquisição de L1 (White, 2003: 3).

A aquisição de uma L1 é um processo natural e que, aparentemente, acontece sem esforço. Em contrapartida, na aquisição de L2, o estádio final do adulto, que na maior parte dos casos diverge da gramática do falante nativo, como também os estádios intermédios, sugerem que o percurso de aquisição é bastante diferente. A aquisição de L2 não começa a partir do zero, já existe uma gramática (completa, no caso dos adultos) com princípios e parâmetros estabelecidos. A

questão é se a aquisição de L2 continua ser mediada pela GU e se o ponto de partida corresponde ao estágio final da L1 ou à GU.

1.1.1. O estágio inicial e o acesso à GU

As questões do estágio inicial e do acesso à GU são dois assuntos interligados. Os dados que os falantes de L2 fornecem dão pistas indicadoras para determinar o tipo de acesso à GU e se o acesso à GU é possível na aquisição de uma L2. Conforme a definição dada por White (2003), o termo *estágio inicial* (*initial state*) “is variously used to mean the kind of unconscious linguistic knowledge that the L2 learner starts out with in advance of the L2 input and/or to refer to characteristics of the earliest grammar”. Existem várias propostas para o estágio inicial de aquisição de L2, algumas delas descritas em White (2003). Por exemplo, *Full Access Full Transfer*, de Schwartz & Sprouse (1994, 1996), a hipótese de *Minimal Trees*, de Vainikka & Young-Scholten (1994, 1996), a *Valueless Features Hypothesis*, de Eubank (1993/1994, 1994, 1996) propõem todas a L1 como o estágio inicial; a *Initial Hypothesis of Syntax* de Platzack (1996), *Full Access Hypothesis (without Transfer)* de Epstein, Flynn & Martohardjono (1996, 1998), sugerem a GU como o estágio inicial. Tendo em conta o nosso estudo, consideremos apenas duas hipóteses: *Hipótese de Full Access Full Transfer* (Schwartz & Sprouse, 1994, 1996); *Hipótese de Full Access (without Transfer)* (Epstein, Flynn & Martohardjono, 1996, 1998).

1.1.1.1. Acesso total à GU

a) *Full Access Full Transfer* (Schwartz & Sprouse 1994, 1996)

De acordo com a hipótese de Schwartz & Sprouse (1994, 1996), o estágio inicial na aquisição de L2 corresponde ao estágio final da L1. Significa que, no início da aquisição, os sujeitos de L2 fazem transferência total das propriedades da L1. No entanto, afirmam, “the learner is not “stuck” with representations based of the L1 steady state. When the L1 grammar is unable to accommodate proprieties on the L2 input, the learner has recourse to UG options not instantiated in the L1, including new parameter setting, functional categories and feature values...” (White, 2003: 61). Ou seja, apesar de os sujeitos de L2 terem a L1 como o estágio inicial, na ausência de estruturas equivalentes à L2, eles acedem,

em simultâneo, à GU. A interacção entre a L1 e a GU dá-se logo no início da aquisição. O esquema de *Full Access/ Full Transfer* (FT/FA) é apresentado na Figura 2.

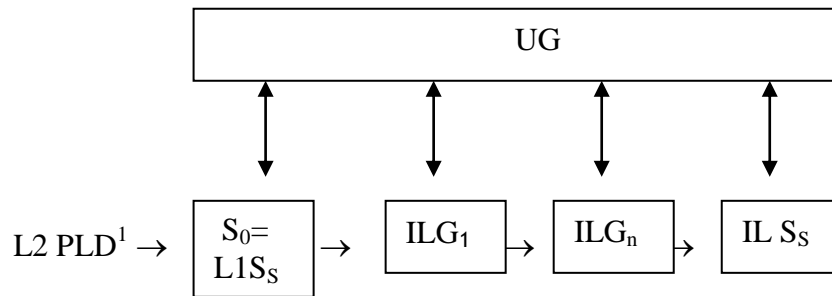


Figura 2. Hipótese *Full Transfer Full Access* (White, 2003: 61).

b) Hipótese de *Full Access (without Transfer)* (Epstein, Flynn & Martohardjono, 1996, 1998)

Esta hipótese é idêntica à hipótese FT/FA quanto à possibilidade de acesso directo à GU. White (2003) indica que, de acordo com a hipótese de Epstein, Flynn & Martohardjono (1996, 1998), “the interlanguage grammar is UG-constrained at all stages; grammars conform to the principles of UG and learners are limited to the hypothesis space allowed by UG”. Porém, as divergências surgem na determinação da natureza do estágio inicial de aquisição de L2. Como o próprio nome indica, a hipótese de *Full Access sem Transfer* rejeita a possibilidade de a L1 ser o estágio inicial de aquisição de uma L2, considerando que o ponto de partida da aquisição de L2 é o mesmo que da aquisição de L1, ou seja, é apenas a GU. O esquema de *Full Access (without Transfer)* é apresentado na Figura 4.

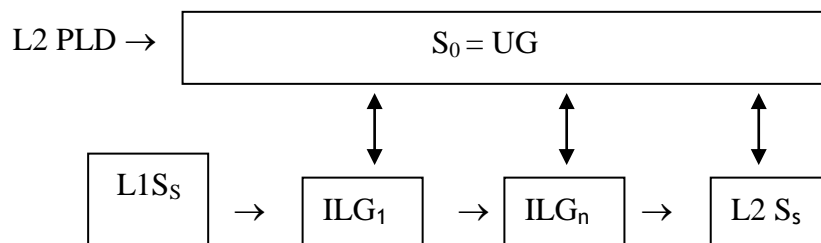


Figura 3. Hipótese *Full Access (without Transfer)* (White, 2003: 90).

¹ PLD: *Primary Linguistic Data*; ILG: *interlanguage*.

Uma das questões relevantes relacionadas com o estágio inicial prende-se com a determinação do momento em que se dá a passagem do estágio inicial para o estágio seguinte. White (2003:64) afirma que “while Full Transfer Full Access predicts evidence of L1-based properties in early interlanguage, it crucially does not make any predictions about how long L1 influence should last. It is not the case that restructuring of the initial-state grammar necessarily takes place early on, nor is it the case that the whole grammar must be changed at once”.

1.1.1.2. Acesso parcial à GU

Enquanto as hipóteses supracitadas sugerem o acesso total à GU, outras hipóteses, nomeadamente a *Representational Deficit Hypothesis* (Hawkins & Chan, 1997) e a *Interpretability Hypothesis* (Tsimplici, 2003 e Tsimplici & Dimitrakopoulou, 2007), assumem um acesso limitado à GU. A *Representational Deficit Hypothesis* assume que os traços de categorias funcionais que não estão disponíveis na L1 não podem ser adquiridos na L2. No caso da *Interpretability Hypothesis*, assume-se que os traços não interpretáveis não seleccionados na L1 não estão disponíveis na L2.

1.1.2. Transfer

Do ponto de vista dos modelos de acesso total à GU, a aquisição de L2 é semelhante à aquisição de L1, no sentido em que a aquisição é mediada pela GU. No entanto, tendo em conta que já existe uma língua adquirida, levanta-se a questão de *transfer*, como se viu no confronto entre os modelos de Schwartz e Sprouse e de Epstein, Flynn & Martohardjono.

Ionin (2003) refere vários estudos que apontam tanto para a evidência da transferência de propriedades de L1 para L2 (Schwartz & Sprouse, 1994; Robertson & Sorace, 1999, entre outros, e Vainikka & Young-Scholten, 1994, 1996 para o *transfer* parcial, que evidencia apenas a transferência de categorias lexicais, mas não de categorias funcionais) como também para a ausência de *transfer* (Flynn 1987, Flynn, Foley & Lust 2000, entre outros). Por exemplo, tendo em conta a hipótese de Schwartz & Sprouse (1994, 1996), a hipótese FT/FA, o estágio inicial está totalmente determinado pela transferência de propriedades da L1. Schwartz & Sprouse (1994, 1996) baseiam a sua hipótese nos dados provenientes da pesquisa de Hulk (1997), que encontrou clara evidência de

transfer no domínio de aquisição de ordem de palavras por um sujeito de L1 holandês e de L2 francês. O sujeito aplicava a ordem SOV/V2 em francês. No entanto, a tendência para usar a ordem de palavras da sua L1 diminuía à medida que se observava progressão na aquisição de L2. Como Ionin (2003:15) afirma, este facto sugere que “learners were able to reset the parameter governing verb placement to French value”.

A hipótese de Epstein, Flynn & Martohardjono (1996), a *Hipótese Full Access sem Transfer*, descrita em White (2003), rejeita a possibilidade de a L1 constituir o estágio inicial e defende o ponto de vista de que a GU esteja disponível em qualquer estágio de aquisição da L2.

1.1.3. Opcionalidade

Por outro lado, há estudos na área da fixação de parâmetros em que os falantes de L2 não evidenciam, aparentemente, a transferência de valores de L1 mas em que os dados também não revelam aquisição das propriedades de L2. Estes casos aparentam um fenómeno identificado como opcionalidade. No âmbito deste trabalho, assumo para a opcionalidade uma definição adoptada por Ionin (2003), *i.e.*, o fenómeno é visto como “optional adherence to parameter setting”. Ou seja, a opcionalidade na escolha dos valores paramétricos tem a ver com o comportamento linguístico dos falantes de L2 que parecem aceitar mais de um valor do mesmo parâmetro ao mesmo tempo. Alguns destes casos envolvem a refixação dos valores de L1 para L2: o desempenho dos falantes de L2 não é 100% consistente com os valores de L1 nem 100% consistente com os valores de L2. Por exemplo, os falantes cuja L1 tem ordem canónica SVO ao adquirirem uma L2 SOV passam por um estágio durante o qual usam tanto SVO como SOV (Vainikka & Young-Scholten, 1996: 15). Ou seja, os dados mostram que os falantes de L2 optam, por vezes, ora por valores da L1 ora por valores da L2. Ionin (2003:17) indica também que, no domínio da subida do verbo, existem estudos que apontam para o facto de os falantes de L2 exibirem os valores paramétricos ausentes na sua L1 e na L2 em aquisição. Num trabalho sobre sujeitos de L1 russo e de L2 inglês no domínio da subida do verbo, Ionin e Wexler (2003) verificaram que os sujeitos faziam, às vezes, a subida de verbos finitos como também de participios passados, apesar de nem o russo nem o inglês permitirem a subida do verbo. Outros investigadores (Eubank *et al.* 1997),

referidos em Ionin (2003), White (2003), encontraram resultados semelhantes com sujeitos de L1 chinês, outra língua que não permite a subida do verbo. Estes dados sugerem que os falantes de L2, ao fixarem valores paramétricos que não estão associados nem à L1 nem à L2-alvo, evidenciam acesso directo à GU. De acordo com Ionin (2003), o domínio da escolha de artigos (*article choice*) é outro campo em que os falantes de L2 evidenciam opcionalidade, mesmo em casos em que não se trata de refixação de parâmetro, por se tratar de casos em que a L1 não pode ser base para qualquer mecanismo de *transfer*. A questão do acesso a valores paramétricos não presentes na L1 nem na L2 é, de facto, muito relevante para o presente trabalho.

1.1.4. Hipótese de Flutuação (Ionin 2003)

Ao observar dois importantes factos nas pesquisas anteriores:

1. os falantes de L2 têm acesso a valores paramétricos que não pertencem à L1 nem à L2.
2. os falantes de L2 fixam ora a um valor paramétrico ora a outro,

que vão ao encontro das hipóteses de acesso total à GU (Schwartz & Sprouse (1994; 1996) e Epstein, Flynn & Martohardjono (1996), entre outros), Ionin (2003) formula, então, uma hipótese, denominada Hipótese de Flutuação (1), que capta ambos os pontos referidos anteriormente:

(1) Hipótese de Flutuação (FH)

- a) Os falantes de L2 têm acesso total aos princípios e aos valores paramétricos da GU.
- b) Os falantes de L2 oscilam entre diferentes valores paramétricos até o *input* os levar a fixar o valor paramétrico apropriado.

(Ionin, 2003: 23)

Segundo a FH, os erros dos falantes de L2 não são aleatórios, mas reflectem os possíveis valores paramétricos da GU. No caso da possibilidade de *transfer*, e se os valores da L1 não coincidirem com os valores de L2, é possível que os falantes oscilem entre os valores da L1 e da L2. No entanto, se a L1 do falante não

tiver valores paramétricos passíveis de aquisição na L2, o *transfer* não poderá ser estabelecido. Neste caso, os falantes L2 vão aceder a todos valores paramétricos disponíveis na GU sem dar preferência a um ou a outro. O *input* tem, então, um papel preponderante, pois, vai determinar a escolha pelo falante do valor apropriado.

1.1.5. Input

O sucesso na aquisição de uma língua, quer L1 quer L2, não depende somente do acesso à GU. A Gramática Universal apenas disponibiliza várias possibilidades para fixação de um parâmetro, que o sujeito de L2 tem de considerar, antes de se decidir por uma delas. De acordo com White (2003), “parameters give the language acquirer advance knowledge of what the possibilities will be, that is, they severely restrict the range of choice that have to be considered”. Agora, observemos a influência do *input* na aquisição de L2. O *input* desempenha o papel determinante na escolha entre os possíveis valores propostos pela GU. Na aquisição de L1, existem vários estudos que descrevem crianças privadas de contacto com línguas humanas na infância, o que impossibilitou a aquisição linguística após o período crítico (entre eles, o famoso caso de Genie, que foi privada do contacto humano até aos 13 anos de idade – veja-se Curtiss, 1977). Também na aquisição de L2 o *input* determina que valor do parâmetro é relevante para a L2, ou seja, o *input* fornece pistas necessárias que fazem o sujeito escolher entre vários valores possíveis. Considerando, por exemplo, a aquisição de ordem de palavras, descrita em White (2003), “in the case of a language like English, various properties of the *input* could potentially trigger the head-initial setting, such as verb-object (VO) or P-NP order, both of which show that heads precede their complements”. Quanto a estímulos na aquisição de artigos, parece que os *triggers* não são facilmente observáveis no *input* ou têm carácter ambíguo. Existe um conjunto de propriedades sintáticas, morfológicas, semânticas e pragmáticas que o sujeito tem de descobrir através da exposição à língua. De acordo com Ionin (2003), para a fixação de um determinado valor paramétrico, o indivíduo necessita de formular uma generalização baseada em várias pistas fornecidas pelo *input*. Contudo, tendo em conta que algumas pistas têm interpretação ambígua, os falantes de L2 têm dificuldade em construir uma generalização, o que sugere que algumas pistas do *input* são mais fáceis de avaliar

do que outras. Ionin (2003) sugere, aliás, que, apesar de os sujeitos de L2 terem acesso directo a todos os princípios e parâmetros da GU, a capacidade de avaliação, generalização e processamento do *input* diminui em comparação com os sujeitos de L1².

1.1.6. Sumário

Há três pontos fundamentais em que será baseado o presente estudo:

Há vários estudos referidos em White (2003) e Ionin (2003) que mostram que os falantes de uma L2 evidenciam o acesso total à GU e aos parâmetros que não estão presentes na L1. Tendo este facto em conta, no âmbito do presente estudo, vou assumir a posição de acesso a todos os princípios e parâmetros da GU.

Existem dados que demonstram a possibilidade do *transfer* de valores paramétricos de alguns domínios da L1, como também a capacidade de refixação de valores. No entanto, dado que o tema deste trabalho é a aquisição de valores paramétricos não instanciados na L1 dos falantes, o *transfer* é excluído à partida ou, então, a interferência da L1 pode manifestar-se através do uso excessivo dos nomes simples (*bare nouns*). *I.e.*, na ausência de artigos em russo, no estágio inicial, é possível a ocorrência de nomes simples em contextos não esperados na gramática alvo.

Existem dados na aquisição de L2 que evidenciam o acesso aos valores paramétricos não presentes na L1 nem na L2 de falantes. Ionin (2003), Ionin, Ko & Wexler (2004), Snape (2006), entre outros, mostram que os falantes de L2 conseguem aceder aos valores paramétricos no domínio de aquisição de artigos sem, no entanto, esses valores serem transferidos da sua L1 ou serem relevantes para a L2 em aquisição. Portanto, este tópico é um ponto determinante para o meu trabalho visto que, ao determinar o acesso aos valores não presentes na L1 nem na L2 de falantes, comprova-se o acesso à GU na aquisição de L2.

² Ionin alerta para o facto de a possibilidade e de a capacidade de avaliação, generalização e processamento do *input* diminuir em comparação com os sujeitos de L1 não passar de uma especulação e necessitar de ser testada com “an extensive model of triggers and parameter-setting”.

1.2. Aquisição de artigos

Os estudos em L1 sugerem que a aquisição de artigos tem uma determinada ordem, ou seja, os artigos são adquiridos sequencialmente. Ao descrever os estádios de aquisição de L1, Brown (1973) observa que: “children somewhere between the ages of 32 and 41 months, roughly three years, do control the specific/non-specific distinction as coded by the articles”. Durante este período, as crianças têm tendência para o uso abusivo do artigo definido *the* (*apud* Lang, 2010). Tendo estes dados em conta, Maratsos (1976) realizou o primeiro grande estudo experimental sobre a aquisição de artigos em inglês L1. O autor chegou à conclusão de que as crianças dividiam os artigos baseando-se na especificidade, ou seja, usavam os artigos do ponto de vista apenas do locutor e sem ter em conta o ponto de vista do interlocutor (veja-se a definição de especificidade *vs.* definitude na secção 1.2.1).

A investigação dedicada à aquisição do sistema de artigos em L2, sobretudo de artigos em inglês, mostra, por um lado, que os falantes não nativos mesmo os de níveis avançados têm uma dificuldade acentuada nessa categoria gramatical (Huebner, 1983; Lu, 2001; Ionin & Wexler, 2003; Ionin, Ko & Wexler, 2004; White, 2003; Snape, 2006; Snape, Leung & Ting, 2009) e que, por outro lado, os falantes passam por vários estádios de aquisição, semelhantes aos dos falantes de L1. Os estudos anteriores mostram que, em geral, os falantes de L2 cometem dois tipos de erros: a) a omissão de artigos; b) a substituição de artigos. Estudos posteriores detectaram que, em inglês, os falantes de inglês L2 usam o artigo definido *the* quando é necessário usar o artigo indefinido *a*. Também foi observado, em menor escala, o uso inapropriado do artigo indefinido *a* em contextos definidos (Leung, 2001; Huebner, 1983; Master, 1987; Parrish, 1987; Thomas, 1989, *apud* Ionin, Ko & Wexler, 2004). Ao observar o tipo de desvios no uso de artigos, chegou-se à conclusão de que estes desvios não são aleatórios, mas “tied to semantic universals which contribute to semantic interpretation of the target DP. In particular, it has been observed that the semantic features of definiteness, specificity, and partitivity play a significant role in determining L2-article choice” (Ko, Ionin & Wexler, 2006). Tendo em conta o objectivo do presente estudo, a partitividade não faz parte da análise. Os contextos do teste aplicado foram construídos visando os valores semânticos da definitude e da

especificidade de acordo com a proposta de Ionin, Ko & Wexler (2004), como se indicará. O tipo de erros que se pode encontrar em produção espontânea pode ser observado em (2).

(2)

a) I lost the health tooth, and I have realized after some time how it was valuable for me. It happened unexpectedly—I bit off the solid sweet and that's all: my nice—facial!—tooth was fractured.

[Paraphrase: I lost a healthy tooth, and I have since then realized how valuable it was for me. This happened unexpectedly: I bit off a solid sweet and that was it; my nice facial tooth was fractured.]

b) The most valuable object that I have received is the ball and the signature of the famous baseball player is signed on it.

[Paraphrase: The most valuable object that I have received is a ball: the signature of a famous baseball player is signed on it.]

(Ionin, Ko & Wexler, 2004: 4, exemplos 1 e 2)

No âmbito do presente estudo, pretende-se mostrar que, ao substituir o artigo definido pelo artigo indefinido em contextos em que o NP tem determinado tipo de interpretação, os falantes de L2 acedem aos valores paramétricos da GU não presentes na sua L1 nem na L2 em aquisição.

1.2.1. Definitude e Especificidade

O presente estudo não abrange todos os valores dos artigos, mas fixa a sua atenção apenas em duas características: a definitude e a especificidade.

Na perspectiva de Lyons (1999), Ionin (2003), Ionin, Ko & Wexler (2004), a definitude e a especificidade são definidas discursiva ou pragmaticamente. Se, no caso do traço [+definido], se pressupõe a existência de algo ou alguém que ambos os interlocutores identificam no contexto, o traço [+específico] contém uma propriedade singular atribuída a algo ou alguém pelo falante. De acordo com Ionin, Ko & Wexler (2004), “the features [+definite] and [+specific] are both discourse related: The feature [+definite] reflects the state of knowledge of both

speaker and hearer, whereas the feature [+specific] reflects the state of knowledge of the speaker only”. A definição apresentada em Ionin (2003) é dada em (3):

(3) Definição informal

Um DP que tem um D(eterminante) como projecção máxima e um NP como seu complemento é:

- [+definido], quando tanto o locutor como o alocutário pressupõem a existência de uma entidade única num conjunto denotado pelo NP em questão.
- [+específico], quando o locutor tem intenção de referir uma única entidade num conjunto denotado pelo NP e considera que esta entidade detém uma propriedade exclusiva.

Ionin (2003) baseia a definição dada na descrição formal formulada por Frege para a definitude, por Heim (1991) para a análise quantificacional dos indefinidos e por Fodor & Sag (1982), aplicando modificações necessárias Ionin (2003) para a especificidade.

1.2.2. Codificação de definitude e de especificidade

Sabemos que o sistema de determinação diverge de língua para língua. Em línguas como o português ou o inglês, o sistema de determinação manifesta-se através de determinantes definidos ou indefinidos, particularmente através de artigos, cuja função consiste na codificação de diversos traços semânticos e discursivos, nomeadamente da definitude e da especificidade. Em outras línguas, como o russo, que excluem esta categoria gramatical da sua estrutura, o falante é obrigado a recorrer a outras operações menos explícitas gramaticalmente e que são expressas, por exemplo, por meio da alteração de ordem de palavras, através da entoação frásica, marcação de número, marcação casual, variação aspectual (Lambrecht, 2000; Lyons, 1999; Paducheva, 1998, 2000; Rodionova, 2001, entre outros autores).

1.2.2.1. Codificação de definitude e de especificidade através dos artigos

No que diz respeito ao inglês, a observação das produções de falantes de L1 inglês mostra que o artigo definido *the* e o artigo indefinido *a* codificam o traço [+definido] e o traço [-definido], respectivamente, enquanto a especificidade não tem nenhuma marcação expressa morfologicamente em inglês, pelo menos em inglês formal (Ionin, Ko & Wexler, 2004)³.

O artigo pode ocorrer em cadeias referenciais, como em (4), ou ter leitura atributiva (5)⁴:

(4) I saw a cat. The cat was very hungry.

(5) I saw the winner. He was very tired.

Em cadeias referenciais, a primeira referência a uma entidade associa-se ao artigo indefinido *a*. A reintrodução de informação já dada exige uma expressão nominal definida, através do artigo definido *the*.

No entanto, nem todos os contextos exigem a referência do DP ligada ao contexto prévio para o definido ocorrer no discurso. O DP pode ter leitura atributiva. Por exemplo, em (5), apesar de não existir nenhuma referência prévia ao vencedor, o artigo definido *the* ocorre devido a partilha do conhecimento do mundo empírico. Conforme esse conhecimento, um torneio, normalmente, tem apenas um vencedor.

A descrição de especificidade pode receber várias interpretações. Por exemplo, de acordo com Huebner (1983), Thomas (1989) e Robertson (2000), citados em Ionin, Ko & Wexler (2004), para um DP ser específico, basta que o mesmo subentenda a existência de uma determinada entidade no mundo real. Deste ponto de vista, ambos os contextos em (6) são específicos, pois ambos pressupõem que no mundo real existe uma entidade denotada pelo NP, *merchant banker*. No entanto, tendo em conta a interpretação da especificidade dada em

³ Os autores indicam que, em inglês coloquial, existe um marcador de especificidade expresso através do determinante demonstrativo *this*. Este marcador ocorre apenas em contextos indefinidos e relaciona-se com o uso referencial (ver a nota 7 em Ionin, Ko & Wexler, 2004).

⁴ Para a descrição de coesão referencial e de vários tipos de operações de definitização em português, ver Mateus *et al.* (2003), em particular, cap. 4 e cap. 8.

Ionin (2003), Ionin, Ko & Wexler (2004), que se baseia em Fodor & Sag⁵, para um DP ser específico, o locutor tem que ter na sua mente um referente projectado. Em contrapartida, um DP recebe leitura não específica quando o locutor não fixa nenhum referente particular na sua mente. Ionin, Ko & Wexler (2004) associam, portanto, especificidade à intenção de referência do locutor – *specificity as speaker intent to refer*. Dado este conceito de especificidade, os exemplos dados em (6) não podem ser ambos interpretados como específicos. Em (6a), o DP recebe leitura específica, visto que o locutor parece ter informação suficiente para legitimar a atribuição do traço [+específico] ao referido DP. Portanto, o uso do marcador demonstrativo específico *this* é autorizado. Em (6b), o locutor não só não consegue ter algum tipo de descrição de *merchant banker*, mas pode nem existir um referente para tal DP. O uso do demonstrativo *this*, neste caso, não é adequado.

(6) Contexto indefinido

a) [+específico]

Peter intends to marry a/*this* merchant banker—even though he doesn’t get on at all with her.

b) [-específico]

Peter intends to marry a/??*this* merchant banker—though he hasn’t met one yet.

(Lyons, 1999: 176, exemplo 51)

A especificidade em inglês padrão não tem nenhuma marcação através do artigo, já que os artigos codificam a definitude; no entanto, os diferentes valores de especificidade podem ser satisfeitos tanto em contextos indefinidos (6), como definidos (7).

⁵ De acordo com Fodor & Sag (1982) “under the specific reading the speaker has an intended referent in mind, i.e., knows who the cheater is, as the continuation in (a) indicates. In contrast, in the non-specific reading as in (b), the speaker has no particular referent in mind“. (*apud* Geist, 2008: 152)

(a) A student in Semantics cheated on the exam. His name is David.

(b) A student in Semantics cheated on the exam. I am trying to figure out who it was.

Como podemos verificar em (7), apesar de ambos os contextos serem definidos, em (7a), o DP, *the murderer of Miss Andrews*, recebe o traço [+específico], visto que além da existência de uma dada entidade, o falante tem um referente projectado, o que atribui ao DP a leitura específica. Em (7b), o DP é interpretado como [-específico], devido à ausência de um referente particular.

(7) Contexto definido

a) [+específico]

Conversation between two police officers

Police Officer Clark: I haven't seen you in a long time. You must be very busy.

Police Officer Smith: Yes. Did you hear about Miss Sarah Andrews, a famous lawyer who was murdered several weeks ago? We are trying to find *the* murderer of Miss Andrews—his name is Roger Williams, and he is a well-known criminal.

b) [-específico] Conversation between a police officer and a reporter

Reporter: Several days ago, Mr. James Peterson, a famous politician, was murdered! Are you investigating his murder?

Police officer: Yes. We are trying to find *the* murderer of Mr. Peterson — but we still don't know who he is.

(Ionin, Ko & Wexler, 2004: 22, exemplos 17 e 19)

A distribuição de artigos em português é, neste aspecto, semelhante à distribuição em inglês. Em português, também existem dois artigos, o artigo definido *o(s)/a(s)* e o artigo indefinido *um(uns)/uma(s)*, que codificam a definitude, mas não a especificidade. Mas, em português, além de codificar a informação semântica, os artigos codificam informação morfológica de género e de número. Portanto, o falante de português L2 tem pela frente uma tarefa ainda mais árdua do que o falante de inglês L2, pois, para dominar o uso dos artigos em português, terá de adquirir, também, a morfologia flexional.⁶

⁶ O presente trabalho não pretende discutir a aquisição de morfologia flexional, mas tem como objectivo observar o papel de valores pragmáticos ou discursivos dos artigos na aquisição de L2.

Como podemos ver nos exemplos (8) e (9), os DPs definidos e indefinidos também podem ter leitura específica ou não específica.

(8) Contexto Definido

a) [+específico]

Conversa entre dois polícias

Agente Silva: Há que tempo não o vejo. Deve estar muito ocupado.

Agente Teixeira: Pois, estou. Ouviu falar sobre a Senhora Sara Andrews, uma famosa advogada que foi assassinada há algumas semanas? Nós estamos a tentar encontrar o assassino da senhora. Chama-se Roger Williams e é um criminoso muito conhecido.

b) [- específico]

Conversa entre um polícia e um repórter

Repórter: Há uns dias, o Senhor José Pereira, um famoso político, foi assassinado! Estão a investigar o assassinio dele?

Polícia: Sim. Nós estamos a tentar encontrar o assassino do Senhor Pereira, mas ainda não sabemos quem é.

(9) Contexto Indefinido

a) [+ específico]

Num aeroporto, na sala de chegada de passageiros.

Homem: Peço desculpa, o senhor trabalha aqui?

Segurança: Sim.

Homem: Então, provavelmente poderá ajudar-me. Estou a tentar encontrar uma menina ruiva. Acho que ela chegou no voo nº 239.

b) [- específico]

Numa livraria para crianças

Criança: Gostava de levar alguma coisa para ler, mas não sei o quê.

Vendedor: Bem, o que gostas mais? Temos livros de mais variadas temáticas.

Criança: Gosto das coisas que se movem: carros, comboios ... Já sei! Queria levar um livro sobre aviões. Adoro ler sobre pilotagem!

Enquanto em inglês e em português os artigos codificam o valor [\pm definido], existem línguas cujo sistema de artigos tem por base a codificação de especificidade. De acordo com Mosel & Hovdhaugen (1992) *apud* Lyons (1999), Ionin (2003), Ionin, Ko & Wexler (2004), a língua samoana tem dois artigos, *le/l* ocorre com os DPs [+específicos] e *se/s* ocorre com os DPs [-específicos]. A definitude não tem marcação morfológica nesta língua, *i.e.*, enquanto, em português ou em inglês, os artigos, definido e indefinido, podem ser tanto específicos como não específicos, em samoano, o artigo específico *le* em (10) e o artigo não específico *se* em (11) podem ser definidos ou indefinidos.

(10) **Contexto específico**

a) [- **definido**]

‘O *le* ulugali’i, fanau *l=a* la tama ‘o *le* teine ‘o Sina.
 PRES ART couple give birth ART=Poss3.du. child PRES ART girl PRES Sina.
 “There was *a* couple who had *a* child, a girl called Sina.”

(Mosel & Hovdhaugen, 1992: 259, exemplo 6.37,
apud Ionin, Ko & Wexler, 2004)

b) [+**definido**]

Masani ‘o *le* tamaloa e usua’i=ina lava ia. . . .
 used PRES ART man GENR get up early=ES EMPH 3sg
 ’ae nonofo ‘o *le* fafine ma *l=a=na* tama i *le* fale.
 but.stay (pl.) PRES ART woman and ART=POSS=3.sg child LD ART house
 “It was *the* man’s practice to get up early and . . . while *the* woman
 stayed at home with her child.”

(Mosel & Hovdhaugen, 1992: 259, exemplo 6.38,
apud Ionin, Ko & Wexler, 2004)

Observemos os exemplos dados em (10). Em (10a), o falante, ao começar a contar uma história, introduz várias entidades nominais que ocorrem com o artigo *le/l* em contexto [-definido, +específico]. Em (10b), a história continua, portanto, o contexto muda para [+definido] mantendo o traço [+específico]. De acordo com a interpretação de Ionin, Ko & Wexler (2004), “in Samoan, however, definiteness does not play a role in article choice: All that matters is that the narrator intends to

refer to a particular individual, so *le* is used. This indicates that *le* is marking the [+specific] feature, regardless of whether the context satisfies the conditions on definiteness”.

No entanto, o artigo *se/s* expressa “the fact that the noun phrase does not refer to a particular, specified item, but to any member of the conceptual category denoted by the nucleus of the noun phrase and its adjuncts” (Mosel & Hovdhaugen, 1992 *apud* Ionin, Ko & Wexler, 2004). Em (11a), por exemplo, o DP *se niu*, *um coco*, ocorre em contexto indefinido e é interpretado como [-específico]. Em (11b e 11c), observamos a ocorrência do não específico *se* em DPs possessivos. De acordo com estes autores, o facto de, em inglês, as expressões *your family* e *your father* serem obrigatoriamente definidas sugere que o artigo *se* é usado em contextos definidos.

(11) **Contexto não específico**

a) [- definido]

‘Au=mai se niu!

take=DIR ART(nsp.sg.) coconut

“Bring me a coconut [no matter which one]!”

(Mosel & Hovdhaugen, 1992: 261

apud Ionin, Ko & Wexler, 2004)

b) [+definido]

Alu i se tou aiga e moe. Pe se tama a ai!

Go LD ART(nsp.sg.) 2.pl. family GENR sleep. Q ART(nsp.sg.) boy POSS who.

Go to your family—whoever that may be—and sleep! [I wonder] whose boy you might be!” [said to a boy who is selling necklaces at night in front of a hotel].

(Mosel & Hovdhaugen, 1992: 262

apud Ionin, Ko & Wexler, 2004)

c) [+definido]

Tapagai lava ulavale l = o = u pua’a po=’o ai se = o = tama.

[term of abuse] EMPH troublesome ART=Poss=2.sg. pig Q=PRES who ART(nsp.sg.) father.

“Oh you filthy little bastard, you pig, whoever is your father.”

(Mosel & Hovdhaugen, 1992: 262

apud Ionin, Ko & Wexler, 2004)

Apesar de a língua russa não pertencer às línguas que têm ordem de palavras muito rígida, não se pode dizer que a alteração da estrutura frásica seja totalmente aleatória. A alteração da ordem canónica da frase, que é SVO, tem efeitos na sua interpretação. Lambrecht (2000: 635) observa que a oposição SV/VS demonstra que “in languages which lack a morphological category of DEFINITENESS (or, more accurately, a category for expressing identifiability presuppositions), Subject–Verb Inversion is one way of marking an NP as indefinite (or, more accurately, of marking the referent of the NP as unidentifiable for the addressee)”. Portanto, a alteração da ordem canónica reflecte directamente as relações discursivas⁷. Contudo, também os meios extralinguísticos, por exemplo, entoação e pistas contextuais, podem ter efeito na interpretação⁸.

(1)

a) *Kníga* legít na stolé.
Livre - NOM. está em cima mesa – LOC.
O livro está em cima da mesa.

b) Na stolé legít kníga.
Em cima mesa – LOC.(Preposicional), está livro – NOM.
Um livro está em cima da mesa.

⁸ Observando os exemplos da nota 8, podemos ver que, mesmo sem a ordem invertida, o NP pode ter leitura tanto definida como indefinida.

20

Segundo Partee & Borschev (2006), a marcação casual também pode interferir na interpretação semântica do predicado em frases sob escopo da negação⁹.

Para marcar a especificidade, o russo dispõe de uma variedade de quantificadores que acompanham o DP e atribuem ao nome determinado tipo de leitura¹⁰ (Dahl, 1970; Ioup, 1977, *apud* Geist 2008). Estes quantificadores são

b) Interpretação indefinida

Locutor: Onde está o livro, que comprei ontem?

Alocutário: Qual livro? Está um livro na mesa. Será que é esse?

⁹ De acordo com Partee & Borschev (2006), "a Nom- or Acc-marked NP is more likely to be interpreted as definite or specific, while a Gen Neg NP often has 'decreased referentiality' and tends to be '(existentially) quantificational' if the NP permits it".

(1)

a) *Otvét* *iz* *polká* *ne* *prichél*.

Answer-NOM.M.SG from regiment NEG arrived-M.SG

The answer from the regiment has not arrived.

b) *Otvéta* *iz* *polká* *ne* *prichló*.

Answer-GEN.M.SG from regiment NEG arrived-N.SG

There was no answer from the regiment.

(2)

a) *On* *ne* *poluchíl* *pis'mó*.

He NEG received letter-ACC.N.SG

He didn't receive the (or 'a specific') letter.

b) *On* *ne* *poluchil* *pis'ma*.

He NEG received letter-GEN.N.SG

He didn't receive any letter.

(*apud* Partee & Borschev, 2006: 2, exemplos 1 e 2)

¹⁰ Algumas delas são *koe-wh*, *wh-to*, *wh-nibud'*. O prefixo *koe-* confere sempre ao DP a leitura específica (1). A partícula pós-*wh* *-to* pode dar ao DP tanto interpretação específica como não específica (2). A partícula pós-*wh* *-nibud'* marca apenas os DPs não específicos (3).

(1) *Koe-kakoj* student spisyval na ekzamene. Ego zovut Ivan Petrov.

koe-wh student cheated on exam. He is-called Ivan Petrov.

Leitura específica: A student cheated on the exam. His name is Ivan Petrov.

(2) a) *Kakoj-to* student spisyval na ekzamene. Ya pytajus' vyjasnit', kto eto byl.

wh- to student cheated on exam. I try to find-out who it was.

Leitura não específica: A student cheated on the exam. I am trying to figure out who it was.

b) *Kakoj-to* student spisyval na ekzamene. I ya znaju kakoj.

wh- to student cheated on exam. End I know which.

Leitura específica: A student cheated on the exam. I know who he is.

3) Igor' hochet zhenit'sja na *kakoj-nibud'* studentke.

Igor wants marry at *wh-nibud'* student.

Leitura não específica: Igor wants to marry a student.

compostos por “a wh-pronoun combined with some affix” (Haspelmath, 1997 *apud* Geist, 2008)¹¹.

Em russo também existe um potencial marcador de especificidade *odin*, homónimo do numeral *um*. O marcador *odin* pode ocorrer apenas em contextos indefinidos e é incompatível com os contextos definidos. Ionin (2003) observa que, tendo em conta que o marcador *odin* marca especificidade apenas em contextos indefinidos, os sujeitos de L1 russo poderiam associá-lo ao artigo indefinido *a* em contextos [-definido, +específico], recorrendo a NPs simples em contextos [-definido, -específico]. No entanto, os seus dados contrariam esta hipótese.

1.2.3. Parâmetro de Escolha do Artigo

Tendo em conta os estudos realizados e baseando-se nos dados disponíveis sobre codificação de artigos em várias línguas, Ionin (2003) sugere um parâmetro que rege a escolha do artigo, o Parâmetro de Escolha do Artigo (PEA), de acordo com a qual os falantes de L2 cuja L1 não tem artigos oscilam entre aquilo que a autora define como duas opções paramétricas: a associação do artigo à codificação de definitude e a associação do artigo à codificação de especificidade: “that I will propose is different from parameters that are usually examined in L2-acquisition studies. It does not deal with any syntactic properties such as directionality, movement, or locality. Its focus is entirely on lexical specifications of articles, and how these specifications interact with the properties of the discourse. The Article Choice Parameter is discourse-related: it dictates whether articles encode the state of hearer knowledge or the state of speaker knowledge.” (Ionin, 2003:30).

A definição do parâmetro é dada em (12).

(12) O Parâmetro de Escolha do Artigo

As línguas que têm no seu sistema morfológico dois artigos são distinguidas de acordo com os seguintes valores:

Valor de definitude: os artigos codificam a definitude;

Valor de especificidade: os artigos codificam a especificidade.

(*apud* Geist, 2008:154)

¹¹ Para descrição mais detalhada de diferentes tipos de marcadores de especificidade em russo, ver Geist (2008).

Portanto, para línguas que têm dois artigos, o PEA prediz dois possíveis padrões: para o inglês, por exemplo, os artigos são agrupados por definitude e não codificam a especificidade; para o samoano, os artigos são agrupados por especificidade e não codificam a definitude (ver Tabela 1). *I.e.*, línguas como inglês, francês, português, entre outras, os DPs são interpretados do ponto de vista de ambos os interlocutores, enquanto, nas línguas como samoano e sissala, os DPs são interpretados apenas do ponto de vista do locutor.

Tabela 1. Parâmetro de Escolha do Artigo.

PEA	Agrupamento por definitude		Agrupamento por especificidade	
	Ex: Inglês		Ex: Samoano	
	[+definido]	[-definido]	[+definido]	[-definido]
[+específico]	<i>the</i>	<i>a</i>	<i>le</i>	
[-específico]			<i>se</i>	

(Ionin, Ko & Wexler, 2004:13)

Ionin, Ko & Wexler (2004) interrogam-se sobre se os falantes não nativos:

a) não acedem a nenhum valor.

Uso aleatório. Neste caso, não conseguimos determinar padrões de uso de artigos. O uso aleatório mostra apenas que os falantes de L2 já têm conhecimento de que existem dois artigos que ocorrem sempre na posição pré-nominal; no entanto, ainda não lhes atribuíram nenhuma função discursiva. Na verdade, o uso de artigos “à sorte” não pode evidenciar a fixação de um valor paramétrico.

b) acedem apenas ao valor relevante para a língua em aquisição, ao valor de definitude, no caso do presente estudo.

Será que o acesso apenas ao valor de definitude mostra que os falantes acedem à GU?

Até certo ponto, mostra, visto que se trataria da fixação de um parâmetro inactivo na L1. No entanto, não teríamos prova da existência dos diferentes valores paramétricos previstos na formulação do Parâmetro de Escolha do Artigo nem do acesso a esses valores paramétricos.

c) conseguem aceder a ambos os valores do PEA.

Neste caso, os erros no uso de artigos não são aleatórios, mas apontam para determinados padrões de uso.

De vários padrões comportamentais possíveis no uso de artigos que definiremos mais adiante¹², nomeadamente, o padrão de generalização, de definitude, de flutuação, de uso aleatório, somente o padrão de flutuação sugere indiscutivelmente o acesso a todas as possibilidades da GU. Ou seja, o facto de os falantes de L2 mostrarem acesso a todos os valores do parâmetro, parâmetro esse não relevante na sua L1, significa que eles acedem a todos os valores da GU.

Concluindo, se os dados mostrarem que os falantes de L2 acedem ao valor paramétrico associado a definitude e ao valor associado a especificidade, isso constitui um argumento a favor da hipótese de que o acesso à GU está disponível na aquisição de L2.

1.2.4. Hipótese de Flutuação na aquisição de artigos por falantes de inglês L2


Ionin, Ko & Wexler (2004) observaram que o uso abusivo do artigo definido *the* em contextos em que é apropriado o uso do indefinido *a* dá-se, precisamente, porque os falantes de inglês L2, às vezes, associam *the* ao traço [+específico]. Em contextos definidos, os sujeitos usam abusivamente o artigo indefinido *a*, quando o traço [-específico] está presente. Assim, a FH aplicada à aquisição de artigos em L2 diz o seguinte:


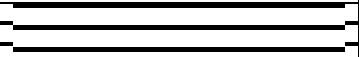
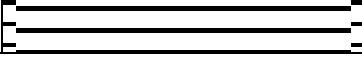

(13) FH na aquisição de artigos em inglês L2

- a) Os falantes L2 têm acesso total a ambos os valores do PEA.
- b) Os falantes L2 oscilam entre ambos os valores paramétricos do PEA até o *input* os levar a fixar o valor paramétrico apropriado.

¹² Para descrição de padrões, veja-se 2.2.4.2.

Ionin, Ko & Wexler (2004) testam falantes de L1 russo e de L1 coreano, sendo ambas línguas sem artigos. Assim, a possibilidade de *transfer* é excluída. Segundo a FH, ao ter acesso a todos os valores paramétricos, os falantes de L2 inglês não vão ter desvios no uso do artigo definido *the* em contextos [+definido, +específico] nem no uso do artigo indefinido *a* em contextos [-definido, -específico]¹³; no entanto, terão dificuldade em contextos [+definido, -específico] e [-definido, +específico], pois vão associar os artigos ora à definitude ora à especificidade. As áreas de conflito são exemplificadas na Tabela 2.

Tabela 2. Nota:  - área de conflito.

	[+definido] (alvo: <i>the</i>)	[-definido] (alvo: <i>a</i>)
[+específico]		
[-específico]		

(Ionin, Ko & Wexler, 2004 : 18)

No âmbito do estudo de Ionin, Ko & Wexler, participaram 30 sujeitos de L1 russo e 40 sujeitos de L1 coreano.

Quanto ao nível de proficiência em inglês como L2, o grupo de informantes de L1 russo foi dividido em 4 sujeitos do nível elementar, 11 do nível intermédio e 15 falantes avançados. O estudo centra-se nos informantes dos níveis intermédio e avançado (os resultados dos iniciantes são indicados apenas a título exemplificativo), oito deles são bilingues¹⁴. Aparentemente, não foram detectadas muitas discrepâncias no desempenho entre os falantes bilingues e monolingues: “Bilingualism did not appear to affect performance: there were no significant differences between the 18 monolingual Russian speakers and the 8 bilingual speakers in their use of *the* or *a* on any category. The bilingual speakers had, on average, slightly higher L2 proficiency than the monolingual Russian speakers,

¹³ Neste caso, não podemos dizer se os falantes L2 associam o artigo definido *the* ao traço [+definido] ou ao [+específico]. Quer o falante interprete o DP como [+definido] quer como [+específico] ocorrerá sempre o artigo definido *the*. O mesmo acontece com o artigo indefinido *a*. Em DPs [-definidos] ou [-específicos], vai ocorrer o indefinido *a*.

¹⁴ Alguns falantes são bilingues de uma L1 que tem artigos, por ex., romeno e arménio.

but this difference also was not significant” (Ionin, Ko & Wexler, 2004: 26). No entanto, seria interessante efectuar um estudo dividindo os informantes em dois grupos: um grupo monolingue, com uma L1 que não tem artigos, e outro grupo bilingue, com uma língua dominante¹⁵ sem artigos e uma língua com artigos.

Quase todos os participantes tiveram aulas de inglês antes de chegar aos EUA. Apenas quatro sujeitos tiveram a primeira exposição ao inglês na idade adulta. Tendo em conta que o processo de aquisição de L2 em criança e na idade adulta diverge, não podemos excluir este factor ao observar os resultados finais. O grupo é composto por estudantes, imigrantes e trabalhadores estrangeiros. Os estudantes, também, podem contribuir com uma melhor performance, visto que, à partida, são eles que têm mais capacidade para lidar com o código escrito.

Portanto, existe uma interminável multiplicidade de factores que pode ocupar um lugar importante no desempenho de aprendentes de L2, inclusive o papel decisivo do *input* na aquisição de artigos, ou melhor, na atribuição do traço [\pm definido], em vez de [\pm específico], aos artigos em inglês: “with sufficient input¹⁶, the learners may succeed in setting the Article Choice Parameter to the appropriate setting for English and divide articles on the basis of definiteness only” (Ionin, Ko & Wexler, 2004: 18).

O estudo de Ionin, Ko & Wexler (2004) é composto por três tarefas, um teste de ocorrência de artigos (TOA), um teste de produção (TP) e um teste de nível (TN). O TOA será descrito em seguida, visto que este é o teste que foi adaptado ao português e alargado no âmbito do presente estudo.

1.2.5. Desenho experimental de Ionin, Ko & Wexler (2004)

O TOA é composto por oito condições principais, quatro contextos definidos e quatro contextos indefinidos, e duas condições adicionais.

¹⁵ O território da antiga União Soviética insere um vasto leque de línguas e dialectos. Sendo o russo uma língua imposta, i.e., a comunicação no trabalho e no ensino oficial era efectuada em russo, toda a população dominava tanto o código oral como escrito, por vezes, muito melhor do que a língua do seu próprio grupo étnico. Portanto, aqui, como “língua dominante” compreende-se a língua russa. Porém, não podemos esquecer o papel que “língua dominada” possa ter na aquisição de L2.

¹⁶ Para a questão do “input suficiente” ver Ionin, Ko & Wexler, 2004, cap. 6.1.3.

1.2.5.1. Condições Principais

As condições principais representam o alvo do estudo. Dois dos contextos definidos são específicos e dois são não específicos. Dois dos contextos definidos, um [+específico] e o outro [-específico] estão sob o escopo de um verbo intensional ou modal (exemplos 14 e 16), os outros dois contextos definidos não estão sob o escopo de um verbo intensional ou modal (exemplos 15 e 17).

Os contextos são construídos com intuito de obter determinado tipo de leitura. Por exemplo, em (14), para conseguir a interpretação específica, o contexto é complementado com *his name is Roger Williams, and he is a well-known criminal*, enquanto em (16) a adversativa *but we still don't know who he is* aponta para a leitura não específica.

(14) [+definite, +specific]: Wide scope

Conversation between two police officers.

Police Officer Clark: I haven't seen you in a long time. You must be very busy.

Police Officer Smith: Yes. Did you hear about Miss Sarah Andrews, a famous lawyer who was murdered several weeks ago? We are trying to find (a, *the*, —) murderer of Miss Andrews – his name is Roger Williams, and he is a well-known criminal.

(15) [+definite, +specific]: No scope interactions, explicit speaker knowledge

Kathy: My daughter Jeannie loves that new comic strip about Super Mouse.

Elise: Well, she is in luck! Tomorrow, I'm having lunch with (a, *the*, —) creator of this comic strip – he is an old friend of mine. So I can get his autograph for Jeannie!

(16) [+definite, -specific]: Narrow scope

Conversation between a police officer and a reporter.

Reporter: Several days ago, Mr. James Peterson, a famous politician, was murdered! Are you investigating his murder?

Police officer: Yes. We are trying to find (a, *the*, —) murderer of Mr. Peterson – but we still don't know who he is.

(17) [+definite, -specific]: No scope interactions, denial of speaker knowledge

Bill: I'm looking for Erik. Is he home?

Rick: Yes, but he's on the phone. It's an important business matter. He is talking to (a, *the*, —) owner of his company! I don't know who that person is – but I know that this conversation is important to Erik.

As condições indefinidas são construídas do mesmo modo. Dois dos contextos indefinidos são específicos e dois são não específicos. Dois dos contextos indefinidos, um [+específico] e o outro [-específico], estão sob o escopo de um predicado intensional ou modal (exemplos 18 e 20), outros dois contextos indefinidos não envolvem essa relação de escopo (exemplos 19 e 21).

(18) [-definite, +specific]: Wide scope

Phone conversation.

Jeweler: Hello, this is Robertson's Jewelry. What can I do for you, ma'am? Are you looking for some new jewelry?

Client: Not quite – I heard that you also buy back people's old jewelry.

Jeweler: That is correct.

Client: In that case, I would like to sell you (*a*, *the*, —) beautiful silvernecklace. It is very valuable – it has been in my family for 100 years!

(19) [-definite, +specific]: No scope interactions, explicit speaker knowledge

Meeting on a street.

Roberta: Hi, William! It's nice to see you again. I didn't know that you were in Boston.

William: I am here for a week. I am visiting (*a*, *the*, —) friend from college – his name is Sam Brown, and he lives in Cambridge now.

(20) [-definite, -specific]: Narrow scope

In a school.

Student: I am new in this school. This is my first day.

Teacher: Welcome! Are you going to be at the school party tonight?

Student: Yes. I'd like to get to know my classmates. I am hoping to find (*a*, *the*, —) new good friend! I don't like being all alone.

(21) **[-definite, -specific]: No scope interactions, denial of speaker knowledge**

Chris: I need to find your roommate Jonathan right away.

Clara: He is not here – he went to New York.

Chris: Really? In what part of New York is he staying?

Clara: I don't really know. He is staying with (a, the, —) friend – but he didn't tell me who that is. He didn't leave me any phone number or address.

Pretende-se observar os dados destes oito contextos para ver se corroboram a predição feita:

(22) Predição

Os falantes de inglês L2 vão **oscilar** entre dois valores do PEA: escolha do artigo em função de definitude ou escolha do artigo em função de especificidade.

Essa oscilação poderá manifestar-se nos seguintes comportamentos:

- a)** Vão usar correctamente o artigo definido *the* em contextos [+def, +esp], mas vão oscilar entre o artigo definido *the* e o artigo indefinido *a* em contextos [+def, -esp];
- b)** Vão usar correctamente o artigo indefinido *a* em contextos [-def, -esp], mas vão oscilar entre o artigo definido *the* e o artigo indefinido *a* em contextos [-def, +esp].

1.2.5.2. Condições Adicionais

Foram acrescentados mais dois contextos, que os autores denominaram como definido simples (23a) e indefinido simples (23b), ou de menção prévia e de primeira menção. Trata-se dos usos relevantes dos artigos numa cadeia referencial, ou seja, no momento da primeira menção é usado um indefinido; para a manutenção do referente, usa-se uma expressão nominal definida, um pronome ou uma forma nula; a reintrodução da informação é feita através de uma expressão nominal definida.

(23)

a) [-definido, -específico]: Primeira menção (Indefinido simples)

Mary: I heard that it was your son Roger's birthday last week. Did he

have a good celebration?

Roger: Yes! It was great. He got lots of gifts – books, toys. And best of

All – he got (a, the, —) puppy!

b) [+definido, +específico]: Menção prévia (Definido simples)

Molly: How is your grandpa Sam's farm doing?

Tom: All right, thanks. Last summer, Grandpa needed some new animals, so he went to an animal market.

Molly: Did he find any?

Tom: Yes. He found a big cow and a small, friendly horse. But he didn't have enough money for both. In the end, he bought (a, the, —) horse.

De acordo com a definição de Ionin, Ko & Wexler (2004), os DPs indefinidos da primeira menção são [-específicos]: “The exact identity of a particular member of the set (in this case, a particular puppy) is completely irrelevant for the discourse. Use of referential this would in fact be infelicitous in such contexts: As no further mention of the referent is made, the noteworthy property possessed by the referent is not conveyed”.

No caso dos DPs definidos mencionados previamente, estes são sempre [+específicos]: “The identity of a particular member of the set (in this case, a particular horse) matters, because it is crucially the individual who has just been mentioned”. Tendo esta informação em conta, é previsto que os falantes de L2 usarão correctamente o artigo definido *the* em contextos de definido simples, e também usarão correctamente o artigo indefinido *a* em contextos de indefinido simples.

1.2.5.3. Resultados

Os resultados do teste vão ao encontro da predição feita, *i.e.*, os falantes nativos de inglês não tiveram desvios no uso de artigos. Por sua vez, os resultados dos sujeitos de L1 russo e L2 inglês apontam para uma elevada percentagem de uso do artigo indefinido *a* em contextos [+def, -esp] e do artigo definido *the* em contextos [-def, +esp], em condições de contextos intensionais (Tabela 3) e de contextos extensionais (Tabela 4).

Tabela 3. Definitude vs. Especificidade: **Contextos Intensionais**.

L1 russo / L2 inglês	[+definido] (alvo: <i>the</i>)		[-definido] (alvo: <i>a</i>)	
[+específico] (wide scope)	87% <i>the</i>	6% <i>a</i>	36% <i>the</i>	52% <i>a</i>
[-específico] (narrow scope)	58% <i>the</i> *	35% <i>a</i> *	6% <i>the</i> *	89% <i>a</i> *

Note. N = 26.

*p < .001.

Tabela 4. Definitude vs. Especificidade: **Contextos Extensionais**.

L1 russo / L2 inglês	[+definido] (alvo: <i>the</i>)		[-definido] (alvo: <i>a</i>)	
[+específico] (no scope)	71% <i>the</i>	11% <i>a</i>	37% <i>the</i>	55% <i>a</i>
[-específico] (no escope)	56% <i>the</i> †	31% <i>a</i> *	9% <i>the</i> **	78% <i>a</i> *

Note. N = 26.

†p < .07. *p < .01. **p < .001.

Ao efectuar uma análise ANOVA (medidas repetidas), verificou-se que a contribuição de definitude e de especificidade tem efeito muito significativo. Os resultados estatísticos demonstram que a relação entre a definitude e a especificidade continua muito significativa, quando o nível é tido em conta.

Para os falantes de russo, o nível de proficiência interage com a definitude se a utilização do *the* ou do *a* são medidos, porque os falantes L2 intermédios são significativamente mais propensos ao uso do *the* (p<.05) e menos propensos a usar o *a* (p<.05) com os indefinidos do que os alunos avançados L2. Inversamente, os alunos avançados L2 são mais propensos a usar o *the* (p = .07) e menos propensos a usar o *a* (p = .09) com os definidos que os falantes L2

intermédios. Os falantes intermédios mostram maior efeito de flutuação do que os falantes avançados. Em contextos em que a flutuação não foi predita, a diferença de resultados entre os intermédios e os avançados não é muito significativa. Ambos os grupos usam o artigo apropriadamente.

Nos contextos de indefinido simples e definido simples, que se referem a DPs de primeira e de segunda menções para [-def, -esp] e [+def, +esp], respectivamente, os resultados são indicados na Tabela 5.

Tabela 5. Definido simples e Indefinido simples.

L1 russo/L2 inglês	<i>the</i>	<i>a</i>
Indefinido simples	15% <i>the</i>	69% <i>a</i>
Definido simples	72% <i>the</i>	20% <i>a</i>

De acordo com a interpretação de Ionin, Ko & Wexler (2004), no caso do definido simples, os resultados não vão ao encontro da predição: os falantes não são muito consistentes nem com [+esp] nem [-esp] do grupo dos contextos principais (Tabela 6). A percentagem dos desvios em contextos de definido simples de falantes russos é bastante alta: 20% de uso abusivo de *a*.

Tabela 6. Dados comparativos dos contextos definidos.

L1 russo/ L2 inglês	<i>the</i>	<i>a</i>	<i>bare</i>
Definido [+esp]	79% <i>the</i>	8% <i>a</i>	13%
Definido [-esp]	57% <i>the</i>	33% <i>a</i>	10%
Definido Simples	72% <i>the</i>	20% <i>a</i>	8%

Por outro lado, dois dos 14 falantes nativos tiveram desvios em contextos de definido simples. Conforme a explicação dada pelos autores, “These results may be confounded, however: Use of *a* with previous-mention definites does not necessarily indicate that L2 learners interpret the context as nonspecific. Rather,

L2 learners may have interpreted the context as *indefinite*, not computing the uniqueness presupposition from the previous context”.

1.2.6. Outros estudos que testam a FH

Ionin, Ko & Wexler (2004) testam a FH apenas com falantes de L1 sem artigos, o russo e o coreano. Num estudo posterior, Ionin, Zubizarreta & Maldonado (2008) reformulam a FH, abrangendo, também, os falantes cuja L1 tem artigos (L1 espanhol). Os autores avançam que “In principle, there are two possibilities: (1) fluctuation overrides transfer; or (2) transfer overrides fluctuation. According to the first possibility, all L2-learners, regardless of their L1, should fluctuate between definiteness and specificity. According to the second possibility, learners whose L1 has articles should transfer article semantics from their L1 to their L2; since the Spanish article system is like the English one where definiteness and specificity are concerned, this should result in accurate article use” Ionin, Zubizarreta & Maldonado (2008: 6). Assim, para dar conta de línguas com e sem artigos, a nova versão da FH apresenta duas possibilidades (32):

(24)

a) Possibilidade 1: A flutuação prevalece sobre o *transfer*

Todos os falantes L2 vão oscilar entre a definitude e a especificidade, ou seja, tanto os falantes de L1 [+artigo] como os de L1 [-artigo] vão ter desvios no uso do artigo definido *the* e o artigo indefinido *a* em contextos [-def, +esp] e [+def, -esp].

b) Possibilidade 2: O *transfer* prevalece sobre a flutuação

- i. Os falantes de L1 [+artigo] vão transferir os valores semânticos do artigo da L1 para a L2 em aquisição.
- ii. Os falantes L1 [-artigo] vão oscilar entre a definitude e a especificidade.

Os resultados de sujeitos de L1 russo, em Ionin, Zubizarreta & Maldonado (2008), mostram dados semelhantes aos dados obtidos em Ionin, Ko & Wexler (2004): “the two main error types are overuse of *the* with specific indefinites and overuse of *a* with non-specific definites, exactly as predicted. The learners are highly accurate on the other categories, specific definites and non-specific indefinites.” No entanto, os autores indicam que, desta vez, em condições [+def, -

esp], o uso do indefinido *a* ocorria marginalmente. Em Ionin, Ko & Wexler (2004), o efeito de especificidade era observado tanto em [+def, -esp] como [-def, +esp]. Os sujeitos de L1 espanhol mostram o padrão i. em (24b). Ou seja, os falantes da L1 [+artigo] transferem os valores paramétricos da sua L1 para a L2.

Existem outros estudos que testam a FH em diversas línguas com ou sem artigos. Hawkins *et al.* (2006), ao observar os dados de L1 grego [+artigo] e L1 japonês [-artigo], tem reparado que “[...] fluctuation is not a general L2 developmental phenomenon. Speakers of an L1 that uses articles to mark definiteness appear to establish early on that English articles mark definiteness”. Os investigadores também afirmam que os resultados individuais falantes de uma L1 [-artigo], L1 japonês, não mostram o padrão de flutuação, fazendo uma proposta alternativa baseada na morfologia distribuída (*apud* Mayo, 2009).

Snape, Leung & Ting (2006) também testam a FH com os falantes de três línguas, L1 chinês [-artigo], L1 japonês [-artigo] e L1 espanhol [+artigo]. A definição da definitude diverge, contudo, da definição dada em Ionin, Ko & Wexler (2004). Os autores seguem Lambrecht (1994) e Lyons (1999) e assumem que “identifiability is a universal cognitive category and definiteness is a non-universal grammatical category. In other words, languages like Japanese and Chinese have semantic/pragmatic definiteness (*i.e.* topic markers, word order, classifiers) to mark something or someone as identifiable within discourse, whilst other languages like English and Spanish, according to Lyons (1999), have grammatical definiteness. Grammatical definiteness is a process in which a language grammaticalizes the concept of identifiability” (Snape, Leung & Ting, 2006:134). Os dados de sujeitos de L1 japonês e L1 espanhol vão ao encontro da FH, *i.e.*, enquanto os falantes de espanhol têm desempenho semelhante aos falantes nativos de inglês, os falantes de japonês têm uso abusivo do *the* em contextos [-def, +esp] e do *a* em contextos [+def, -esp]. No entanto, os resultados de falantes L1 chinês contrariam a FH: “The results revealed that the Chinese, unlike the Japanese L2 learners, did not fluctuate between definiteness and specificity in [-definite, +specific] and [+definite, -specific] contexts. In fact, overuse of *a* was found in [+definite, +specific] contexts (17%) which was unexpected” (Snape, Leung & Ting, 2006: 136). Os autores afirmam que, possivelmente, os falantes de chinês têm um desempenho melhor no uso de

artigos em L2 inglês do que os falantes de japonês, porque "Mandarin Chinese is (well) ahead of Japanese in the process of grammaticalization of the universal cognitive category of identifiability and in the development of definiteness as a grammatical category (a morpho-syntactic feature in our interpretation)".

Zdorenko & Paradis (2008), ao testar a FH com crianças falantes de uma L1 [-artigo], chinês, japonês e coreano, e de uma L1 [+artigo], espanhol, romeno e árabe, compararam os resultados com os dados de adultos. A investigação consistiu num estudo longitudinal, que teve duração de dois anos. Os autores definiram três tendências, quanto ao uso de artigos em inglês L2:

1) todas as crianças, por vezes, substituem o artigo definido *the* pelo indefinido *a* em contextos de [+def, -esp], ou seja, mostram flutuação, independentemente da L1 ser [+artigo] ou [-artigo];

2) todas as crianças tiveram menos desvios no uso do *the* em contextos [+def, +esp] do que no uso do *a* em contextos [-def, -esp], independentemente da L1 ser [+artigo] ou [-artigo];

3) as crianças cuja L1 é [-artigo] têm mais omissões no uso de artigos do que as crianças com L1 [+artigo], mas apenas no estágio inicial.

Em relação à comparação com os resultados de aquisição de artigos entre adultos e crianças, a pesquisa de Zdorenko & Paradis (2008) determinou que, por um lado, "both adult and child learners' acquisition patterns were influenced by the greater inherent complexity of the indefinite article in English, and omission errors were most commonly produced by learners whose L1s lacked articles." Por outro lado, no caso das crianças, o papel do *transfer* da L1 teve um papel pouco relevante, se comparado com o que acontece com os adultos.

Treichler *et al.* (2009) investigaram a aquisição de artigos em inglês como L3. O estudo contém três grupos compostos por: 1) falantes nativos de russo que têm alemão como L2 adquirido em imersão linguística e que estão a aprender inglês como L3; 2) falantes nativos de russo que têm alemão como língua estrangeira (LE) e estão a aprender inglês como L3; 3) falantes nativos de russo a aprenderem inglês como LE. Tendo em conta que o inglês e o alemão são duas línguas com sistema de artigos idêntico, os autores tinham predito que os falantes de L1 russo com L2 alemão iam ter resultados melhores na aquisição de L3 inglês do que os L1 russo na aquisição de L2 inglês. O papel da imersão linguística também foi posto em destaque, *i.e.*, foi previsto que os falantes de L2 alemão iam

ter desempenho melhor na aquisição de L3 inglês do que os falantes de LE alemão. Os resultados obtidos corroboraram a predição feita. Realmente, os sujeitos que já têm uma língua com artigos adquirida tiveram mais facilidade na aquisição de artigos em L3. O estudo apresentou ainda dados importantes quanto ao papel do ambiente de aquisição linguística: “Besides L2 transfer, we showed that the quantity and quality of the L2 input, especially if reinforced by the ambient language, strongly influences L3 acquisition: the L3 learners living in Germany performed better than the L3 learners in Russia. We attribute this difference to the massive input of L2 German articles that the former group receives while the latter group does not.” (Treichler *et al.*, 2009: 16).

Portanto, existem diversos dados sobre a aquisição de artigos em L2 inglês. Há estudos que vão ao encontro da FH (Ionin, Ko & Wexler (2004), Ionin, Zubizarreta & Maldonado (2008), Snape, Leung & Ting (2006) – no caso de falantes de L1 japonês e L1 espanhol), mas também há dados contra a hipótese (Hawkins, 2006; Snape, Leung & Ting, 2006, no caso de falantes de L1 chinês). Foi ainda determinado que a proficiência de falantes e as condições de aquisição, em imersão linguística ou não, são factores muito importantes na aquisição de artigos.

Sendo também o português uma língua que possui um sistema com dois artigos, semelhante ao sistema de artigos em inglês, *i.e.*, existe uma categoria que codifica definitude através dos traços [+definido] e [-definido], expressos por categorias morfológicas *o(s)/a(s)* e *um(uns)/uma(s)*, respectivamente, é pertinente ver se os sujeitos que adquirem L2 português e cuja L1 não tem artigos terão um comportamento desviante quanto ao uso dos mesmos e se os dados obtidos corroboram a hipótese colocada por Ionin, Ko & Wexler (2004).

2. Estudo de aquisição do artigo em português L2 por falantes de L1 russo

No capítulo 1, vimos que o russo não tem equivalente aos artigos em português. Foi dito também que, em russo, para expressar universais semânticos como definitude e especificidade, recorre-se a diversos processos que não implicam o uso de artigos. Agora, pretende-se observar se, tendo em conta a impossibilidade do *transfer*, os falantes de L1 russo terão dificuldade no uso de artigos em português.

2.1. Participantes

No âmbito do presente estudo, foi replicado e alargado o teste de Ionin, Ko & Wexler (2004). Participaram 40 informantes de L1 russo (alguns deles bilingues de russo e ucraniano)¹⁷ e L2 português. Todos os participantes têm um nível de proficiência elementar ou médio-baixo. Participou ainda um grupo de controlo de falantes de português como L1. A caracterização destes grupos será apresentada de seguida.

Perfil

Grupo de controlo

O grupo de controlo é composto por 30 sujeitos adultos entre os 18 e os 66 anos (média de idade: 24,4 anos). Todos os participantes têm português como primeira língua e são residentes na área de Grande Lisboa. A maioria dos sujeitos frequenta o ensino superior. Apenas dois informantes têm menos do que o 12º ano do ensino secundário.

Grupo de L2 português

¹⁷ O russo e o ucraniano são duas línguas pertencentes à subfamília de línguas eslavas que constituem, em conjunto com o bielorrusso, o ramo oriental. Nenhuma das três línguas nomeadas tem artigos, portanto, apesar de alguns dos sujeitos serem bilingues, tendo em conta que o ucraniano também é uma língua sem sistema de artigos, os dados não sofrerão influências que possam prejudicar a leitura dos resultados obtidos nos testes.

No estudo, participaram 40 sujeitos adultos entre os 18 e os 60 anos (idade média: 37 anos). Todos os participantes pertencem à primeira geração de imigrantes. São pessoas que vieram para Portugal sem nenhum contacto prévio com a língua portuguesa. Os participantes tiveram instrução formal escassa em português, limitando-se a poucos cursos de Português para estrangeiros. Portanto, pode dizer-se que o processo de aprendizagem destes falantes resulta apenas de imersão, ou seja, eles adquiriram a língua comunicando no dia-a-dia, maioritariamente, no trabalho, sem recorrer ao ensino formal¹⁸. Para os resultados finais foram incluídas 37 pessoas. Dois sujeitos foram excluídos, um por ser falante de L1 arménio¹⁹ e o outro por ser professor de inglês e de espanhol²⁰. Foi também eliminado um falante visto que não chegou a concluir os dois testes que constituem o estudo. Todos os falantes de L2 receberam ensino formal no seu país de origem. 21 deles têm um curso de ensino superior ou técnico concluído e onze têm ensino secundário completo. Apenas cinco sujeitos estão em Portugal há menos de quatro anos e apenas dois há um ano ou menos.

2.2. Tarefa

O estudo é composto por dois testes, sendo um o teste através de qual se pretende determinar o nível de proficiência de participantes de L2 português, e o outro o teste que constitui o estudo propriamente dito. O teste de nível (TN) foi aplicado apenas a sujeitos de L2 Português. O teste de ocorrência de artigos (TOA) foi distribuído aos sujeitos de L1 português e de L2 português / L1 russo.

2.2.1. Teste de nível (TN)²¹

O teste de nível foi elaborado pelo Prof. Dr. António Avelar com intuito de testar tanto a capacidade de produção escrita como a capacidade de compreensão.

¹⁸ O perfil dos participantes e o contexto de aquisição podem ser vistos no Anexo 1.

¹⁹ O arménio tem no seu sistema linguístico artigo definido. O artigo definido tem a forma de um sufixo que é adicionado a um NP feminino ou masculino, singular ou plural. O arménio moderno tem sete casos, aceitando todos eles o artigo definido. Com o caso instrumental, o artigo definido não é realizado. Apesar de o arménio não possuir artigo indefinido, existe uma partícula que é colocada em posição pós-nominal. Em certos contextos, sobretudo na linguagem literária, a partícula pode ser substituída pelo apóstrofo. (Veja-se Ekizian, 2004; Markocian, 2006)

²⁰ Os resultados desses sujeitos podem ser consultados no Anexo 5.

²¹ Agradeço ao Prof. Doutor António Avelar a elaboração do teste de nível e a sua disponibilidade no esclarecimento de dúvidas.

O teste foi construído visando sujeitos L2 de nível B1/B2²².

2.2.1.1. Composição do teste

Como já foi referido, o teste foi organizado em duas partes: uma parte de compreensão e uma parte de produção.

Compreensão

Para elaborar esta parte do teste, foi seleccionado um texto jornalístico da imprensa nacional portuguesa. Após a leitura do excerto, foi pedido aos participantes que respondessem a uma tarefa de resposta do tipo “Verdadeiro” ou “Falso”. A tarefa contém quatro blocos de frases relacionadas com o texto apresentado antes. Cada bloco é composto por quatro hipóteses que o respondente tinha de assinalar como “Verdadeiro” ou “Falso”. Tendo em conta a natureza “rígida” do texto, ao prever eventuais dificuldades quanto à compreensão de alguns vocábulos, o teste fornece um sucinto glossário.

Produção

Para testar a produção, foi pedido aos participantes que redigissem dois pequenos textos de opinião. Aos sujeitos L2 que tiveram dificuldade em produzir o texto de opinião, foi sugerido que fizessem uma exposição escrita sobre um tema do seu próprio interesse.

O TN foi dado depois de os participantes terminarem o TOA. Não foi imposto nenhum limite de tempo para a realização da tarefa. O TN foi resolvido em quarenta minutos, aproximadamente²³.

²² De acordo com Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas (QECR), o nível B é descrito como o nível de Utilizador Independente. Neste nível, quanto à compreensão, o sujeito é capaz de compreender textos de natureza diversificada. Quanto à produção, é capaz de produzir textos de opinião.

²³ O teste de nível pode ser visto no Anexo 4.

2.2.1.2. Resultados

Tendo em conta a natureza do teste de nível e os objectivos do presente estudo, não foi possível determinar com toda a clareza o nível dos participantes. No entanto, dado que a maioria está em imersão linguística há mais de cinco anos, o grupo revelou resultados bastante mais baixos do que era esperado. Considerando que o processo de aquisição dos participantes resulta, basicamente, de imersão, eles tiveram provavelmente alguma dificuldade em lidar com um teste que exige certa habilidade no uso do código escrito de natureza formal.

A divisão em grupos foi efectuada com ajuda do Prof. Doutor António Avelar, que tem uma vasta experiência na área de avaliação e certificação de falantes de português L2. Em função dos resultados, os participantes foram divididos em dois grupos: a 10 pessoas foi atribuído o nível médio-baixo e a 30 pessoas o nível elementar. Portanto, o presente estudo é constituído por falantes de português de nível A1-B1. Todavia, é importante referir que muitos dos participantes não podem ser rotulados como iniciantes (*beginners*), apesar de terem proficiência baixa (*low-proficiency*) no código escrito. A diferença pode ser relevante: estes falantes não servem certamente para estudar o o estágio inicial, *i.e.*, o ponto de partida de aquisição de L2. Portanto, no âmbito deste estudo, os participantes são iniciantes, quanto ao nível atribuído, e são de baixa proficiência, quanto à performance demonstrada.

2.3. Teste de ocorrência de artigos (TOA)

2.3.1. Formato do teste

No âmbito do presente estudo, foi replicado o teste de ocorrência de artigos em inglês como L2 proposto por Ionin, Ko & Wexler (2004). O teste foi alargado e adaptado ao português. Foram acrescentadas mais três condições descritas em (2.2.2.2. iv. e v.) O estudo é composto por 65 diálogos curtos, divididos entre 13 condições. Cada condição inclui um grupo de cinco itens em que o DP em análise conjuga os traços de definitude e de especificidade. Ou seja, o DP pode ser [+def, +esp], [+def, -esp], [-def, -esp], [-def, +esp]. A tarefa do teste consiste no preenchimento de espaços em branco com um artigo (*o, a, os, as, um, uma, uns, umas* ou \emptyset). Todos os DPs para completar estão na posição de objecto directo, de complemento oblíquo ou de predicativo do sujeito, no singular. As condições são

divididas em sete contextos com a realização de DPs definidos e seis com a realização de DPs indefinidos. Os NPs simples não foram incluídos no estudo.

O TOA foi distribuído entre os sujeitos de L1 português e de L2 português / L1 russo.

2.3.2. Descrição das condições²⁴

O teste é composto por treze condições, organizadas de seguinte modo:

i. Um conjunto de quatro condições incluem dois contextos com DP [+definido], que, por sua vez, são divididos em [+específico] e [-específico] e mais dois com DP [-definido], também [+específico] e [-específico]. A predicação envolve um verbo intensional (p.exemplo, *tentar*, *querer*, *desejar*, *gostar*, *precisar*), estando o DP em questão sob o escopo largo ou estreito do verbo.

Estas quatro condições (doravante, condições intensionais) são exemplificadas em (25):

(25)

a) **[+definido, + específico], escopo largo, conhecimento do falante**²⁵

Conversa entre dois polícias

Agente Silva: Há que tempo não o vejo. Deve estar muito ocupado.

Agente Teixeira: Pois, estou. Ouviu falar sobre a Senhora Sara Andrews, uma famosa advogada que foi assassinada há algumas semanas? Nós estamos a tentar encontrar o assassino da senhora. Chama-se Roger Williams e é um criminoso muito conhecido.

b) **[+definido, - específico], escopo estreito, sem conhecimento do falante**

Conversa entre um polícia e um repórter

Repórter: Há uns dias, o Senhor José Pereira, um famoso político, foi assassinado! Estão a investigar o assassinio dele?

Polícia: Sim. Nós estamos a tentar encontrar o assassino do Senhor Pereira, mas ainda não sabemos quem é.

²⁴ Os contextos podem ser vistos no Anexo 2.

²⁵ As definições são definidas por Ionin, Ko & Wexler (2004). Os itens de teste foram adaptados.

c) [-definido, + específico], escopo largo, conhecimento do falante

Num aeroporto, na sala de chegada de passageiros.

Homem: Peço desculpa, o senhor trabalha aqui?

Segurança: Sim.

Homem: Então, provavelmente poderá ajudar-me. Estou a tentar encontrar uma menina ruiva. Acho que ela chegou no voo nº 239.

d) [-definido, - específico], escopo estreito, sem conhecimento do falante

Numa livraria para crianças

Criança: Gostava de levar alguma coisa para ler, mas não sei o quê.

Vendedor: Bem, o que gostas mais? Temos livros das mais variadas temáticas.

Criança: Gosto das coisas que se movem: carros, comboios ... Já sei! Queria levar um livro sobre aviões. Adoro ler sobre pilotagem!

O contexto contém obrigatoriamente uma, ou mais, pista referencial para induzir a leitura pretendida. Por exemplo, em (25a), temos várias pistas referenciais que atribuem ao DP a leitura desejada:

> *aconteceu um assassinio* > *existe um assassino* > *sabe-se quem é o assassino* > *chama-se Roger Williams*.

ii. Este grupo também é formado por quatro condições (26): duas realizam-se com um DP [+ definido, ± específico] e mais duas com um DP [- definido, ± específico], que neste caso não estão sob o escopo de predicadores intensionais. Os DPs em questão são detentores de um referente único, sem serem, no entanto, nomes próprios (p. exemplo: *pai, presidente, autor deste quadro*). Denominamos este conjunto contextos extensionais.

(26)

a) [+definido, + específico], sem escopo, conhecimento do falante

Encontro no parque

André: Olá, Teresa! O que está a fazer em Lisboa? Trabalha aqui?

Teresa: Não, estou aqui por motivos pessoais. Vou visitar o pai do meu noivo. É muito boa pessoa, e ainda por cima vai pagar o nosso casamento!

b) [+definido, - específico], sem escopo, sem o conhecimento do falante

Mário: Estou à procura do Erik. Ele está em casa?

Ricardo: Está, mas está a falar ao telefone. Tem um assunto importante para tratar. Está a falar com o patrão da empresa dele. Não o conheço, mas a conversa parece ser importante para o Erik.

c) [-definido, + específico], sem escopo, conhecimento do falante

Jornalista 1: Olá! Há tanto tempo! Tens tempo para um cafezinho?

Jornalista 2: Que pena, não tenho. Estou muito ocupado com uma reportagem sobre o sistema de saúde. Hoje, vou entrevistar um médico do Hospital Pediátrico. É um pediatra muito famoso e não tem muito tempo para entrevistas. Tenho que mesmo de ir!

d) [-definido, -específico], sem escopo, sem o conhecimento do falante

Gilda: Imagina! A minha prima Cláudia está em Lisboa.

Roberto: Boa! O que é que ela está a fazer aqui?

Gilda: Está a fazer entrevistas para a revista dela. Vai entrevistar um político. Receio que não saiba quem ele é. Mas, pronto, leio depois o artigo dela.

Observando as condições (i) e (ii), verificamos que estes dois contextos divergem quanto ao tipo de predicação envolvida. Todos os DPs combinam os traços $[\pm \text{definido}]$ e $[\pm \text{específico}]$, no entanto, em (i), a expressão pode ter escopo largo ou estreito, interagindo com um predicado intensional e, em (ii), temos DPs referenciais que não apresentam contrastes de escopo por não interagirem com predicados intensionais.

iii. No terceiro grupo de condições, temos duas condições descritas em Ionin, Ko & Wexler (2004) como definido simples e indefinido simples. Trata-se de contextos que contêm cadeia referencial. O primeiro elemento da cadeia referencial introduz informação nova, pelo que consiste numa expressão

indefinida; a manutenção do referente previamente introduzido é assegurado por uma expressão nominal definida, um pronome ou uma forma nula. Em português, no âmbito do presente estudo, a informação nova é inserida através do artigo indefinido *um / uma / uns / umas* e a informação dada através do artigo definido *o / a / os / as*, em (27).

(27) Ex.: Na loja

Cliente: Na semana passada, vi um vestido chiquérrimo. E agora não o encontro!

Empregada: Está na secção errada. Dirija-se à secção de senhora e a minha colega vai ajudá-la a encontrar o vestido.

iv. Este conjunto abrange duas condições que envolvem frases com verbos copulativos. O DP-alvo está na posição do predicativo do sujeito e está no singular. Os DPs definidos, exemplificados em (28), têm todos leitura atributiva. Os DPs indefinidos, como em (29b), correspondem a uma expressão nominal qualitativa (Mateus *et al.*, 2003) e podem concordar, ou não, em número, em pessoa e em género com o sujeito (compare (29a) e (29b)). Este contexto não se encontra no teste inicial de Ionin, Ko & Wexler.

(28) [+definido]

Na loja de informática

Cliente: Bom dia! Gostaria de comprar um computador, mas não percebo nada nesta área.

Vendedor: Não faz mal. Vou chamar o Sr. Pires. Ele é o responsável pelo sector.

(29) [-definido]

a) No hospital

Utente: Ó doutora! O que é que eu tenho?

Médica: Nada de muito grave! Tem uma indigestão ligeira. Vou-lhe receitar uns comprimidos e a dor passa logo.

Utente: Muito obrigada! A senhora é um anjo!

b) Director de Recursos Humanos: Quero reestruturar o Departamento de Logística. Temos pessoal a mais. Não há verbas.

Director de Logística: Não acho. Temos uma equipa muito qualificada e somos uma mais-valia para a empresa!

v. Esta condição abrange construções nominais com valor anafórico do Possessivo Nulo no interior do DP (30). Em russo, neste caso, o DP seria construído com um determinante possessivo realizado ou seria NP simples (31). Esta condição é também uma extensão do teste inicial de Ionin, Ko & Wexler.

(30)

Maria: Então, sempre foste àquela feira de que te falei?

Sónia: Fui. Adorei. Vende-se tudo ao preço da chuva. Comprei umas calças muito giras! Mas nem sabes o que me aconteceu depois! Roubaram-me _o_ carro!

(31)

a) U menia ukrali machinu.

PREP. eu GEN. roubaram carro ACUS. SG.

Roubaram-me o carro

b) Ukrali moi machinu.

Roubaram meu carro ACUS. SG.

Roubaram o meu carro.

Neste tipo de contextos, prevê-se o uso correcto do artigo definido se os sujeitos de L1 russo o associarem ao valor possessivo ou a omissão do artigo se o associarem à estrutura exemplificada em (31a).

2.3.3. Predição

Tendo em conta que o objectivo do presente estudo vai ao encontro do objectivo exposto em Ionin, Ko & Wexler (2004), ou seja, pretende-se verificar o papel da especificidade na aquisição de artigo e determinar a possibilidade de acesso à GU, aplicando os pressupostos da FH, a predição apresentada em (22) é repetida em (32), adaptada para português.

Assim, se assumirmos a Hipótese de Flutuação, teremos as seguintes predições:

(32) Predição para português

i. Para o grupo de controlo

O grupo de controlo não terá desvios no uso do artigo definido *o/a* e do artigo indefinido *um/uma*, independentemente da especificidade.

ii. Para os sujeitos de L1 russo / L2 português

Os falantes de L1 russo / L2 português vão oscilar entre dois valores do PEA: escolha do artigo em função de definitude ou escolha do artigo em função de especificidade. Essa oscilação poderá manifestar-se nos seguintes comportamentos:

a) Os falantes de L1 russo / L2 português vão usar correctamente o artigo definido *o/a* em contextos [+def, +esp], mas vão oscilar entre o artigo definido *o/a* e o artigo indefinido *um/uma* em contextos [+def, -esp];

b) Vão usar correctamente o artigo indefinido *um/uma* em contextos [-def, -esp], mas vão oscilar entre o artigo definido *o/a* e o artigo indefinido *um/uma* em contextos [-def, +esp].

2.3.4. Procedimentos de aplicação dos testes

Ambos os testes foram realizados numa única sessão²⁶. As instruções foram dadas na língua materna dos participantes. Antes de avançarem para os testes, os falantes de L1 russo preencheram um pequeno questionário que tinha como objectivo a obtenção de dados sobre o seu perfil²⁷. A seguir, foi aplicado o teste de ocorrência de artigos, que constitui o alvo do presente estudo, tendo o mesmo a duração, aproximadamente, de uma hora e trinta minutos. Por último, foi administrado o teste de proficiência, que durou cerca de quarenta minutos.

²⁶ O teste foi realizado com o apoio financeiro do CLUL. O espaço foi cedido pela Associação de imigrantes "Casa da Rússia". Agradeço ao Presidente da Associação, Sr. Igor Khashin, graças a quem foi possível reunir o grupo de falantes de L1 russo.

²⁷ O questionário e o teste de ocorrência de artigos podem ser vistos no anexo 3.

Durante toda a sessão, os participantes levantaram várias dúvidas em relação ao conteúdo do estudo, que foram apenas esclarecidas quando se relacionavam com a dificuldade de vocabulário.

2.3.5. Resultados

Nesta parte do estudo, estão expostos os resultados do TOA do grupo de controlo e dos sujeitos de L2 português.

2.3.5.1. Resultados do grupo de controlo

No estudo participaram 30 sujeitos de L1 português. Dois participantes foram excluídos da contagem de resultados visto não terem completado o teste.

Observando os resultados globais, pode dizer-se que os dados dos falantes nativos de português vão ao encontro da predição feita, ou seja, usam apropriadamente o artigo definido e o artigo indefinido (Tabelas 7 e 8) nos principais contextos.

Tabela 7. Contextos intensionais.

L1 português	[+definido]		[-definido]	
	alvo: <i>a/o</i>	desvios	alvo: <i>um/uma</i>	desvios
[+específico] escopo largo	98,1%	1,3% - <i>um(a)</i> 0,6% - <i>bare</i> ²⁸	91%	8,4%* - <i>o/a</i> 0,6 - <i>bare</i>
[-específico] escopo estreito	100%		97,4%	1,9% - <i>o/a</i> 0,6% - <i>bare</i>

* Esta percentagem deve-se ao contexto apresentado em (33). Parece que os falantes nativos interpretaram o DP em questão como definido, visto que, em português, os artigos codificam a definitude, e não a especificidade. O facto de o valor de ocorrência de desvios ser elevado deve-se, provavelmente, à frase relativa restritiva.

(33) Nos “Perdidos e Achados”

²⁸ Dado pouco espaço, nas tabelas, usei *bare* para referir NPs simples

Funcionário: Posso ajudar? Está à procura de alguma coisa que tenha perdido?

Homem: Sim... Sei que tem que tem muitas coisas aqui, mas, talvez, tenha aquilo que eu procuro. Estou a tentar encontrar ____ cachecol verde que perdi.

Tabela 8. Contextos extensionais.

L1 português	[+definido]		[-definido]	
[+específico] (sem escopo)	alvo: <i>a/o</i>	desvios	alvo: <i>um/uma</i>	desvios
	100%		100%	
[-específico] (sem escopo)	90,3%	8,4%* <i>um(a)</i> 1,3% <i>bare</i>	98,7%	1,3% - <i>o/a</i>

* Em contextos extensionais, também foi encontrado um item problemático (34). 32,3% dos falantes de L1 português usaram o artigo indefinido.

(34) Nos transportes públicos

Fiscal: Mostre-me o título de transporte, se faz favor.

Passageiro: Nem sabe o que me aconteceu. Estava muito atrasado. Deixei a carteira em casa juntamente com o passe.

Fiscal: Lamento, mas terá que pagar ____ multa prevista!

Tabela 9. Outros contextos.

L1 português	[+definido]		[-definido]	
Cadeia referencial	alvo: <i>a/o</i>	desvios	alvo: <i>um/uma</i>	desvios
	74,2%	24,5% <i>um(a)</i> 1,3% <i>bare</i>	93,5%	6,5% <i>o/a</i>
Predicativo do sujeito	96,8%	2,6% <i>um(a)</i> 0,6% <i>bare</i>	98,1%	1,3% <i>o/a</i> 0,6% <i>bare</i>
Possessivo nulo	100%			

Os dados mostram resultados não esperados em contexto de definido previamente mencionado. Como podemos verificar na Tabela 9, houve 24,5% de ocorrência do artigo indefinido onde se esperava o artigo definido. Por exemplo, no item apresentado em (35), 67,7% dos sujeitos de L1 português usaram o artigo indefinido. Os falantes não associaram o DP *filme* na frase *fiquei em casa a ver ____filme* ao contexto interior.

(35) Alice: O que é que tu estavas a fazer ontem à noite?

Sónia: Fui à FNAC. Comprei dois CD's: *um filme* e um jogo. Depois, à noite, fiquei em casa a ver *o* filme.

2.3.5.2. Resultados dos falantes de português L2

Nesta secção, estão expostos os resultados dos falantes não nativos de português. Para analisar os dados de diferentes ângulos, os mesmos foram divididos em vários grupos. Primeiro, serão descritos os resultados globais de todos os falantes L2, conforme o efeito de definitude e de especificidade, *i.e.*, serão apresentados os dados dos contextos intensionais e extensionais, que constituem a base do estudo. Estes dados serão comparados com os resultados obtidos em Ionin, Ko & Wexler (2004). Nas tabelas apresentadas constam dados relativamente à ocorrência do artigo definido, indefinido e de NPs simples. Também aqui, serão apresentados os dados dos restantes contextos, indefinido de

primeira menção e definido de menção prévia, predicativo do sujeito e possessivo nulo.

Em seguida, apresento os resultados individuais dos sujeitos, organizados em padrões, baseados na performance individual do falante.

Resultados globais

1. Contextos intensionais

Como está demonstrado na Tabela 10, os dados globais, que incluem todos os falantes, independentemente do nível, não corroboram a FH. Em contextos definidos, realmente, podemos observar uma diferença bastante acentuada entre os contextos específicos e não específicos. Todavia, esta diferença, inesperadamente, dá-se no sentido contrário: em contextos não específicos observa-se um menor número de desvios do que em contextos específicos. Em contextos indefinidos, temos uma percentagem bastante semelhante de desvios no caso em que o DP é [+ específico] e no caso em que o DP é [- específico].

Tabela 10. Contextos intensionais.

L2 português	[+definido]		[-definido]	
	alvo: <i>a/o</i>	desvios	alvo: <i>um/uma</i>	desvios
[+específico] (escopo largo)	69,7% <i>a/o</i>	23,2% <i>um(a)</i> 7% <i>bare</i>	34,8% <i>a/o</i>	61,9% <i>um(a)</i> 3,3% <i>bare</i>
[-específico] (escopo estreito)	81% <i>a/o</i>	14,1% <i>um(a)</i> 4,9% <i>bare</i>	34,4% <i>a/o</i>	62,3% <i>um(a)</i> 3,3% <i>bare</i>

2. Contextos extensionais

Em contextos extensionais, já podemos verificar uma ligeira diferença entre os contextos específicos e não específicos, apesar de essa diferença não ser muito

relevante. Tanto em contextos definidos como indefinidos, a percentagem de desvios no uso do artigo sobe quando a especificidade é tida em conta (Tabela 11).

Tabela 11. Contextos extensionais.

L2 português	[+definido]		[-definido]	
	alvo: <i>a/o</i>	desvios	alvo: <i>um/uma</i>	desvios
[+específico] (sem escopo)	79,8% <i>a/o</i>	12,6% <i>um(a)</i> 7,7% <i>bare</i>	39,3% <i>a/o</i>	59% <i>um(a)</i> 1,6% <i>bare</i>
[-específico] (sem escopo)	69,2% <i>a/o</i>	23,1% <i>um(a)</i> 7,7% <i>bare</i>	28,6% <i>a/o</i>	68,1% <i>um(a)</i> 3,3% <i>bare</i>

No entanto, ao combinar os contextos intensionais e extensionais, podemos observar apenas que a percentagem de desvios é bastante elevada em todos os contextos, sem grande destaque para a especificidade. Os dados (Gráficos 1 e 3) podem ser comparados com os resultados de Ionin, Ko & Wexler (2004) nos Gráficos 2 e 4, para o uso do artigo definido em contextos intensionais e extensionais e para o uso do artigo indefinido em contextos intensionais e extensionais, respectivamente.

Gráfico 1. O uso do artigo definido *a/o* em contextos intensionais e extensionais.

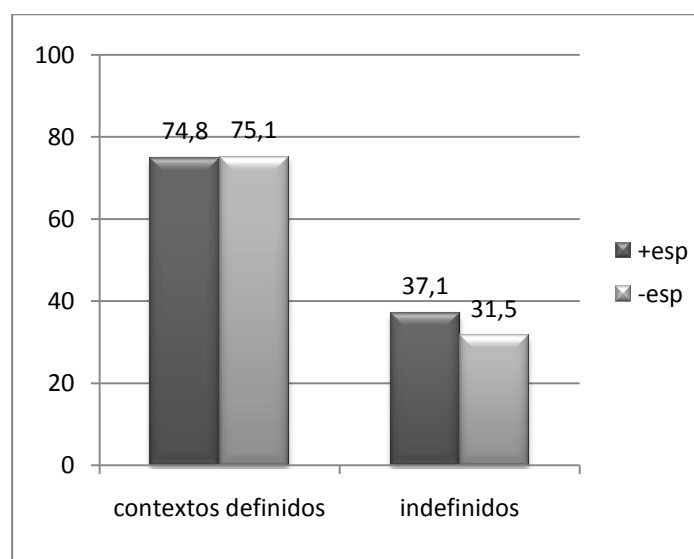


Gráfico 2. O uso do artigo definido *the* em contextos intensionais e extensionais em inglês (Ionin, Ko & Wexler, 2004).

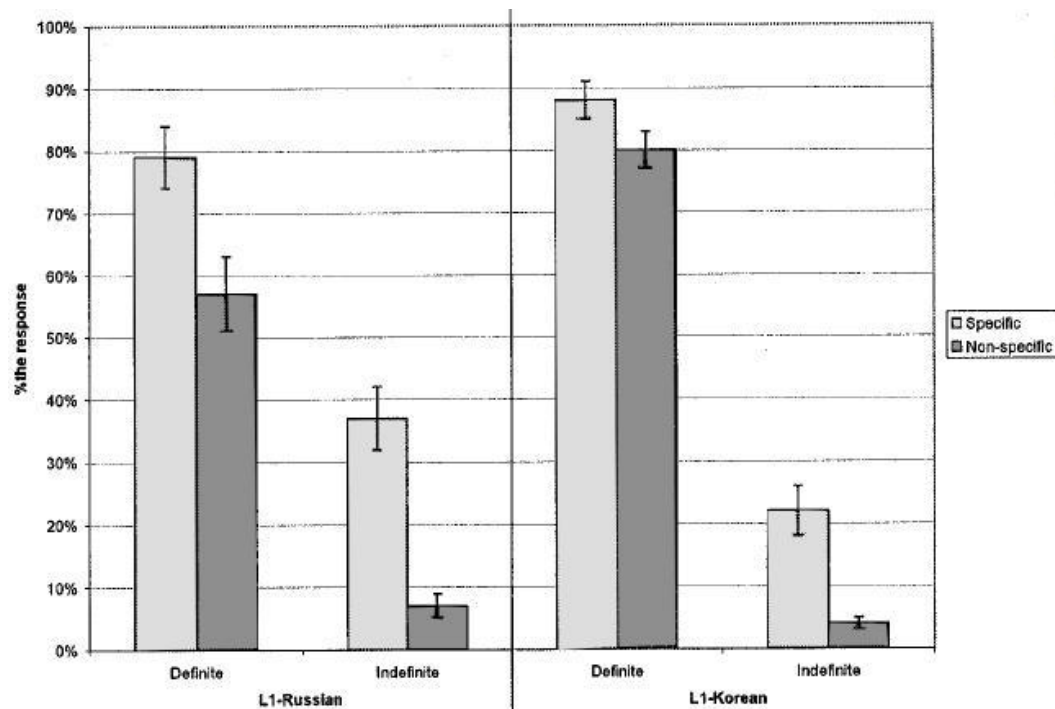


FIGURE 1 Use of *the* by category.

Gráfico 3. O uso do artigo indefinido *um/uma* em contextos intensionais e extensionais.

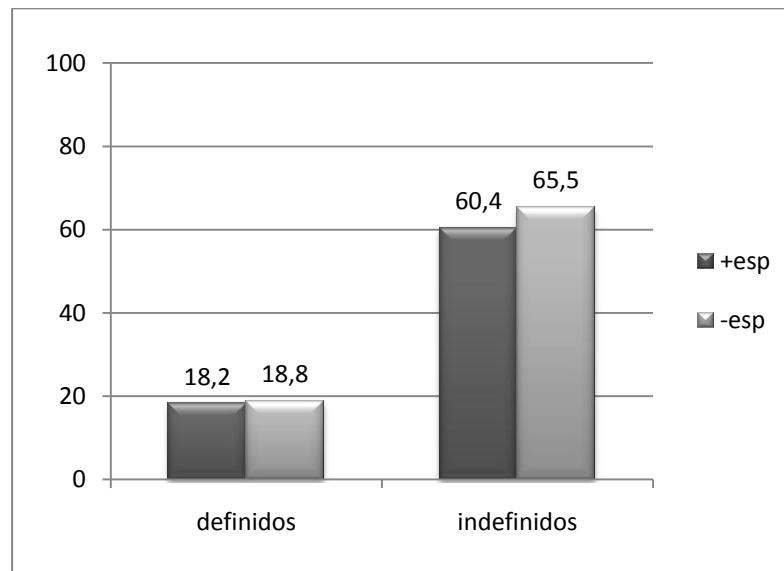


Gráfico 4. O uso do artigo indefinido *a* em contextos intensionais e extensionais em inglês (Ionin, Ko & Wexler, 2004).

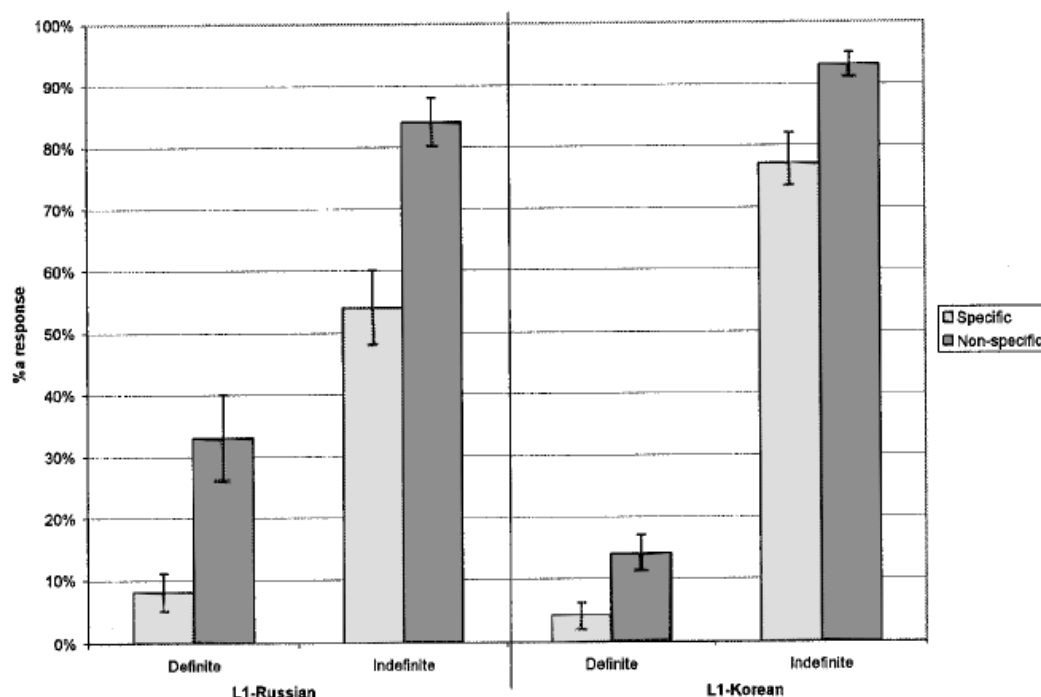


FIGURE 2 Use of *a* by category.

Conforme os dados apresentados nos gráficos, o efeito da especificidade também não se manifesta nos resultados globais, diferentemente do observado por Ionin, Ko & Wexler (2004). Observa-se, contudo, um maior acerto, nos falantes de L2 português, na distribuição do artigo definido do que na distribuição do indefinido.

3. Outros contextos

i. Cadeia referencial

Tabela 12. Condição: Cadeia referencial.

L2 português	[+definido]		[-definido]	
Cadeia referencial	alvo: <i>a/o</i>	desvios	alvo: <i>um/uma</i>	desvios
	58,4%	39,5% <i>um(a)</i> 2,2% <i>bare</i>	56,5%	41,3% <i>o/a</i> 2,2% <i>bare</i>

Em contextos de cadeia referencial, foi predito que, em contextos de indefinido de primeira menção, os falantes de L2 português não teriam desvios no uso do artigo indefinido *um(a)*, nem em contextos do definido de menção prévia teriam desvios no uso do artigo definido *a/o*. No entanto, os resultados mostram que, em contextos definidos, 39,5% usam o artigo indefinido. Observando os itens, verificou-se que a maior parte de desvios recai sobre um item (36). 78,9% de sujeitos de L2 português interpretam o DP *cavalo* como indefinido. Provavelmente, os falantes associam a palavra *um* ao numeral e não ao artigo indefinido. Mesmo entre os falantes nativos de português, 32,3% usam o indefinido *um* no mesmo contexto.

(36) Célia: Como estão as coisas na quinta do teu avô Manel?

André: Está tudo bem, obrigado. No verão passado, o avô precisava de animais novos, então veio a uma feira de animais.

Célia: E encontrou alguma coisa?

André: Sim, encontrou. Ele queria comprar uma grande vaca e um pequeno cavalo, mas como não tinha dinheiro suficiente, comprou só o cavalo.

Em contextos indefinidos de primeira menção, a percentagem de ocorrência do artigo definido em vez do indefinido também é bastante elevada. Um dos itens que apresentou mais desvios pode ser observado em (37). 66,7% de sujeitos usaram o artigo definido e 5,6% usaram NP simples.

(37) Maria: Ouvi dizer que o seu filho fez anos este fim-de-semana? A festa correu bem?

Jorge: Pois, correu! Ele recebeu imensas prendas: livro, brinquedos e a melhor prenda de todas foi um cachorro!

ii. Predicativo do sujeito

Tabela 13. Escolha de artigo em predicativo do sujeito.

L2 português	[+definido]		[-definido]	
Predicativo do sujeito	alvo: <i>a/o</i>	desvios	alvo: <i>um/uma</i>	desvios
	63,8%	16,7% <i>um(a)</i> 19,5% <i>bare</i>	47,4%	34,3% <i>o/a</i> 18,3% <i>bare</i>

A aplicação de artigos em estruturas de predicativo do sujeito revelou-se problemática. A ocorrência de NP simples é bastante elevada tanto em contextos definidos (Tabela 14) como em contextos indefinidos (Tabela 15).

Tabela 14. Condição: Predicativo do sujeito definido.

	L2			L1		
Ocorrência Item	alvo: <i>o/a</i>	<i>um/uma</i>	<i>bare</i>	alvo: <i>o/a</i>	<i>um/uma</i>	<i>bare</i>
1	83,3%	8,3%	8,3%	93,5%	3,2%	3,2%
2	61,1%	16,7%	22,2%	96,8%	3,2%	
3	47,2%	33,3%	19,4%	93,5%	6,5%	
4	83,9%	3,2%	12,9%	100%		
5	45,7%	20%	34,3%	100%		

Tabela 15. Condição: Predicativo do sujeito indefinido.

	L2			L1		
Ocorrência Item	alvo: <i>um/uma</i>	<i>o/a</i>	<i>bare</i>	alvo: <i>um/uma</i>	<i>o/a</i>	<i>bare</i>
1	62,9%	28,6%	8,6%	100%		
2	29,4%	41,2%	29,4%	93,5%	6,5%	
3	54,1%	37,8%	8,1%	100%		
4	50%	29,4%	20,6%	100%		
5	40%	34,3%	25,7%	96,8%		3,2%

Ao observar os resultados de todos os itens que exibem contextos indefinidos²⁹, foi detectado que todos eles apresentaram comportamento desviante no uso de artigos. Os falantes nativos do português tiveram os resultados esperados.

Apesar de, em português, existirem estruturas com predicativo do sujeito que não exigem a ocorrência do artigo, os resultados dos falantes L1 mostram que não é o caso desta. A elevada percentagem de desvios pode ser atribuída, no entanto, em alguns casos, ao desconhecimento da palavra em questão. Durante o teste, várias pessoas perguntaram o que significavam as palavras *mais-valia* (item 2) e *pateta* (item 4). Esse facto também poderá ter contribuído para a ocorrência de tantas omissões do artigo³⁰.

iii. Possessivo Nulo

Tabela 16. **Condição: Possessivo Nulo.**

Possessivo nulo	[+definido]	
	alvo: <i>a/o</i>	desvios
	81,5%	13,6% <i>um(a)</i> 4,9% <i>bare</i>

Os resultados nesta condição vão ao encontro da predição apresentada anteriormente. Os falantes de português L2 usam apropriadamente o artigo definido, associando-o ao possessivo.

²⁹ Os itens organizados por condições podem ser vistos no Anexo 2.

³⁰ Mesmo excluindo os itens mais problemáticos (por exemplo, item 3 e item 5 em contextos de predicativo do sujeito definido, e item 2 em contextos do predicativo do sujeito indefinido) a percentagem alta de NPs simples é evidente. No caso de falantes de português L1, também se observam alguns desvios nos mesmos itens (item 3 em contextos do predicativo do sujeito definido, e item 2 em contextos do predicativo do sujeito indefinido). No entanto, os falantes de português L1 não omitem o artigo, mas substituem-no (ver o capítulo 3 para a ocorrência do artigo em estruturas de predicativo do sujeito em português).

2.3.5.3. Distribuição de artigos em todos os contextos

Para analisar a distribuição de artigos em todos os contextos, observemos os Gráficos 5 e 6 para a ocorrência do artigo definido, os Gráficos 7 e 8 para o artigo indefinido e os Gráficos 9 e 10 para a ocorrência de NPs simples.

Gráfico 5. Ocorrência do artigo definido em todos os contextos definidos.

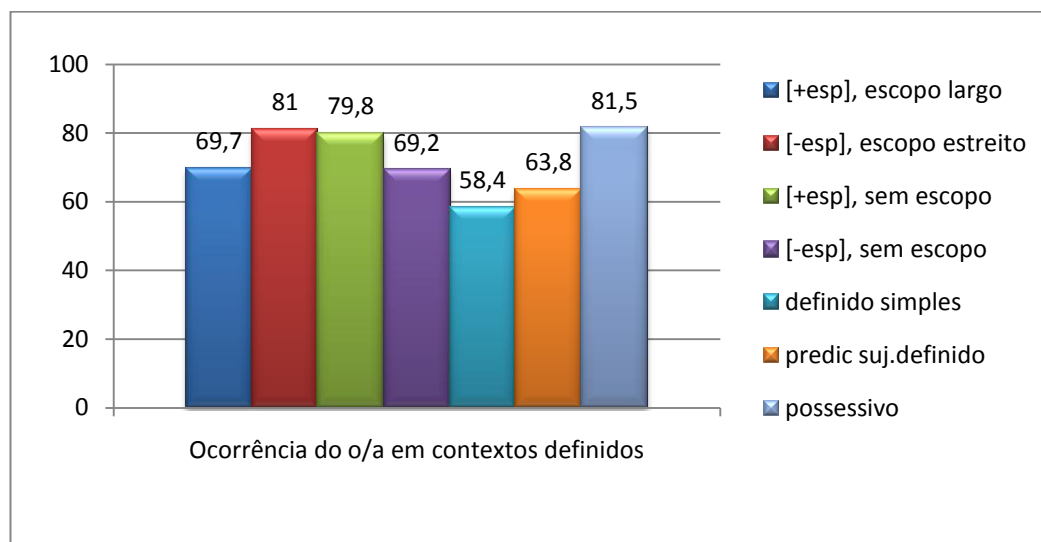
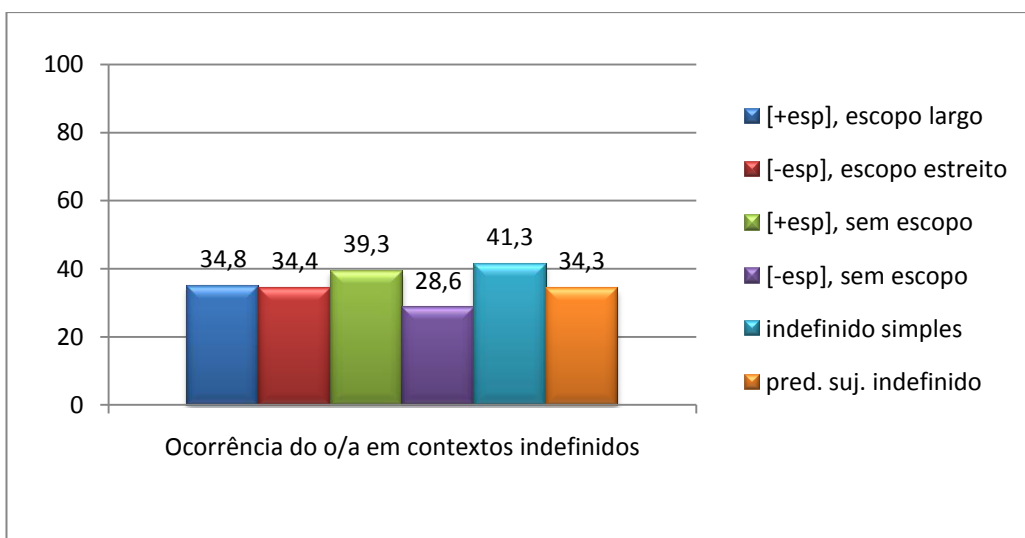


Gráfico 6. Ocorrência do artigo definido em todos os contextos indefinidos.



Ao observar os dados de ocorrência do artigo definido em todos os contextos, verifica-se um maior número de desvios nas estruturas do definido de menção prévia e do predicativo do sujeito. No entanto, enquanto em estrutura do definido de menção prévia os falantes de português L2 têm tendência para substituir o artigo definido *o/a* pelo artigo indefinido *um/uma* (Gráfico 7), em

estrutura do predicativo do sujeito, observa-se o maior número de NPs simples (Gráfico 9). O efeito de especificidade não tem impacto evidente no desempenho dos sujeitos. Apenas em contextos que não apresentam contrastes de escopo por não interagirem com predicados intensionais se observa um efeito de especificidade (Gráfico 5).

Gráfico 7. Ocorrência do artigo indefinido em todos os contextos definidos.

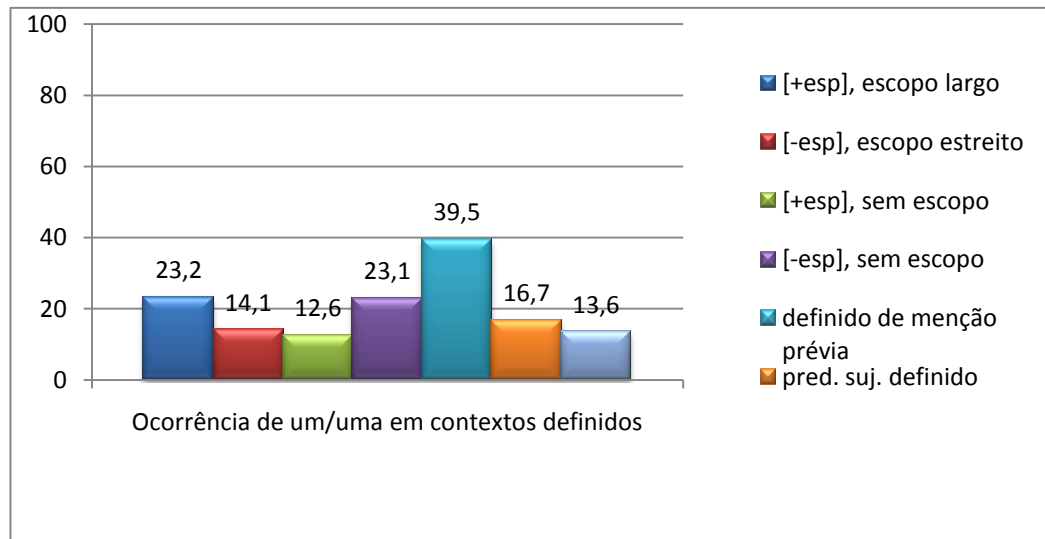
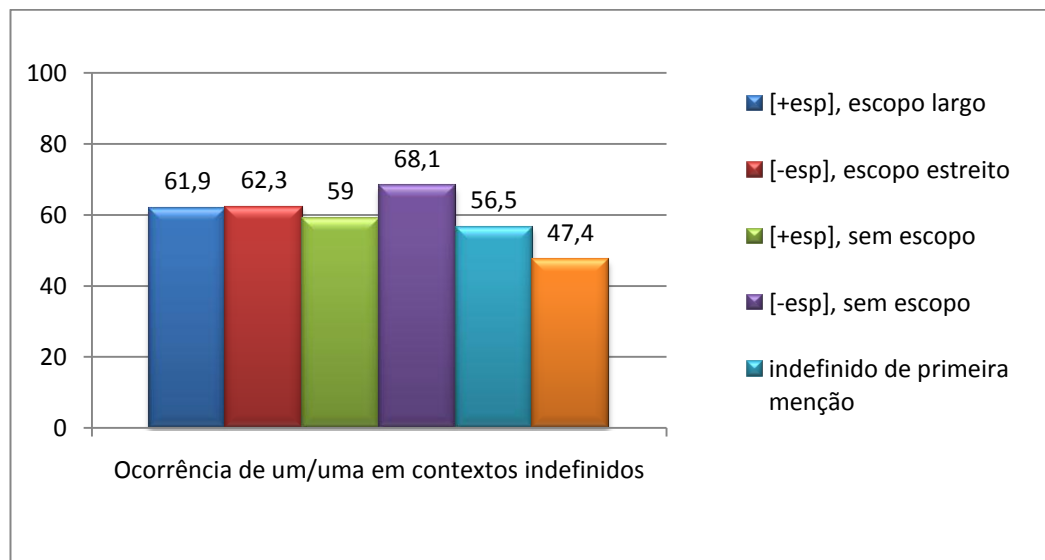


Gráfico 8. Ocorrência do artigo indefinido em todos os contextos indefinidos.



Quanto ao artigo indefinido, o maior número de desvios deve-se à estrutura com o verbo copulativo. Tendo em conta os resultados apresentados, pode-se dizer que a aquisição de artigos em estruturas de predicativo do sujeito é tardia e

representa maior dificuldade. Os sujeitos de L2 português não só substituem os artigos, tanto o artigo definido como indefinido, como também se verifica nestes contextos a maior percentagem de uso de NPs simples (Gráficos 9 e 10), em comparação com outros contextos.

Gráfico 9. Ocorrência de NPs simples em todos os contextos definidos.

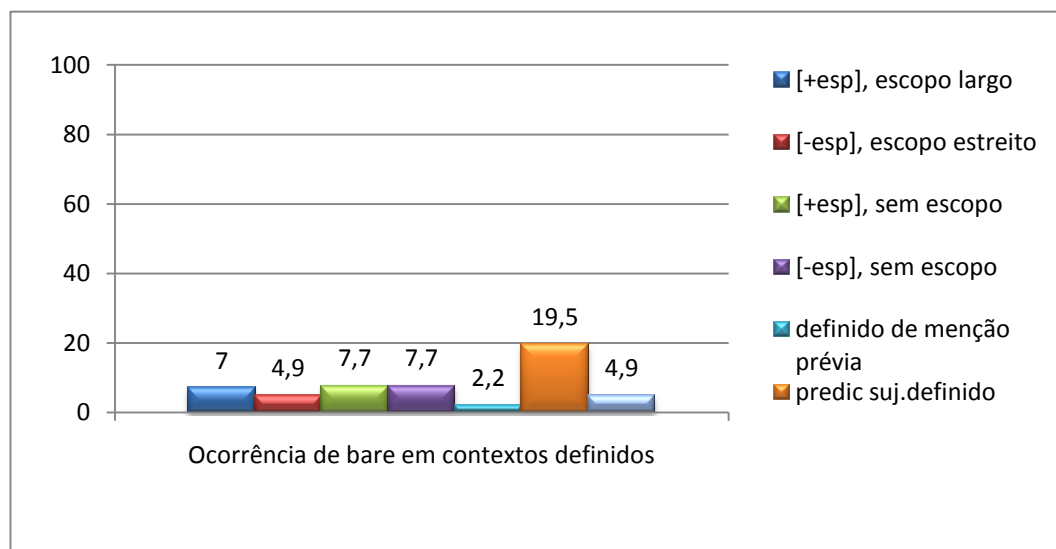
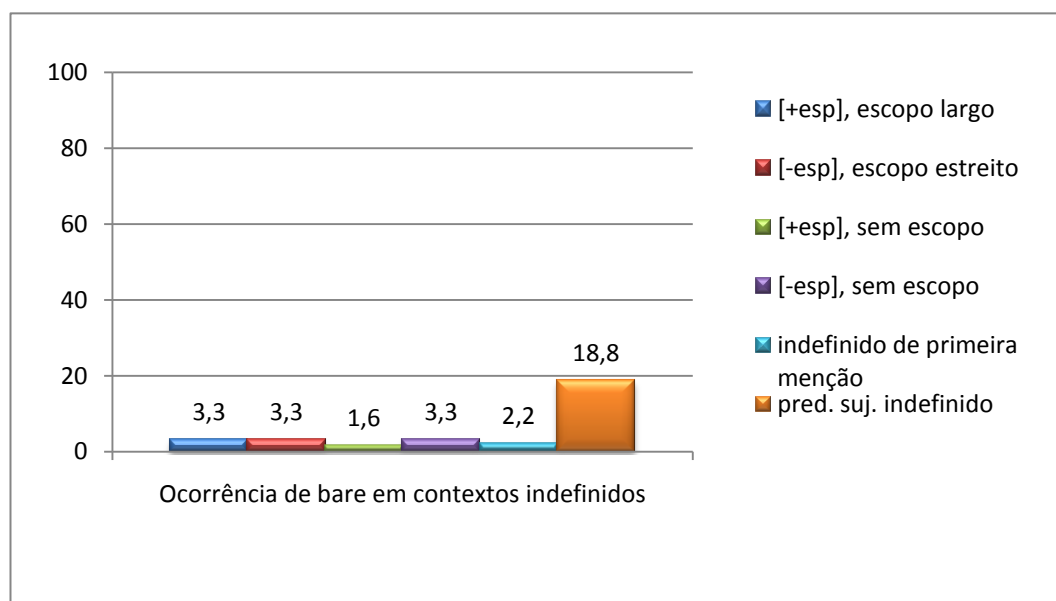


Gráfico 10. Ocorrência de NP simples em todos os contextos indefinidos.



2.3.5.4. Comparação de falantes de L2 definidos em função do nível de língua

Na descrição dos resultados do teste de nível, foi indicado que todos os falantes L2 tiveram uma performance bastante baixa, apesar de o período de exposição à língua exceder, na grande maioria, 5 anos. No entanto, ao efectuar uma análise de medidas repetidas ANOVA, seguida de um teste *post-hoc Sidak*, e considerando três grupos (controlo, L2 intermédio e L2 inicial), foi verificado que, para os falantes de russo, o nível de proficiência interage com a definitude quando a utilização do *o/a* ou do *um/uma* são medidos. Os sujeitos de L2 de nível intermédio estão significativamente mais próximos do uso correcto do grupo nativo de português do que os sujeitos L2 do nível inicial (Tabela 17).

Tabela 17. Médias de desempenho nas diferentes condições por grupos.

Perfil Condição	Grupo de controlo	L2 Nível intermédio	L2 Nível inicial
1. [+def, +esp] escopo largo	,966	,820	,660
2. [+def, -esp] escopo estreito	,993	,920	,767
3. [+def, +esp] sem escopo	,986	,920	,747
4. [+def, -esp] sem escopo	,890	,800	,653
5. [-def, +esp] escopo largo	,903	,660	,567
6. [-def, -esp] escopo estreito	,959	,660	,600
7. [-def, +esp] sem escopo	,966	,640	,573
8. [-def, -esp] sem escopo	,979	,760	,633
9. [+definido] Menção prévia	,724	,620	,593
10. [-definido] Primeira menção	,938	,600	,553
11. [-definido]	,979	,640	,393

Predicativo do SU			
12. [+definido]	,959	,500	,647
Predicativo do SU			
13. [+definido]	,966	,920	,760
Possessivo nulo			

Nas condições 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 10, 11, 12, e 13 há diferença significativa ($p = .000$, $p = .002$ na condição 13) entre o grupo L1 e o grupo L2 de nível elementar. Entre o grupo de L1 e o grupo de falantes de L2 de nível intermédio, só há diferenças significativas ($p < .05$) nas condições 5, 6, 7, 8, 10, 11 e 12). Portanto, em todas as condições que envolvem o uso do artigo definido, excepto a condição do predicativo do sujeito, os falantes L2 de nível intermédio já estão próximos do grupo nativo de portugueses.

Quanto ao efeito da especificidade, nem os sujeitos de L2 de nível elementar nem os de nível intermédio parecem ter em conta o traço de especificidade (Gráficos 11 e 12).

Gráfico 11. Dados de ocorrência do artigo definido em todos os contextos com a divisão de sujeitos L2 por nível.

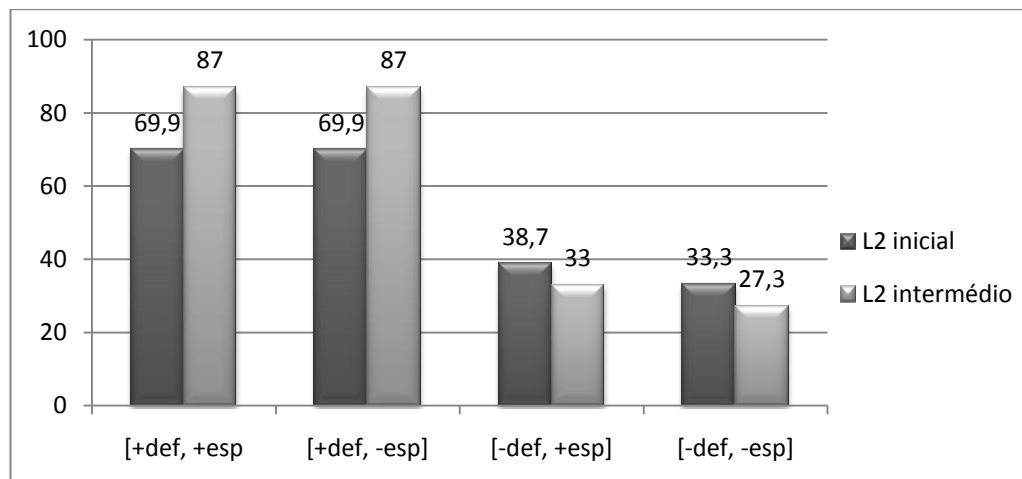
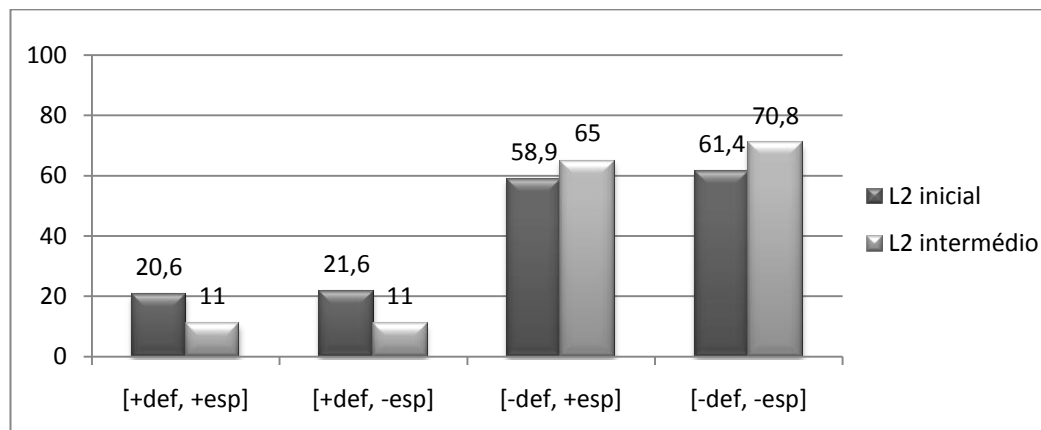


Gráfico 12. Dados de ocorrência do artigo indefinido em todos os contextos com a divisão de sujeitos L2 por nível.



O que os gráficos mostram é uma maior dificuldade nos contextos de uso do artigo indefinido do que nos de uso do definido. Já em estudos anteriores (Huebner, 1983; Master, 1987; Parrish, 1987; Thomas, 1989, referidos em Ionin, Ko & Wexler 2004; Mayo, 2009; Paradis & Zdorenko 2008), foi detectado que os sujeitos L2 têm mais dificuldades na aquisição do artigo indefinido. Os investigadores sugerem que, em inglês, a aquisição do artigo definido *the* se dá antes da aquisição do artigo indefinido *a*. No âmbito do presente estudo, também foi verificado que, em português, os sujeitos de ambos os grupos, tanto do nível inicial como do nível intermédio, tiveram menos desvios no uso do artigo definido *o/a* do que no uso do artigo indefinido *um/uma* (Gráficos 11 e 12).

2.3.5.5. Resultados Individuais

1. Contextos principais

Ao apresentar os resultados globais, foi dito que os dados de sujeitos L2 não vão ao encontro da predição que se baseia na FH. Apenas em contextos extensionais houve um efeito da variável especificidade tanto no uso do artigo definido em [-def, +esp] como no uso do artigo indefinido em [+def, -esp] (Tabela 8). Para ter a noção mais precisa dos resultados obtidos, observemos, agora, os dados individuais.

Foram estabelecidos vários padrões (38). Tendo em conta a FH, os padrões foram divididos em quatro protótipos³¹:

(38) 1. Destaque para a definitude

Neste padrão, estão incluídos dois tipos de sujeitos: a) os sujeitos de português L2 que têm performance semelhante a falantes de português L1, ou seja, usam correctamente o artigo definido em contextos [+def, -esp] e o artigo indefinido em contextos [-def, +esp] com a possibilidade de pequena margem de ocorrência de erros em todos os contextos. Nomeadamente, desvio em [+def, +esp] <10%, desvio em [+def, -esp] <10%, desvio em [-def, +esp] <10%, desvio em [-def, -esp] <10%; b) os sujeitos de português L2 que não têm desempenho semelhante a falantes nativos de português, mas não demonstram destaque para a especificidade. Por ex: desvio em [+def, +esp] = 30%, desvio em [+def, -esp] = 30%, desvio em [-def, +esp] = 40%, desvio em [-def, -esp] = 40%.

2. Padrão de flutuação

Neste padrão, inserem-se os sujeitos de português L2 cujos dados vão ao encontro da Hipótese de Flutuação. São abrangidos três tipos de sujeitos: a) aqueles que apresentam flutuação tanto em contextos [+def, -esp] como em [-def, +esp]; b) aqueles que apresentam a flutuação apenas em contextos [+def, -esp]; c) aqueles que apresentam a flutuação apenas em contextos [-def, +esp]. Os sujeitos mostram mais uso abusivo do artigo definido *a/o* em contextos [-def, +esp] e mais desvios no uso do artigo indefinido *um/uma* em contextos [+def, -esp]. A margem de desvios é igual ou superior a 10%.

3. Generalização no uso de artigos

Os sujeitos generalizam um tipo de artigo. São abrangidos dois tipos de sujeitos: a) os que usam correctamente o artigo definido *o/a* em contextos [+def, +esp] e [+def, -esp], mas usam abusivamente o definido em [-def, -esp] e [-def, +esp]; b) os que usam correctamente o artigo indefinido *um/uma* em contextos [-

³¹ Ao usar os pressupostos da FH, os padrões construídos não são distribuídos, no entanto, da mesma forma usada por Ionin, Ko & Wexler (2004).

def, +esp] e [-def, -esp], mas usam abusivamente o indefinido em [+def, -esp] e [+def, +esp].

4. Uso aleatório

Neste grupo, estão inseridos os dados dos falantes que não evidenciam nenhum dos padrões descritos e sem pistas para a formulação de um novo padrão.

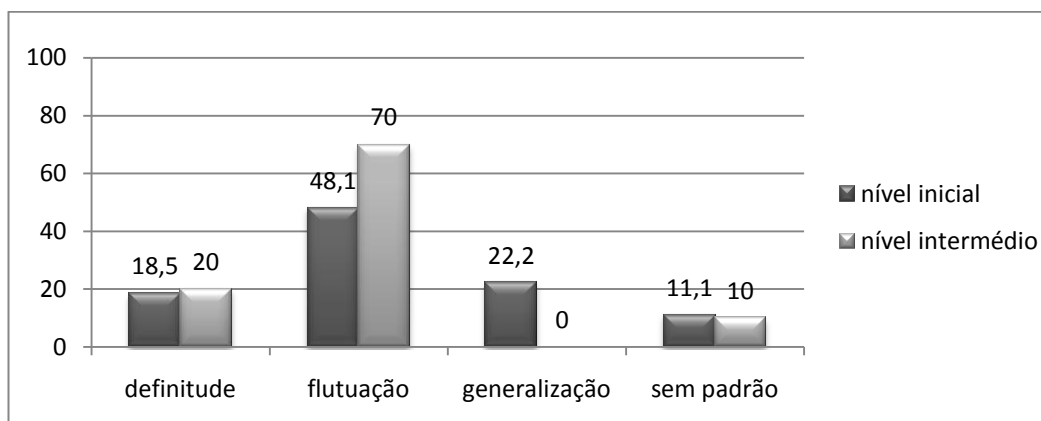
Tabela 18. Dados individuais de contextos principais divididos em padrões.

Padrão		Nível inicial	Nível intermédio
Destaque para definitude	Uso correcto	2	1
	Sem desvio para especificidade	3	1
Padrão de flutuação	Em definidos e indefinidos	5 (3=10%) ³²	1
	Em definidos	3	2 (1=10%)
	Em indefinidos	5 (2=10%)	4 (2=10%)
Generalização	Definido	5	
	Indefinido	1	
Uso aleatório		3	1

Ao observar os dados da Tabela 18, verificamos que, apesar de os resultados globais não confirmarem a FH, 20 de 37 participantes evidenciam uma diferença entre os contextos específicos e não específicos. Mesmo tendo em conta que oito sujeitos tiveram a margem de desvios muito baixa (apenas de 10%), doze sujeitos demonstraram diferença superior a 20% entre os contextos [-def, +esp] e [-def, -esp] e entre [+def, -esp] e [+def, +esp]. Considerando o nível de proficiência, o padrão de flutuação foi encontrado em 48,1% do total do grupo de sujeitos pertencente ao nível inicial e em 70% do total pertencente ao nível intermédio (Gráfico 13).

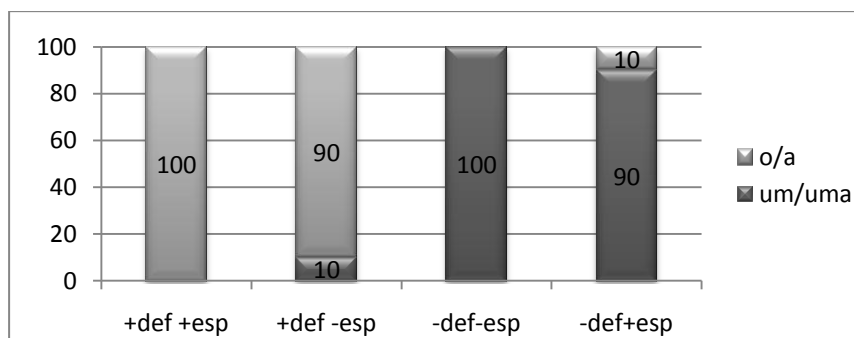
³² Explicação: cinco falantes evidenciam uma diferença entre os contextos mais específicos e menos específicos igual ou superior a 10%, três deles demonstram uma diferença igual a 10%.

Gráfico 13. Dados individuais de contextos principais divididos em padrões.



Alguns sujeitos não nativos de português estão inseridos no padrão de flutuação, visto que se observa em efeito de especificidade igual a 10%; no entanto o seu desempenho é muito semelhante ao desempenho de um falante nativo de português. Por exemplo, o sujeito cujos dados estão exemplificados no Gráfico 14, por um lado, aparenta um desempenho semelhante ao de um falante nativo, por outro, mostra um ligeiro efeito de especificidade.

Gráfico 14. Dados de um falante de L2 semelhantes aos dados de falantes de L1.



Também foi verificado que os sujeitos L2 destacam mais a especificidade em contextos indefinidos do que em contextos definidos. É outro factor que sugere que o artigo indefinido é adquirido tardiamente. Os dados do padrão de generalização indicam que apenas os sujeitos do nível inicial generalizam o uso do artigo definido ou do indefinido. Isto pode ser considerado como um exemplo de que existe um progresso na aquisição de artigos.

Existe ainda um grupo de sujeitos cujo desempenho carece de explicação, *i.e.*, os sujeitos tiveram mais desvios no uso do definido *o/a* com [-def, -esp] do

que [-def, +esp] e, também, mais desvios no uso do indefinido *um/uma* com [+def, +esp] do que [+def, -esp].

2. Contextos adicionais

Os resultados globais dos contextos adicionais mostraram que os sujeitos de português L2 tiveram uma performance bastante baixa tanto em cadeias referenciais como em estruturas com predicativo do sujeito. Apenas nos DPs com possessivo nulo os dados foram ao encontro da predição. No entanto, os resultados individuais indicam que nem todos os sujeitos tiveram um desempenho fraco. Na Tabela 19, está apresentada a distribuição de artigos nestes contextos adicionais, tendo em conta os resultados individuais dos sujeitos L2. A percentagem indicada corresponde ao uso correcto dos artigos. Foi verificado que quase metade dos sujeitos L2 teve poucos desvios no uso dos artigos³³, tanto do artigo definido como artigo indefinido, em contextos de cadeia referencial. Como já foi indicado anteriormente, nos contextos de predicativo do sujeito, os informantes tiveram resultados menos profícuos, no entanto, foi observado que um terço dos sujeitos, aproximadamente, teve desempenho semelhante aos falantes nativos do português.

Tabela 19. Percentagem de sujeitos de L2 português / L1 russo com uso semelhante aos sujeitos de L1 português.

Condições adicionais		Cadeia referencial		Predicativo do sujeito		Possessiv. nulo
		[+definido] Menção prévia	[-definido] Primeira menção	[+definido]	[-definido]	[+definido]
Uso correcto		45,9%	43,2%	35,1%	32,4%	78,4%
Nível	Inicial	44,4%	37%	40,7%	11,1%	74,1%
	Intermédio	50%	60%	20%	80%	90%

³³ A percentagem de respostas correctas é igual ou superior a 80%.

2.3.6. Sumário

2.3.6.1. Contextos principais

Nos principais contextos, que constituem o alvo do presente estudo, nas condições intensionais, verificou-se muito pouca ou nenhuma influência da especificidade no desempenho de falantes de L2. Em contextos extensionais, já se observou uma ligeira diferença entre os contextos específicos e não específicos, apesar de essa diferença não ser muito relevante. Tanto nos contextos definidos como indefinidos das condições extensionais, a percentagem de desvios no uso do artigo sobe quando a especificidade é tida em conta. O tipo de erros observado em ambos os contextos, intensionais e extensionais, consiste na substituição do artigo: os falantes de L2, às vezes, usam o artigo definido quando é necessário usar o artigo indefinido e vice-versa. A percentagem de ocorrência de NPs simples é muito baixa em todos os contextos principais. Observa-se também uma maior dificuldade nos contextos de uso do artigo indefinido do que nos de uso do definido.

2.3.6.2. Contextos adicionais

Nos contextos adicionais, apenas a condição do possessivo nulo revelou menos dificuldade no uso do artigo. Tanto nas condições da cadeia referencial como nas condições do predicativo do sujeito, observa-se um maior número de desvios. No entanto, enquanto, nos contextos da cadeia referencial, os falantes de L2 substituem o artigo definido pelo artigo indefinido e vice-versa, nos contextos do predicativo do sujeito, a ocorrência de NPs simples é evidente. Foi indicado que, ao comparar os resultados dos contextos definidos vs dos contextos indefinidos, nos principais contextos, se observou uma maior dificuldade nos contextos de uso do artigo indefinido do que nos de uso do definido. Também se verificou que, na condição do predicativo do sujeito, os falantes de L2 têm menos desvios nos contextos definidos do que nos contextos indefinidos. Somente nos contextos da cadeia referencial, a percentagem de respostas certas no definido de menção prévia é quase igual à percentagem no indefinido de primeira menção.

3. Conclusão

No âmbito do presente estudo, pretendeu-se observar o comportamento de falantes de L2 português / L1 russo na aquisição do artigo. Tendo por base uma hipótese formulada por Ionin (2003), a Hipótese de Flutuação, considerou-se a hipótese de que, tendo em conta a existência de línguas que se baseiam na especificidade e outras que se baseiam na definitude, os falantes de português L2 acedam a ambos os valores do parâmetro proposto por Ionin (2003), o Parâmetro de Escolha do Artigo (*The Article Choice Parameter*), oscilando, no entanto, entre os dois valores, quer eles sejam relevantes para a língua em aquisição quer não. Este trabalho foi orientado pelo objectivo principal de saber se a aquisição de uma L2 conta com o acesso aos diferentes valores paramétricos, portanto, se conta com o acesso à GU. A confirmação de uma hipótese como a proposta por Ionin permitiria confirmar o acesso à GU.

3.1. Acesso à GU e a Hipótese de Flutuação

Na discussão inicial sobre acesso à GU, foi observado que somente o padrão de flutuação sugere indiscutivelmente o acesso a todas as possibilidades previstas na GU. Ou seja, o facto de os falantes de L2 mostrarem acesso a todos os valores do parâmetro, parâmetro esse não relevante na sua L1, significa que eles acedem a todas as possibilidades da GU. No caso do padrão de flutuação, os erros no uso de artigos não são aleatórios, mas apontam para determinados padrões de uso. Na verdade, o padrão de uso aleatório mostra apenas que os falantes de L2 já têm conhecimento de que existem dois artigos que ocorrem sempre na posição pré-nominal; no entanto, ainda não os indexaram à expressão da definitude ou da especificidade, consoante a língua em aquisição. Portanto, o uso de artigos “à sorte” não constitui evidência a favor do acesso aos valores paramétricos previstos na GU.

Apesar de termos dito que os dados globais não corroboram a Hipótese de Flutuação, os dados individuais mostram influência quer do valor de definitude quer do valor de especificidade nos resultados. Assim, 20 dos 37 falantes de português L2 participantes no estudo mostram evidência para o acesso a ambos os valores do parâmetro, apesar de esta evidência não ser tão forte como a

encontrada em dados do inglês L2 (Ionin, Ko & Wexler 2004, Ionin, Zubizarreta & Philippov 2008). Confirma-se, assim, a possibilidade de acesso aos dois valores possíveis do Parâmetro de Escolha do Artigo proposto por Ionin 2003, logo confirma-se o acesso à GU na aquisição de uma L2.

Além disso, observa-se que há não só em muitos contextos uma maioria de respostas correctas como também há um efeito de crescimento entre o grupo L2 inicial e o grupo L2 intermédio, o que revela progresso na aquisição. Este efeito de crescimento permite, pelo menos, afirmar que, tendo em conta que há fixação do valor de um parâmetro inactivo na L1, há necessariamente indicação de acesso ao valor relevante do parâmetro.

No presente estudo, já foi indicado que os sujeitos de L2 usam melhor os artigos definidos do que os artigos indefinidos, o que corrobora os dados obtidos em pesquisas anteriores (Huebner 1983, Master 1987, Parrish 1987, Thomas 1989, referidos em Ionin, Ko & Wexler 2004; Mayo 2009, Zdorenko & Paradis 2008). No entanto, é possível que a causa seja não o uso correcto do definido mas o uso generalizado do mesmo, o que resulta na maior ocorrência do definido. Apesar de o padrão de generalização caracterizar apenas o comportamento de seis sujeitos do nível inicial, um uso melhor do artigo definido do que do artigo indefinido é observado, em geral, em todos os participantes de ambos os níveis³⁴.

Por outro lado, em português, a melhor performance no uso do artigo definido também pode depender do facto de o artigo definido ter uma distribuição mais alargada do que o artigo indefinido. Ou seja, os falantes de L2 português apreendem mais facilmente o artigo definido porque (i) o mesmo ocorre mais frequentemente no *input*, ou mesmo (ii) num leque mais alargado de contextos.

³⁴ O fenómeno observado, que configura o que Mayo (2009) chama de *directionality effects*, consiste neste caso na melhor performance no uso do artigo definido em contraste com o artigo indefinido. Mayo (2009) assinala que esse fenómeno ocorre mais em falantes de L2 com o nível de proficiência baixo, o que também coincide com o que encontramos nos nossos dados. Zdorenko & Paradis (2008) sugerem que, na aquisição de artigos em inglês, “the pattern [*the pattern of the directionality*] could be a general property of L2 acquisition, possibly due to the greater semantic complexity of *a* as discussed in Lardiere (2004; 2005) and Hawkins *et al.* (2006)”.

O presente estudo não tem por objectivo testar o efeito de direcionalidade, no entanto, os resultados corroboram a proposta.

3.2. *Input*

Já foi referido antes que o *input* determina a escolha entre os possíveis valores propostos pela GU, ou seja, o *input* fornece as pistas necessárias que fazem o sujeito escolher entre vários valores propostos. No entanto, quanto a estímulos na aquisição de artigos, poder-se-ia pensar que, na idade adulta, os triggers não seriam tão facilmente observáveis no *input*. Ou seja, o *input* seria o mesmo na aquisição de uma L1 e de uma L2, mas o intake (White, 1981) não seria exactamente equivalente. Esta hipótese articula-se bem com as hipóteses que discutem o efeito do período crítico na aquisição de uma L2 e aplicar-se-ia à aquisição de uma L2 em idade adulta, como é o caso do que tratamos neste estudo.

De acordo com Gass & Selinker (1994), “intake is the process of assimilating linguistic material. Intake refers to the mental activity that mediates between *input* and grammars and is different from apperception or comprehension, as the latter two do not necessarily lead to grammar formation. This, of course, suggests that intake is not merely a subset of *input*. Rather, *input* and intake refer to two fundamentally different phenomena”³⁵. Ou seja, enquanto o *input* é a informação linguística recebida por um falante, o intake corresponde a um processo mental que se traduz na assimilação e no processamento dessa informação que, por fim, se traduz na interlíngua do falante de L2.

Para a fixação de um determinado valor paramétrico, o indivíduo necessita de formular uma generalização baseada em várias pistas fornecidas pelo *input*. Contudo, tendo em conta que algumas pistas têm interpretação ambígua, os falantes de L2 teriam maior dificuldade em construir uma generalização, o que sugere que algumas pistas do *input* seriam mais fáceis de avaliar do que outras por estes tipo de falantes. Citando Ionin (2003), “In order to determine whether the is [+definite] or [+specific], the L2-learner needs to evaluate the discourse situation and decide whether the is marking the presupposition of uniqueness (from the hearer’s perspective) or the existence of a noteworthy property (from the speaker’s perspective). Since definites are often specific, both hypotheses will be compatible with many situations. The learner thus also needs to pay attention to

³⁵ Para uma descrição mais detalhada de diferentes níveis de *input*, veja-se Gass e Selinker (1994: 479).

use of a, and note that in contexts which are [+specific] but [-definite], the is never used by native English speakers”.

3.3. *Transfer*

Dado que em russo não existe nenhuma categoria equivalente ao artigo, a hipótese de transferência dos valores da L1 foi afastada *a priori*. Se o *transfer* tivesse desempenhado um papel, pressupunha-se, no primeiro estágio, a ocorrência generalizada de NPs simples em todos os contextos. Na realidade, o estudo mostra uma pequena percentagem de omissão de artigos, excepto no caso de condições com a estrutura de predicativo do sujeito, sendo este um facto que sugere a aquisição tardia das formas de expressão da interpretação identificacional ou predicativa da estrutura referida. Outra explicação para a elevada ocorrência de NPs simples na estrutura de predicativo do sujeito prende-se com a influência do *input*. *I.e.*, em português, em certas condições, existe a possibilidade de ocorrência de NPs simples na posição de predicativo de sujeito³⁶, portanto, é possível que os falantes de L2 português omitam o artigo devido à ocorrência de NPs simples nestes contextos no discurso de falantes nativos de português. Foi detectado, também, que, em quase todas as condições (com excepção dos contextos que envolvem a cadeia referencial), a omissão dos artigos ocorre mais em contextos definidos do que indefinidos, embora a diferença não seja grande.

Ao descrever operações de codificação de definitude e de especificidade em russo, foi indicado que o russo tem um potencial marcador de especificidade *odin*, homónimo do numeral *um*, e que este marcador *odin* pode ocorrer apenas em contextos indefinidos, sendo incompatível com os contextos definidos. Tendo isto em conta, Ionin (2003) sugeriu que os sujeitos de L1 russo poderiam associá-lo ao artigo indefinido *a* em contextos [-definido, +específico], recorrendo a NPs simples em contextos [-definido, -específico]. No entanto, os dados em inglês não confirmaram a hipótese. Em português, os resultados do teste também não evidenciam a possibilidade de *transfer*: a percentagem de ocorrência do artigo indefinido *um/uma* em contextos [-definido, +específico] não ultrapassa a ocorrência do indefinido em contextos [-definido, -específico], ou seja, aparentemente, os falantes de L2 não associam o marcador *odin* ao artigo

³⁶ Veja-se Verdial Soares (1997).

indefinido. Também se observa muito baixa ocorrência de NPs simples tanto em contextos [-definido, -específico], como foi sugerido, como em [-definido, +específico].

Como já foi indicado anteriormente, os resultados do presente trabalho dificilmente serão justificados através de *transfer*, por a L1 não ter a categoria em aquisição, por um lado; por outro lado, devemos ainda lembrar que os falantes de L2 português, apesar de terem proficiência baixa (low-proficiency) no código escrito, não se inserem no estágio inicial.

Bibliografia

- Brito**, Ana Maria (2003), *Categorias Sintáticas*. In Maria Helena Mira Mateus *et al.* *Gramática da língua portuguesa*. 6ª ed., Lisboa: Editorial Caminho, pp. 345-370.
- Castro**, Ana (2001), Os Possessivos em Português Europeu e Português Brasileiro - Unidade e Diversidade. *Actas do XVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL, pp. 599-613.
- Chomsky**, Noam (1981), *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Foris.
- Correia**, Clara Nunes (2002), *Estudos de Determinação, A Operação de Quantificação-Qualificação em Sintagmas Nominais*. Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e a Tecnologia.
- Duarte**, Inês & Fátima **Oliveira** (2003), Referência Nominal. In Maria Helena Mira Mateus *et al.* *Gramática da língua portuguesa*. 6ª ed., Lisboa: Editorial Caminho, pp. 205-242.
- Ellis**, Rod (1997), *Second Language Acquisition*. Oxford: Oxford University Press.
- Ekizian**, Chaké (2004), *Sobre a Gramática da Língua Arménia*, Editora Humanitas.
- Frawley**, William (1992), *Linguistic Semantics*. Hillsdale: Lawrens Erlbaum, pp. 69-83.
- Gass**, Susan & Larry **Selinker** (1994), *Second Language Acquisition: an Introductory Course*. 3ª ed., New York: Taylor & Francis e-Library.
- Geist**, Ljudmila (2008), *Specificity as Referential Anchoring: Evidence from Russian*. Grøn, Atle (ed.): Proceedings of SuB12, Oslo: ILOS 2008, pp. 151-164.
- Gonçalves**, Perpétua (2005), Falsos Sucessos no Processamento do *Input* na Aquisição de L2: Papel da Ambiguidade na Génese do Português de Moçambique. *Revista da Abralín*, vol. 4, nº 1 e 2, p. 47-73.
- Hawkins** Roger & Cecilia Yuet-hung **Chan** (1997), The partial availability of Universal Grammar in second language acquisition: the ‘failed functional features hypothesis’. *Second Language Research* 13 (3), pp. 187-226.

- Hawkins** Roger & Hajime **Hattori** (2006), Interpretation of English multiple wh-questions by Japanese speakers: A missing uninterpretable feature account. *Second Language Research* 22 (3), pp. 269-301.
- Ionin**, Tania & Kenneth **Wexler** (2003), The Certain Uses of the in L2-English. In Juana M. Liceras *et al.* (ed.), *Proceedings of the 6th Generative Approaches to Second Language Acquisition Conference (GASLA 2002)*, Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project, pp. 150-160.
- Ionin**, Tania (2003), *Article Semantics in Second Language Acquisition*. Dissertação de doutoramento, MIT.
- Ionin**, Tania, Heejeong **Ko** & Kenneth **Wexler** (2004), Article Semantics in L2 Acquisition: The Role of Specificity. *Language Acquisition* 12(1), pp. 3–69.
- Ionin**, Tania, Maria Luisa **Zubizarreta** & Vadim **Philippov** (2009), Acquisition of Article Semantics by Child and Adult L2-English Learners. *Bilingualism: Language and Cognition* 12(3), pp. 337-361.
- Ionin**, Tania, Maria Luisa **Zubizarreta** & Salvador Bautista **Maldonado** (2008), Sources of linguistic knowledge in the second language acquisition of English articles. *Lingua* 118 (4), pp. 554-576.
- Kim**, Han Chul (2005), *Aquisição do artigo definido em português como segunda língua por aprendizes coreanos*. Tese de doutoramento, Porto Alegre.
- Kim**, Lucy Kyoungsook & Usha **Lakshmanan** (2009), The processing role of the Article Choice Parameter: Evidence from L2 learners of English. In María del Pilar García Mayo and Roger Hawkins (ed.) *Second Language Acquisition of Articles: Empirical findings and theoretical implications*, pp. 87-113.
- Ko**, Heejeong, Tania **Ionin** & Ken **Wexler** (2006), Adult L2-learners lack the maximality presupposition, too. In K. U. Deen *et al.* (eds) *The Proceedings of the Inaugural Conference on Generative Approaches to Language Acquisition–North America, Honolulu, HI*. University of Connecticut Occasional Papers in Linguistics 4, pp. 171-182.
- Lambrecht** Knud (2000), When Subjects Behave like Objects: an Analysis of the Merging of S and O in Sentencefocus Constructions across Languages. *Studies in Language* 24 (3), pp. 611–682.
- Lang**, Yong (2010), *Grammar and the Chinese ESL Learner: A Longitudinal Study on the Acquisition of the English Article System*. New York: Cambria Press.

- Lu**, Crystal Fen-chuan (2001), The acquisition of English Articles by Chinese learners. *Second Language Studies* 20, pp. 43–78.
- Lyons**, Christopher (1999), *Definiteness*, Cambridge: Cambridge University Press.
- Markocian**, Aida (2006), *Vzaimosviaz kategóri opredelionnosti / neopredelionnosti e referntsii (na primere armianskogo yazika v sravnenii s russkim)*. III Conferência Internacional “Russki yazik v yazikovom kulturnom prostranstve Evropi i mira: Tchelovek. Soznanie. Kommunikatcia. Internet”, Varsóvia, pp. 191-198.
- Mateus**, Maria Helena Mira *et al.* (2003), *Gramática da Língua Portuguesa*. 6^a ed., Lisboa: Editorial Caminho.
- Matos**, Gabriela (2006), Do projecto PE-PB ao 1º CILP: descrição do Português e Teoria da Gramática. *Letras de Hoje* 41 (1), Porto Alegre, pp. 11-27.
- Mayo**, María del Pilar García (2009), Article choice in L2 English by Spanish speakers, Evidence for full transfer. In María del Pilar García Mayo and Roger Hawkins (ed.) *Second Language Acquisition of Articles: Empirical findings and theoretical implications*, pp. 13-35.
- Müller** Ana & Fátima **Oliveira** (2002), Bare Nominals and Number in Brazilian and European Portuguese. *Colóquio Português Europeu e Português Brasileiro – Unidade e Diversidade na Passagem do Milénio*, Lisboa.
- Oliveira**, Fátima (1987), Cadeias Anafóricas. Que Referência?. *Revista da Faculdade de Letras do Porto*.
- Oliveira**, Fátima & Luís Filipe **Cunha** (2003), Termos de Espécie e Tipos de Predicados. *Volume Comemorativo dos 25 anos do CLUP*, Porto: CLUP, (no prelo).
- Oliveira**, Fátima, Inês **Duarte**, Maria João **Freitas**, Anabela **Gonçalves**, Matilde **Miguel** & Celeste **Rodrigues**, (2006), Derivações sintáticas e Interpretação Semântica. *Letras de Hoje* 143, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- Paducheva**, Elena (1998), On non-compatibility of Partitive and Imperfective in Russian. *Theoretical linguistics* 24 (1), pp.73-82.
- Paducheva**, Elena (2000), Definiteness Effect: The Case of Russian. In Klaus von Heusinger (ed.) *Reference and Anaphoric Relations*, Dordrecht / Boston / London:

University of Konstanz, Germany and URS EGLI University of Konstanz, Germany Kluwer Academic Publishers.

Paducheva, Elena (2009), Possessives and mode of action nouns in Russian. *Kompiuternaia lingvístika e intellektualnie tekhnológuii* 8 (15), Conferência *Dialog*.

Rodionova, Elena (2001), *Word Order and Information Structure in Russian Syntax*. Dissertação de Mestrado, University of North Dakota.

Partee, Barbara H. & Vladimir **Borschev** (2006), The Genitive of Negation in Russian: Multiple Perspectives on a Multi-Faceted Problem. In *First Meeting of the Slavic Linguistics Society*, Bloomington: Indiana University.

Sarko, Ghissh (2008), Morphophonological or Syntactic Transfer in the Acquisition of English Articles by L1 Speakers of Syrian Arabic?. In Roumyana Slabakova *et al.* (ed.) *Proceedings of the 9th Generative Approaches to Second Language Acquisition Conference (GASLA 2007)*, Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project, pp. 206-217.

Schwartz, Bonnie D. & Rex A. **Sprouse**. (2000), When Syntactic Theories Evolve: Consequences for L2Acquisition Research. In John Archibald (ed.), *Second Language Acquisition and Linguistic Theory*, Malden, MA: Blackwell, pp. 156-186.

Snape, Neal (2006), L2 acquisition of definiteness and specificity in English by advanced Japanese and Spanish learners. In A. Belletti, E. Bennati, C. Chesi, E. Di Domenico and I. Ferrari (eds.), *Language Acquisition and Development. Proceedings of the Generative Approaches to Language Acquisition Conference 2005*, Cambridge, UK: Cambridge Scholars Press/CSP, pp. 591-596.

Snape, Neal, Y.-K. Ingrid **Leun** & Hui-Chuan **Ting** (2006), Comparing Chinese, Japanese and Spanish Speakers in L2 English Article Acquisition: Evidence against the Fluctuation Hypothesis?. In Mary Grantham O'Brien, Christine Shea, and John Archibald (ed.) *Proceedings of the 8th Generative Approaches to Second Language Acquisition Conference (GASLA 2006)*, Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project, pp. 132-139.

Treichler, Michael, Cornelia **Hamann**, Manuela **Schönenberger**, Maria **Voeykova** & Natalia **Lauts** (2009), Article Use in L3 English with German as L2 by Native Speakers of Russian and in L2 English of Russian Speakers. In Melissa Bowles *et al.* (ed.) *Proceedings of the 10th Generative Approaches to Second*

Language Acquisition Conference, Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project, pp. 9-16.

Trenkic, Danijela (2009), Accounting for patterns of article omissions and substitutions in second language production. In María del Pilar García Mayo and Roger Hawkins (ed.) *Second Language Acquisition of Articles: Empirical findings and theoretical implications*, pp. 115-143.

Tryzna, Marta (2009), Questioning the validity of the Article Choice Parameter and the Fluctuation Hypothesis: Evidence from L2 English article use by L1 Polish and L1 Mandarin Chinese Speakers. In María del Pilar García Mayo and Roger Hawkins (ed.) *Second Language Acquisition of Articles: Empirical findings and theoretical implications*, pp. 67-86.

Tsimpli, Ianthi Maria (2003), Clitics and Determiners in L2 Greek. In Juana M. Liceras *et al.* (ed.), *Proceedings of the 6th Generative Approaches to Second Language Acquisition Conference (GASLA 2002)*, Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project, pp. 331-339.

Tsimpli, Ianthi Maria (2003), Interrogatives in the Greek/English interlanguage: a minimalist account. In Mela-Athanasopoulou, E. (ed.), *Selected papers on theoretical and applied linguistics*. Thessaloniki: Aristotle University, pp. 214–25.

Tsimpli, Ianthi Maria & Maria **Dimitrakopoulou** (2007), The Interpretability Hypothesis: evidence from wh-interrogatives in second language acquisition. *Second Language Research* 23 (2), pp. 215–242.

Verdial Soares, Nuno (1997), *Os Sintagmas Nominais Simples: Para uma Sintaxe Comparada de Português, Francês e Inglês*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa.

White, Lydia (1981), The responsibility of grammatical theory to acquisitional data. In N. Hornstein & D. Lightfoot (eds.) *Explanation in Linguistics. The logical problem of language acquisition*. London / New York: Longman.

White, Lydia (2000), Second Language Acquisition: From Initial to Final State, In John Archibald (ed.) *Second Language Acquisition and Linguistic Theory* Malden: Blackwell, pp. 130-155.

White, Lydia (2003), *Second Language Acquisition and Universal Grammar*, Cambridge University Press, UK.

White, Lydia (2008), Different? Yes. Fundamentally? No. Definiteness Effects in the L2 English of Mandarin Speakers, In Roumyana Slabakova *et al.* (ed.)

Proceedings of the 9th Generative Approaches to Second Language Acquisition Conference (GASLA 2007), Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project, pp. 251-261.

Zdorenko, Tatiana & Johanne **Paradis** (2008), The Acquisition of Articles in Child Second Language English: Fluctuation, Transfer or Both?. *Second Language Research* 24 (2), pp. 227-250.

Anexo 1. Perfil de falantes de L2 português

Sujeito	Idade	Habilitações	Profissão exercida em Portugal	L1	Língua falada em casa	Língua falada no trabalho	Tempo em Portugal	Contexto de aquisição	Método de aquisição	Nível
1	31	9º	Empregada doméstica	Russo	Russo, português	Português	10 anos	Imersão	Auto-aprendizagem	A2
2*	37	Licenciatura	Professora de inglês	Russo	Russo	Português, inglês	5 meses	Imersão	Auto-aprendizagem	A1
3	37	12º	Empregada de mesa	Russo	Russo	Português	8 anos	Imersão	Auto-aprendizagem	A1
4	31	Licenciatura	Jurista	Russo	Russo	Português, russo	8 anos	Imersão	Curso de português (3 meses)	A1
5	57		Soldador	Russo	Russo	Russo	11 anos	Imersão		A2-
6	44	Licenciatura	Lavadeira	Russo	Russo	Português	9 anos	Imersão	Curso de português (3 níveis)	A1
7*	50		Cozinheiro	Russo	Russo	Português	7 anos	Imersão	Curso de português	A1
8	41	Licenciatura	Médica	Russo	Português	Russo	2 anos	Imersão	Vários cursos de português p/estrangeiros	B1
9	43	12º	Preparador de veículos	Russo	Russo	Português	9 anos	Imersão	Auto-aprendizagem	A2/B1

10	60	12°	Empregada doméstica	Russo	Russo	Português	9 anos	Imersão	Vários cursos de português p/estrangeiros	A1/A2
11	54	Licenciatura	Economista	Russo	Russo, português	Não trabalha	6,5 anos	Imersão	Vários cursos de português p/estrangeiros	A2/B1
12	33	Licenciatura	Informático	Russo	Russo	Português	8 anos	Imersão	Curso de português	A2/B1
13		Licenciatura	Pedagogia	Russo	Português	Português	6 anos	Imersão	Curso de português	A2/B1
14	45	Licenciatura	Empregada doméstica	Russo	Russo, ucraniano, português	Português	8 anos	Imersão	Vários cursos de português p/estrangeiros	A1
15	47		Manipuladora de carne	Russo	Russo	Português	8 anos	Imersão	Curso de português	A1
16	36	Licenciatura	Caixeira	Russo, ucraniano	Russo, português	Português	8 anos	Imersão	Curso de português	A1
17	53	Bacharelato	Enfermeira	Russo	Russo	Português	6 anos	Imersão	Curso de português	A
18		Licenciatura	Empregada doméstica	Russo	Russo	Português	6 anos	Imersão	Auto-aprendizagem	A1
19	23		Distribuidor	Russo	Russo	Português	1 ano	Imersão	Curso de 3 meses	A1
20	37	12°	Motorista	Russo	Russo	Português	9 anos	Imersão	Auto-aprendizagem	A1
21	52	Curso Técnico	Cozinheiro	Russo	Russo	Português	7,4 anos	Imersão	Curso de português	A1

22	40	12º	Vigilante	Russo, ucraniano	Russo, ucraniano	Português	8 anos	Imersão	Curso de português	A2/B1
23	18	12º		Ucraniano	Russo	Português	2,5 anos	Imersão		A1
24	20	12º	Assistente call-center	Ucraniano	Russo	Português, russo, ucraniano	4 anos	Imersão	Escola secundária	A2/B1
25*	18	12º	Explicador de inglês e de arménio	Arménio	Russo, arménio	Português	3 anos	Imersão	Auto-aprendizagem	A1
26	22	11º	Secretária	Ucraniano	Russo, ucraniano, português	Português	3 anos	Imersão	Curso de português	A2/B1
27	24	12º	Empregada	Ucraniano	Ucraniano	Português	9 meses	Imersão	Curso de português	A1
28	46	Colégio	Tecnólogo	Russo	Português	Português	8 anos	Imersão	Auto-aprendizagem	A1
29	54	Curso Técnico	Cabeleireira	Ucraniano	Russo	Não trabalha	2 anos	Imersão	Curso de português	A1
30	36	Licenciatura	Empregada doméstica	Ucraniano	Ucraniano	Português	7 anos	Imersão	Auto-aprendizagem	A1
31	41	Licenciatura	Engomadeira	Russo	Russo	Português	7 anos	Imersão		A1
32	30	12º	Empregada doméstica	Russo	Russo, português	Português	8 anos	Imersão	Cursos	A1

33	26	Licenciatura	Médica	Russo	Russo, ucraniano	Não trabalha	8 meses	Imersão	Vários cursos de português p/estrangeiros	A1
34	43	Curso Técnico	Comercial	Russo	Russo, português	Português	7 anos	Imersão		A1
35	40	Licenciatura	Personal trainer	Russo	Russo	Português	7 anos	Imersão	Vários cursos de português p/estrangeiros	A1
36	33	12º	Empregada	Russo	Russo	Não trabalha	8 anos	Imersão	Auto-aprendizagem	A1
37	41	11º	Empreiteiro	Russo	Russo	Português	10 anos	Imersão	Auto-aprendizagem	A1
38	51	Licenciatura	Caixeira	Russo	Russo	Português	8 anos	Imersão	Curso (1 mês)	A1/A2
39	32	Curso Técnico	Caixeira	Russo, ucraniano	Ucraniano	Português	9 anos	Imersão	Auto-aprendizagem	A1/A2
40	37	Licenciatura	Administrativa	Russo	Russo, português	Português, russo	8 anos	Imersão	Auto-aprendizagem	A2/B1

* Os resultados dos falantes destacados a cinzento não são incluídos nos resultados finais.

Anexo 2. Os contextos organizados por condições

[+definido]	[-definido]
1. [+específico] Escopo largo, conhecimento do falante 2. [-específico] Escopo estreito, sem conhecimento do falante 3. [+específico] Sem escopo, conhecimento do falante 4. [-específico] Sem escopo, sem conhecimento do falante 9. [+específico] Definido da menção prévia 12. [+específico] Predicativo de sujeito nominal 13. [+específico] Valor possessivo	5. [+específico] Escopo largo, conhecimento do falante 6. [-específico] Escopo estreito, sem conhecimento do falante 7. [+específico] Sem escopo, conhecimento do falante 8. [-específico] Sem escopo, sem conhecimento do falante 10. [-específico] Indefinido da primeira menção 11. [-específico] Predicativo de sujeito nominal

Condições

1º [+definido, +específico] Escopo largo, conhecimento do falante

1. Conversa entre dois polícias

Agente Silva: Há que tempo não o vejo. Deve estar muito ocupado.

Agente Teixeira: Pois, estou. Ouviu falar sobre a Senhora Sara Andrews, uma famosa advogada que foi assassinada há algumas semanas? Nós estamos a tentar encontrar o assassino da senhora. Chama-se Roger Williams e é um criminoso muito conhecido.

2. Numa livraria

Cristina: Bem. Já comprei tudo o que queria. Podemos ir embora?

Miguel: Podes esperar um pouco? Queria falar com o gerente da livraria. É minha amiga.

3. No final de um torneio de xadrez

Laura: Podemos ir embora?

Beta: Não, ainda não. Antes, queria falar com a vencedora do torneio. Ela é minha amiga. Quero dar-lhe os parabéns.

4. Erik: Gostei imenso daquele livro que me deste no meu aniversário. É muito interessante.

Laura: Obrigada! Também gosto. Gostava de conhecer a autora desse livro. Eu vi uma entrevista com ela na TV e realmente gostei dela.

5. Na repartição das finanças.

Senhor: Bom dia! O que é que eu faço para abrir actividade em nome individual?

Funcionária: Bom dia! Terá que preencher o impresso nº 9, depois comprar a caderneta de recibos e, no final de cada ano, entregar a declaração Modelo 37 com todos os anexos preenchidos.

2º [+definido, -específico] Escopo estreito, sem conhecimento do falante

6. Conversa entre um polícia e um repórter

Repórter: Há uns dias, o Senhor José Pereira, um famoso político, foi assassinado! Estão a investigar o assassínio dele?

Polícia: Sim. Nós estamos a tentar encontrar o assassino do Senhor Pereira, mas ainda não sabemos quem é.

7. Num talho

Empregado: Posso ajudar?

Cliente: Se faz favor. Estou mesmo irritado! Comprei carne neste talho, mas está completamente estragada! Quero falar com o responsável do estabelecimento. Não faço ideia de quem ele é, mas quero vê-lo imediatamente!

8. Depois de uma corrida feminina

Repórter: Desculpe! Posso entrar?

Segurança: Precisa de alguma coisa?

Repórter: Sou repórter. Precisava de falar com a vencedora da corrida. Como não a conheço, pode ajudar-me?

9. Numa galeria

Sara: Estás a ver aquela belíssima paisagem?

Maria: Sim. É um espanto!

Sara: Eu gostava de conhecer o autor deste quadro. Infelizmente, nem faço ideia de quem ele é. O quadro não está assinado.

10. Na biblioteca

Funcionária: Posso ajudar?

Visitante: Espero que sim. Foi-me sugerido um livro da História da Arte. Não sei como se chama o autor. Só sei que é muito conhecido e o livro tem capa vermelha com letras brancas.

Funcionária: Bem, assim, não vai ser fácil.

3º [+definite, +specific] Sem escopo, conhecimento do falante

11. Paulo: Tens tempo para o almoço?

Sandra: Não, estou muito ocupada. Tenho um encontro com o reitor da nossa universidade, Senhor Doutor Ricardo Pinto. É um encontro importantíssimo.

12. Encontro no parque

André: Olá, Teresa! O que estás a fazer em Lisboa? Trabalha aqui?

Teresa: Não, estou aqui por motivos pessoais. Vou visitar o pai do meu noivo. É muito boa pessoa, e ainda por cima vai pagar o nosso casamento!

13. Repórter 1: Imagina! Finalmente tenho um assunto importante!

Repórter 2: Boa! Qual é?

Repórter 1: Esta semana, vou fazer uma entrevista com o presidente da Câmara Municipal do Porto, o Senhor Paulo Silva. Estou tão ansioso!

14. Cátia: A minha filha Joana adora aquela série “Morangos com Açúcar”.

Lara: Então, ela está com sorte! Amanhã, vou almoçar com o realizador da série. É meu amigo. Queres um autógrafo dele?

15. Anna: Então, parece que não dormiste!

Nádia: Ontem à noite, não conseguia adormecer. Estava preocupada com a manifestação de amanhã. Então pus-me a ler a legislação.

4º [+definido, -específico] Sem escopo, sem conhecimento do falante

16. Mário: Estou à procura do Erik. Ele está em casa?

Ricardo: Está, mas está a falar ao telefone. Tem um assunto importante para tratar. Está a falar com o patrão da empresa dele. Não o conheço, mas a conversa parece ser importante para o Erik.

17. Uma conversa telefónica

Maria: Olá, Alex. O Luís está?

Alex: Ele foi ao Porto este fim de semana.

Maria: Estou a ver. Precisava realmente de falar com ele. Como poderia encontrá-lo no Porto?

Alex: Não sei. Ele combinou um encontro com a mãe do melhor amigo dele. Não a conheço, e nem o número dela tenho.

18. Miguel: Tenho uma novidade! Lembras-te da minha amiga Jéssica, aquela que é jornalista?

Ângela: Claro! O que é que ela tem?

Miguel: Ela conseguiu um excelente emprego num jornal. Hoje, ela vai entrevistar o governador de Minas Gerais! Não sei quem é ... mas para a Jéssica esta entrevista é realmente importante!

19. Rosa: Vamos jantar com o teu irmão Samuel à noite.

Pedro: Não, ele está ocupado. Ele já tem um compromisso com o gerente da empresa dele. Não faço ideia de quem se trata, mas tenho a certeza de que o Samuel não poderá cancelar o jantar marcado.

20. Nos transportes públicos

Fiscal: Mostre-me 61(a) o título de transporte, se faz favor.

Passageiro: Nem sabe o que me aconteceu. Estava muito atrasado. Deixei 61(b) a carteira em casa juntamente com 61(c) o passe.

Fiscal: Lamento, mas terá que pagar a multa prevista!

5º [-definido, +específico] Escopo largo, conhecimento do falante

21. Num aeroporto, na sala de chegada de passageiros.

Homem: Peço desculpa, o senhor trabalha aqui?

Segurança: Sim.

Homem: Então, provavelmente poderá ajudar-me. Estou a tentar encontrar uma menina ruiva. Acho que ela chegou no voo nº 239.

22. Num restaurante.

Empregado: O senhor já quer pedir ou ainda está à espera de alguém?

Cliente: Não se importa de voltar daqui alguns minutos? É que quero almoçar com uma colega de trabalho. Ela deve aparecer daqui a pouco.

23. Nos “Perdidos e Achados”

Funcionário: Posso ajudar? Está à procura de alguma coisa que tenha perdido?

Homem: Sim... Sei que tem que tem muitas coisas aqui, mas, talvez, tenha aquilo que eu procuro. Estou a tentar encontrar um cachecol verde que perdi.

24. Ourivesaria. Uma conversa telefónica.

Vendedor: Bom dia, fala da Ourivesaria Matias. Posso fazer alguma coisa por si, minha senhora?

Cliente: Pois ... Ouvi dizer que o senhor também aceita as jóias antigas que as pessoas têm.

Vendedor: Exactamente.

Cliente: Neste caso, queria propor-lhe um lindíssimo colar de prata. É muito valioso. Está na nossa família há 100 anos.

25. Na polícia

Queixoso: Quero apresentar uma queixa! Fui assaltado. Veja lá se encontram o assaltante. Procurem um homem de mais ou menos 1,70m, muito magro e com cabelo escuro.

6º [-definido, -específico] Escopo estreito, sem conhecimento do falante

26. Numa livraria para crianças

Criança: Gostava de levar alguma coisa para ler, mas não sei o quê.

Vendedor: Bem, o que gostas mais? Temos livros das mais variadas temáticas.

Criança: Gosto das coisas que se movem: carros, comboios ... Já sei! Queria levar um livro sobre aviões. Adoro ler sobre pilotagem!

27. Numa escola.

Aluno: Sou novo nesta escola. Hoje é o meu primeiro dia.

Professor: Bem-vindo! Hoje organizámos uma festa na escola. Quer vir?

Aluno: Claro. Gostaria de conhecer os meus colegas de turma. Espero encontrar um novo amigo. Não gosto de estar sozinho.

28. Numa loja.

Empregada: Posso ajudar?

Cliente: Agradecia. Revirei a loja toda e não encontro o que quero. Estou à procura de um chapéu de malha. Está muito frio lá fora.

29. Sérgio: Tenho um problema. Não consigo adquirir a nacionalidade portuguesa.

Júlia: Então?

Sérgio. Preciso de um conselho. Estou à procura de um advogado muito experiente. É o que devo fazer no meu caso, não é?

30. – Já ouviste a notícia? Tencionam construir um novo fórum no Barreiro!

– Não sabia.

7º [-definido, +específico] Sem escopo, conhecimento do falante

31. Jornalista 1: Olá! Há tanto tempo! Tens tempo para um cafezinho?

Jornalista 2: Que pena, não tenho. Estou muito ocupado com uma reportagem sobre o sistema de saúde. Hoje, vou entrevistar um médico do Hospital Pediátrico. É um pediatra muito famoso e não tem muito tempo para entrevistas. Tenho que mesmo de ir!

32. Jorge: Ouvi dizer que estás numa turma nova. Estás a gostar?

Emília: Pois, estou. A minha turma é mesmo fixe.

Jorge: Ótimo! E o que fazes fora da escola?

Emília: Hoje, por exemplo, combinei um jantar com uma colega da minha turma. Chama-se Ângela e ela é muito minha amiga.

33. Uma conversa telefónica

Cristina: Bom dia. Wall Street Institute. Fala Cristina.

Ricardo: Olá, Cristina. É o Ricardo. Tens tempo para falar?

Cristina: Agora, não. Desculpa, mas estou realmente muito ocupada. Tenho um encontro com uma aluna da minha turma de Inglês. Ela precisa de ajuda.

34. Encontro na rua.

Rita: Olá, Mauro! É tão bom encontrar-te de novo. Não sabia que estavas em Lisboa.

Mauro: Vou estar aqui durante esta semana. Vim visitar um amigo de infância. Chama-se Manuel Silva e agora mora na Baixa.

35. Vanessa: Vais comigo às compras?

Teresa: Não posso! Ontem conheci um rapaz giríssimo! Marquei um encontro com ele.

8º [-definite, -specific] Sem escopo, sem conhecimento do falante

36. Numa universidade

Professor: Estou à procura da professora Sílvia Sousa.

Secretária: Acho que ela está muito ocupada. Está na hora de atendimento dela.

Professor: O que é que ela está a fazer?

Secretária: Está a falar com um estudante, mas não sei quem ele é.

37. Carina: Onde está a Beta? Ela vem jantar?

Ana: Não. Ela vai comer com um colega. Mas não sei quem ele é.

38. Cristiano: Preciso de encontrar o teu colega de quarto João imediatamente.

Clara: Ele não está. Foi para os Açores.

Cristiano: Ah, é? Para os Açores para onde?

Clara: Não tenho a certeza. Vai estar com um amigo, mas não me contou qual deles. E não me deixou nenhum contacto.

39. Gilda: Imagina! A minha prima Cláudia está em Lisboa.

Roberto: Boa! O que é que ela está a fazer aqui?

Gilda: Está a fazer entrevistas para a revista dela. Vai entrevistar um político. Receio que não saiba quem ele é. Mas, pronto, leio depois o artigo dela.

40. Na biblioteca

Maria: Apetece-me ler alguma coisa divertida. Quero descansar a cabeça. Sugere-me um autor?

Funcionária: Claro. Temos aqui uma secção inteira de literatura de entretenimento.

9º [+definido, +específico], da menção prévia (definido simples)

41. Verónica: Onde estiveste este feriado? Tentei falar contigo, mas tu nunca estavas.

Raquel: Fui a uma livraria.

Verónica: Compraste alguma coisa?

Raquel: Muita coisa: revistas, canetas, cadernos e um livro muito interessante. Estou mesmo a adorar o livro.

42. Sara: Ontem, levei a minha neta Mónica a passear no parque.

Maria: E ela gostou?

Sara: Divertiu-se um bocado. Ela viu uma pequena menina e dois rapazes no parque. Embora ela seja um pouco tímida, acabou por falar com a menina.

43. Célia: Como estão as coisas na quinta do teu avô Manel?

André: Está tudo bem, obrigado. No verão passado, o avô precisava de animais novos, então veio a uma feira de animais.

Célia: E encontrou alguma coisa?

André: Sim, encontrou. Ele queria comprar uma grande vaca e um pequeno cavalo, mas como não tinha dinheiro suficiente, comprou só o cavalo.

44. Alice: O que é que tu estavas a fazer ontem à noite?

Sónia: Fui à FNAC. Comprei dois CD's: um filme e um jogo. Depois, à noite, fiquei em casa a ver o filme.

45. Na loja

Cliente: Na semana passada, vi (50) um vestido chiquérrimo. E agora não o encontro!

Empregada: Está na secção errada. Dirija-se à secção de senhora e a minha colega vai ajudá-la a encontrar o vestido.

10º [-definido, -específico], da primeira menção (indefinido simples)

46. Anna: No sábado passado, não pude sair, estava a chover.

Lídia: Então, o que fizeste?

Anna: Primeiro, fiz as limpezas, depois lanchei e, mais tarde, li um livro.

47. Eduardo: O meu amigo Tiago foi ao escritório hoje, mas realmente não estava com muita vontade de trabalhar.

Paulo: Então, o que é que ele estava a fazer?

Eduardo: Bem, andava a passear pelo departamento todo, foi tomar café, consultar a caixa de correio e falar com um colega.

48. Maria: Ouvi dizer que o seu filho fez anos este fim-de-semana? A festa correu bem?

Jorge: Pois, correu! Ele recebeu imensas prendas: livros, brinquedos e a melhor prenda de todas foi um cachorro!

49. Tiago: Como foi a sua viagem ao Brasil?

Susana: Fabulosa! Visitei muitos museus e fui a imensos restaurantes. Também visitei muitos amigos. E ainda fui ver uma peça de teatro.

50. Na loja

Cliente: Na semana passada, vi um vestido chiquérrimo. E agora não o encontro!

Empregada: Está na secção errada. Dirija-se à secção de senhora e a minha colega vai ajudá-la a encontrar (45) o vestido

11º [-definido] Predicativo de sujeito nominal

51. No hospital

Utente: Ó doutora! O que é que eu tenho?

Médica: Nada de muito grave! Tem uma indigestão ligeira. Vou-lhe receitar uns comprimidos e a dor passa logo.

Utente: Muito obrigada! A senhora é um anjo!

52. Reunião

Director de Recursos Humanos: Quero reestruturar o Departamento de Logística. Temos pessoal a mais. Não há verbas.

Director de Logística: Não acho. Temos uma equipa muito qualificada e somos uma mais-valia para a empresa!

53. Depois da viagem.

Mãe: Finalmente, estamos em casa!

Filha: Não te queixes! A viagem correu bem! E aquelas ilhas! Uau, são um sonho!

54. Na empresa.

Susana: Sabias que o Tiago recusou a oferta de aumento do escalão?
Fizeram-lhe uma proposta e ele disse que a carreira não é a prioridade dele!
Mauro: Pois, ele é um pateta!

55. Operação “Stop”

Condutor: Vá lá, Sr. Agente! Só bebi dois copos de vinho ao almoço!
Agente: Mas o senhor estava a conduzir a 120 km! Não viu o sinal? O senhor é uma ameaça!

12º [+definido] Predicativo de sujeito nominal

56. Notícia no jornal

Já é oficial! Um português é, de novo, o vencedor da Bola de Ouro. A revista francesa divulgou o nome e pôs fim a todas as dúvidas: Cristiano Ronaldo tornou-se o terceiro português a conquistar este prestigiado troféu, que distingue o Melhor Jogador de 2008.

57. Encontro na conferência.

Estudante1: Também viste o cartaz afixado na entrada?
Estudante2: Pois, vi. É uma conferência muito interessante. E há muitos convidados importantes. Estás a ver aquele senhor? Não o reconheces? É o reitor da nossa universidade.

58. Nas Urgências

Utente: Ó senhora enfermeira! Estou mesmo aflito! Posso ser atendido já?
Enfermeira: Fale com aquela senhora. É a médica de serviço.

59. Na loja de informática

Cliente: Bom dia! Gostaria de comprar um computador, mas não percebo nada nesta área.
Vendedor: Não faz mal. Vou chamar o Sr. Pires. É ele o responsável pelo sector.

60. Festa de anos

Pedro: Fui convidado para uma festa de anos de uma amiga. Queres vir comigo?

Manuel: Achas? Não fui convidado.

Pedro: Não faz mal. Ela é muito fixe.

...

Pedro: Aquela rapariga alta é a aniversariante. Vamos cumprimentá-la!

13º [+definido; +específico] Possessivo nulo

61. (a), (b), (c) Nos transportes públicos

Fiscal: Mostre-me (a) o título de transporte, se faz favor.

Passageiro: Nem sabe o que me aconteceu. Estava muito atrasado. Deixei

(b) a carteira em casa juntamente com (c) o passe.

Fiscal: Lamento, mas terá que pagar (20) a multa prevista!

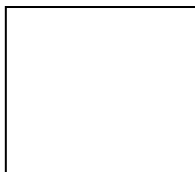
62. Maria: Então, sempre foste àquela feira de que te falei?

Sónia: Fui. Adorei. Vende-se tudo ao preço da chuva. Comprei umas calças muito giras! Mas nem sabes o que me aconteceu depois! Roubaram-me o carro!

63. Joana: Finalmente, estou de férias!

Helena: Vais fazer o quê?

Joana: Vou viajar! Ainda não marquei a passagem nem sei para onde vou, mas já fiz a mala!

Anexo 3. Teste de ocorrência de artigos**Teste****Dados de informante**

Língua materna _____

Língua que fala em casa _____

Língua que fala no trabalho _____

Idade _____

Sexo _____

Profissão _____

Habilitações _____

Onde aprendeu português?

Em Portugal _____ Outro país (indicar onde) _____

Durante quanto tempo

____ menos de um ano; ____ de um a dois anos; ____ de dois a três anos; ____ mais.

Indique o estabelecimento _____

Há quanto tempo está em Portugal? _____

Descreva o percurso de aprendizagem. (só para falantes não-nativos) _____

Quando achar necessário, preencha o espaço em branco com uma das seguintes formas: *o, a, os, as, um, uma, uns, umas*.

1. Alice: O que é que tu estavas a fazer ontem à noite?

Sónia: Fui à FNAC. Comprei dois CD's: um filme e um jogo. Depois, à noite, fiquei em casa a ver ____ filme.

2. Operação "Stop"

Condutor: Vá lá, Sr. Agente! Só bebi dois copos de vinho ao almoço!

Agente: Mas o senhor estava a conduzir a 120 km! Não viu o sinal? O senhor é ____ ameaça!

3. Numa livraria para crianças

Criança: Gostava de levar alguma coisa para ler, mas não sei o quê.

Vendedor: Bem, o que gostas mais? Temos livros das mais variadas temáticas.

Criança: Gosto das coisas que se movem: carros, comboios ... Já sei! Queria levar ____ livro sobre aviões. Adoro ler sobre pilotagem!

4. Num restaurante.

Empregado: O senhor já quer pedir ou ainda está à espera de alguém?

Cliente: Não se importa de voltar daqui alguns minutos? É que quero almoçar com ____ colega de trabalho. Ela deve aparecer daqui a pouco.

5. Numa livraria

Cristina: Bem. Já comprei tudo o que queria. Podemos ir embora?

Miguel: Podes esperar um pouco? Queria falar com ____ gerente da livraria. É minha amiga.

6. Rosa: Vamos jantar com o teu irmão Samuel à noite.

Pedro: Não, ele está ocupado. Ele já tem um compromisso com ____ gerente da empresa dele. Não faço ideia de quem se trata, mas tenho a certeza de que o Samuel não poderá cancelar o jantar marcado.

7. No hospital

Utente: Ó doutora! O que é que eu tenho?

Médica: Nada de muito grave! Tem uma indigestão ligeira. Vou-lhe receitar uns comprimidos e a dor passa logo.

Utente: Muito obrigada! A senhora é ____ anjo!

8. Notícia no jornal

Já é oficial! Um português é, de novo, ____ vencedor da Bola de Ouro. A revista francesa divulgou o nome e pôs fim a todas as dúvidas: Cristiano Ronaldo tornou-se o terceiro português a conquistar este prestigiado troféu, que distingue o Melhor Jogador de 2008.

9. Sérgio: Tenho um problema. Não consigo adquirir a nacionalidade portuguesa.

Júlia: Então?

Sérgio. Preciso de um conselho. Estou à procura de ____ advogado muito experiente. É o que devo fazer no meu caso, não é?

10. Tiago: Como foi a sua viagem ao Brasil?

Susana: Fabulosa! Visitei muitos museus e fui a imensos restaurantes. Também visitei muitos amigos. E ainda fui ver ____ peça de teatro.

11. Sara: Ontem, levei a minha neta Mónica a passear no parque.

Maria: E ela gostou?

Sara: Divertiu-se um bocado. Ela viu uma pequena menina e dois rapazes no parque. Embora ela seja um pouco tímida, acabou por falar com ____ menina.

12. Conversa entre um polícia e um repórter

Repórter: Há uns dias, o Senhor José Pereira, um famoso político, foi assassinado! Estão a investigar o assassínio dele?

Polícia: Sim. Nós estamos a tentar encontrar ____ assassino do Senhor Pereira, mas ainda não sabemos quem é.

13. Nos transportes públicos

Fiscal: Mostre-me _____ título de transporte, se faz favor.

Passageiro: Nem sabe o que me aconteceu. Estava muito atrasado. Deixei _____ carteira em casa juntamente com _____ passe.

Fiscal: Lamento, mas terá que pagar _____ multa prevista!

14. Nos “Perdidos e Achados”

Funcionário: Posso ajudar? Está à procura de alguma coisa que tinha perdido?

Homem: Sim... Sei que tem muitas coisas aqui, mas, talvez, tenha aquilo que eu procuro. Estou a tentar encontrar _____ cachecol verde que perdi.

15. Conversa entre dois polícias

Agente Silva: Há que tempo não o vejo. Deve estar muito ocupado.

Agente Teixeira: Pois, estou. Ouviu falar sobre a Senhora Sara Andrews, uma famosa advogada que foi assassinada há algumas semanas? Nós estamos a tentar encontrar _____ assassino da senhora. Chama-se Roger Williams e é um criminoso muito conhecido.

16. Miguel: Tenho uma novidade! Lembras-te da minha amiga Jéssica, aquela que é jornalista?

Ângela: Claro! O que é que ela tem?

Miguel: Ela conseguiu um excelente emprego num jornal. Hoje, ela vai entrevistar _____ governador de Minas Gerais! Não sei quem é ... mas para a Jéssica esta entrevista é realmente importante!

17. Na loja

Cliente: Na semana passada, vi _____ vestido chiquérrimo. E agora não o encontro!

Empregada: Está na secção errada. Dirija-se à secção de senhora e a minha colega vai ajudá-la a encontrar _____ vestido.

18. Vanessa: Vais comigo às compras?

Teresa: Não posso! Ontem conheci _____ rapaz giríssimo! Marquei um encontro com ele.

19. Na repartição das finanças.

Senhor: Bom dia! O que é que eu faço para abrir actividade em nome individual?

Funcionária: Bom dia! Terá que preencher _____ impresso nº 9, depois comprar a caderneta de recibos e, no final de cada ano, entregar a declaração Modelo 37 com todos os anexos preenchidos.

20. Cristiano: Preciso de encontrar o teu colega de quarto João imediatamente.

Clara: Ele não está. Foi para os Açores.

Cristiano: Ah, é? Para os Açores para onde?

Clara: Não tenho a certeza. Vai estar com _____ amigo, mas não me contou qual deles. E não me deixou nenhum contacto.

21. Verónica: Onde estiveste este feriado? Tentei falar contigo, mas tu nunca estavas.

Raquel: Fui a uma livraria.

Verónica: Compraste alguma coisa?

Raquel: Muita coisa: revistas, canetas, cadernos e um livro muito interessante. Estou mesmo a adorar _____ livro.

22. Paulo: Tens tempo para o almoço?

Sandra: Não, estou muito ocupada. Tenho um encontro com ____ reitor da nossa universidade, Senhor Doutor Ricardo Pinto. É um encontro importantíssimo.

23. Na empresa.

Susana: Sabias que o Tiago recusou a oferta de aumento do escalão? Fizeram-lhe uma proposta e ele disse que a carreira não é a prioridade dele!

Mauro: Pois, ele é _____ pateta!

24. Célia: Como estão as coisas na quinta do teu avô Manel?

André: Está tudo bem, obrigado. No verão passado, o avô precisava de animais novos, então veio a uma feira de animais.

Célia: E encontrou alguma coisa?

André: Sim, encontrou. Ele queria comprar uma grande vaca e um pequeno cavalo, mas como não tinha dinheiro suficiente, comprou só _____ cavalo.

25. Maria: Então, sempre foste àquela feira de que te falei?

Sónia: Fui. Adorei. Vende-se tudo ao preço da chuva. Comprei umas calças muito giras! Mas nem sabes o que me aconteceu depois! Roubaram-me _____ carro!

26. Mário: Estou à procura do Erik. Ele está em casa?

Ricardo: Está, mas está a falar ao telefone. Tem um assunto importante para tratar. Está a falar com _____ patrão da empresa dele. Não o conheço, mas a conversa parece ser importante para o Erik.

27. Na biblioteca

Maria: Apetece-me ler alguma coisa divertida. Quero descansar a cabeça. Sugere-me _____ autor?

Funcionária: Claro. Temos aqui uma secção inteira de literatura de entretenimento.

28. – Já ouviste a notícia? Tencionam construir _____ novo fórum no Barreiro!

- Não sabia.

29. Cátia: A minha filha Joana adora aquela série “Morangos com Açúcar”.

Lara: Então, ela está com sorte! Amanhã, vou almoçar com _____ realizador da série. É meu amigo. Queres um autógrafo dele?

30. Jornalista 1: Olá! Há tanto tempo! Tens tempo para um cafezinho?

Jornalista 2: Que pena, não tenho. Estou muito ocupado com uma reportagem sobre o sistema de saúde. Hoje, vou entrevistar ____ médico do Hospital Pediátrico. É um pediatra muito famoso e não tem muito tempo para entrevistas. Tenho que mesmo de ir!

31. Joana: Finalmente, estou de férias!

Helena: Vais fazer o quê?

Joana: Vou viajar! Ainda não marquei a passagem nem sei para onde vou, mas já fiz ____ mala!

32. Numa universidade

Professor: Estou à procura da professora Sílvia Sousa.

Secretária: Acho que ela está muito ocupada. Está na hora de atendimento dela.

Professor: O que é que ela está a fazer?

Secretária: Está a falar com ____ estudante, mas não sei quem ele é.

33. Na biblioteca

Funcionária: Posso ajudar?

Visitante: Espero que sim. Foi-me sugerido um livro da História da Arte. Não sei como se chama ____ autor. Só sei que é muito conhecido e o livro tem capa vermelha com letras brancas.

Funcionária: Bem, assim, não vai ser fácil.

34. Festa de anos

Pedro: Fui convidado para uma festa de anos de uma amiga. Queres vir comigo?

Manuel: Achas? Não fui convidado.

Pedro: Não faz mal. Ela é muito fixe.

...

Pedro: Aquela rapariga alta é ____ aniversariante. Vamos cumprimentá-la!

35. Anna: No sábado passado, não pude sair, estava a chover.

Lídia: Então, o que fizeste?

Anna: Primeiro, fiz as limpezas, depois lanchei e, mais tarde, li ____ livro.

36. Eduardo: O meu amigo Tiago foi ao escritório hoje, mas realmente não estava com muita vontade de trabalhar.

Paulo: Então, o que é que ele estava a fazer?

Eduardo: Bem, andava a passear pelo departamento todo, foi tomar café, consultar a caixa de correio e falar com ____ colega.

37. Erik: Gostei imenso daquele livro que me deste no meu aniversário. É muito interessante.

Laura: Obrigada! Também gosto. Gostava de conhecer ____ autora desse livro. Eu vi uma entrevista com ela na TV e realmente gostei dela.

38. Anna: - Então, parece que não dormiste!

Nádia: - Ontem à noite, não conseguia adormecer. Estava preocupada com a manifestação de amanhã. Então pus-me a ler ____ legislação.

39. Na loja de informática

Cliente: Bom dia! Gostaria de comprar um computador, mas não percebo nada nesta área.

Vendedor: Não faz mal. Vou chamar o Sr. Pires. É ele ____ responsável pelo sector.

40. Encontro na conferência.

Estudante1: Também viste o cartaz afixado na entrada?

Estudante2: Pois, vi. É uma conferência muito interessante. E há muitos convidados importantes. Estás a ver aquele senhor? Não o reconheces? É ____ reitor da nossa universidade.

41. Numa galeria

Sara: Estás a ver aquela belíssima paisagem?

Maria: Sim. É um espanto!

Sara: Eu gostava de conhecer ____ autor deste quadro. Infelizmente, nem faço ideia de quem ele é. O quadro não está assinado.

42. Na polícia

Queixoso: Quero apresentar uma queixa! Fui assaltado. Veja lá se encontram o assaltante. Procurem ____ homem de mais ou menos 1,70m, muito magro e com cabelo escuro.

43. Jorge: Ouvi dizer que estás numa turma nova. Estás a gostar?

Emília: Pois, estou. A minha turma é mesmo fixe.

Jorge: Ótimo! E o que fazes fora da escola?

Emília: Hoje, por exemplo, combinei um jantar com ____ colega da minha turma. Chama-se Ângela e ela é muito minha amiga.

44. Maria: Ouvi dizer que o seu filho fez anos este fim-de-semana? A festa correu bem?

Jorge: Pois, correu! Ele recebeu imensas prendas: livros, brinquedos e a melhor prenda de todas foi ____ cachorro!

45. Uma conversa telefónica

Cristina: Bom dia. Wall Street Institute. Fala Cristina.

Ricardo: Olá, Cristina. É o Ricardo. Tens tempo para falar?

Cristina: Agora, não. Desculpa, mas estou realmente muito ocupada. Tenho um encontro com ____ aluna da minha turma de Inglês. Ela precisa de ajuda.

46. Num talho

Empregado: Posso ajudar?

Cliente: Se faz favor. Estou mesmo irritado! Comprei carne neste talho, mas está completamente estragada! Quero falar com ____ responsável do estabelecimento. Não faço ideia de quem ele é, mas quero vê-lo imediatamente!

47. Uma conversa telefónica

Maria: Olá, Alex. O Luís está?

Alex: Ele foi ao Porto este fim de semana.

Maria: Estou a ver. Precisava realmente de falar com ele. Como poderia encontrá-lo no Porto?

Alex: Não sei. Ele combinou um encontro com _____ mãe do melhor amigo dele. Não a conheço, e nem o número dela tenho.

48. Depois da viagem.

Mãe: Finalmente, estamos em casa!

Filha: Não te queixes! A viagem correu bem! E aquelas ilhas! Uau, são _____ sonho!

49. No final de um torneio de xadrez

Laura: Podemos ir embora?

Beta: Não, ainda não. Antes, queria falar com _____ vencedora do torneio. Ela é minha amiga. Quero dar-lhe os parabéns.

50. Encontro no parque

André: Olá, Teresa! O que está a fazer em Lisboa? Trabalha aqui?

Teresa: Não, estou aqui por motivos pessoais. Vou visitar _____ pai do meu noivo. É muito boa pessoa, e ainda por cima vai pagar o nosso casamento!

51. Num aeroporto, na sala de chegada de passageiros.

Homem: Peço desculpa, o senhor trabalha aqui?

Segurança: Sim.

Homem: Então, provavelmente poderá ajudar-me. Estou a tentar encontrar _____ menina ruiva. Acho que ela chegou no voo nº 239.

52. Reunião

Director de Recursos Humanos: Quero reestruturar o Departamento de Logística. Temos pessoal a mais. Não há verbas.

Director de Logística: Não acho. Temos uma equipa muito qualificada e somos _____ mais-valia para a empresa!

53. Carina: Onde está a Beta? Ela vem jantar?

Ana: Não. Ela vai comer com _____ colega. Mas não sei quem ele é.

54. Repórter 1: Imagina! Finalmente tenho um assunto importante!

Repórter 2: Boa! Qual é?

Repórter 1: Esta semana, vou fazer uma entrevista com _____ presidente da Câmara Municipal do Porto, o Senhor Paulo Silva. Estou tão ansioso!

55. Depois de uma corrida feminina

Repórter: Desculpe! Posso entrar?

Segurança: Precisa de alguma coisa?

Repórter: Sou repórter. Precisava de falar com _____ vencedora da corrida. Como não a conheço, pode ajudar-me?

56. Ourivesaria. Uma conversa telefónica.

Vendedor: Bom dia, fala da Ourivesaria Matias. Posso fazer alguma coisa por si, minha senhora?

Cliente: Pois ... Ouvi dizer que o senhor também aceita as jóias antigas que as pessoas têm.

Vendedor: Exactamente.

Cliente: Neste caso, queria propor-lhe _____ lindíssimo colar de prata. É muito valioso. Está na nossa família há 100 anos.

57. Gilda: Imagina! A minha prima Cláudia está em Lisboa.

Roberto: Boa! O que é que ela está a fazer aqui?

Gilda: Está a fazer entrevistas para a revista dela. Vai entrevistar _____ político. Receio que não saiba quem ele é. Mas, pronto, leio depois o artigo dela.

58. Numa escola.

Aluno: Sou novo nesta escola. Hoje é o meu primeiro dia.

Professor: Bem-vindo! Hoje organizámos uma festa na escola. Quer vir?

Aluno: Claro. Gostaria de conhecer os meus colegas de turma. Espero encontrar _____ novo amigo. Não gosto de estar sozinho.

59. Encontro na rua.

Rita: Olá, Mauro! É tão bom encontrar-te de novo. Não sabia que estavas em Lisboa.

Mauro: Vou estar aqui durante esta semana. Vim visitar ____ amigo de infância. Chama-se Manuel Silva e agora mora na Baixa.

60. Nas Urgências

Utente: Ó senhora enfermeira! Estou mesmo aflito! Posso ser atendido já?

Enfermeira: Fale com aquela senhora. É ____ médica de serviço.

61. Numa loja.

Empregada: Posso ajudar?

Cliente: Agradecia. Revirei a loja toda e não encontro o que quero. Estou à procura de ____ chapéu de malha. Está muito frio lá fora.

Anexo 4. Teste para atribuição de nível

*Leia com atenção o texto proposto, publicado no jornal “Destak” em linha.
18.05.2009*



Trabalho e sistema jurídico

Cada vez mais portugueses se sujeitam a situações de assédio moral ou simplesmente de insegurança laboral. Efeitos da crise que podem, no entanto, ser considerados “um pau de dois bicos”.

Numa altura em que as taxas de desemprego atingem máximos históricos, o número de portugueses que se sujeita a sacrifícios em prol da manutenção do seu trabalho é crescente. O jornal “Destak” falou a propósito deste tema com o presidente da Associação Portuguesa de Profissionais em Sociologia Industrial das Organizações e do Trabalho, Norberto Rodrigues.

O responsável considera que tal atitude só vem aumentar o número de trabalhadores que são vítimas de assédio moral ou sofrem de pressão laboral e não apresentam queixa às autoridades, nomeadamente a Autoridade para as Condições do Trabalho e o sistema jurídico.

Para os trabalhadores, as consequências podem ser outras. Norberto Rodrigues refere ao jornal que nos últimos tempos se tem assistido ao aumento de situações de stress, ansiedade e tensão entre os portugueses e também entre os europeus. São riscos psico-sociais causados por relações laborais degradadas.

O assédio moral é definido pelo Código do Trabalho como um conjunto de comportamentos que visam afectar o trabalhador na sua dignidade, envolvendo humilhações e ambientes hostis e intimidadores. Não podemos, porém, esquecer todas as situações em que tal ambiente é criado de forma não explícita. São casos em que os colaboradores são postos de parte, com o objectivo de os levar ao despedimento.

Mas se é certo que a crise vem piorar a relação empresa-colaborador é também certo que essa degradação pode intensificar-se no sentido inverso. Ou seja, se, por um lado, a crise vem motivar o aumento do assédio moral por parte dos empresários, por outro, pode também vir diminuir a lealdade dos colaboradores. Assim noticiava recentemente o “Financial Times”, dando conta do aumento das denúncias de fraude durante o primeiro trimestre do ano.

1. Escolha a hipótese certa, de acordo com o texto:

Os portugueses sujeitam-se cada vez mais a sacrifícios

- a) para conseguir um novo emprego.
- b) porque tem que fazer cada vez mais tarefas.
- c) para não serem despedidos do seu posto de trabalho.
- d) por causa da lei que saiu recentemente.

Segundo o entrevistado de “Destak”, são cada vez mais os trabalhadores

- a) que apresentam queixa às autoridades.
- b) que não apresentam queixa às autoridades.
- c) que se queixam da Autoridade para as Condições do Trabalho.
- d) que receiam a acção da Autoridade para as Condições do Trabalho.

A situação psico-social do trabalho em Portugal tem vindo evoluir

- a) ao contrário do que acontece nos restantes países europeus.
- b) negativamente, como acontece nos países europeus.
- c) positivamente, não se registando um agravamento das relações laborais.
- d) satisfatoriamente, pois não aumentou a pressão laboral nas empresas portuguesas, apesar da crise.

O assédio moral a trabalhadores na empresa

- a) é fácil de provar porque resulta de comportamentos claros que todos reconhecem.
- b) não é sempre fácil de provar, porque as empresas têm bons advogados.
- c) não é sempre fácil de provar, porque a lei é pouco clara.
- d) não é sempre fácil de provar, porque resulta de um ambiente não muito evidente e difícil de explicar.

2.

a) Um trabalhador competente sente diariamente que o seu esforço não é valorizado pelos seus superiores. Ninguém o critica directamente, mas o silêncio que o rodeia parece demonstrar o desinteresse patronal nos seus serviços.

Diga, de acordo com o artigo que leu, se esta situação pode ser entendida como assédio moral. Explique porquê.

b) A pequena foto que acompanha o artigo “Trabalho e sistema jurídico” procura ilustrar o assunto nele tratado.

Descreva-a e diga se, na sua opinião, ela é uma boa ilustração.

Vocabulário

a propósito deste tema – на эту тему.

assédio – притеснение; давление.

atingir – достигать.

atitude – отношение.

consequência – следствие.

considerar – считаться.

denúncia – жалоба.

em prol – в пользу.

explícito – явный; открытый.

fraude – нарушение.

hostil – враждебный.

intimidador – оказывающий давление.

inverso – противоположный.

lealdade – лояльность.

sujeitar-se – подвергаться.

visar – иметь целью; добиваться.

Anexo 5. Dados dos falantes de L2 português excluídos